

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

BRUNA WEIS SCIREA

**NOTÍCIA EM TEMPO REAL: AS IMPLICAÇÕES DA INSTANTANEIDADE NA
LEGITIMIDADE E NA CREDIBILIDADE TELEJORNALÍSTICAS**

Prof. Dra. Cristiane Finger Costa
Orientadora

Porto Alegre
2016

BRUNA WEIS SCIREA

**NOTÍCIA EM TEMPO REAL: AS IMPLICAÇÕES DA INSTANTANEIDADE NA
LEGITIMIDADE E NA CREDIBILIDADE TELEJORNALÍSTICAS**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Cristiane Finger Costa

Porto Alegre
2016

BRUNA WEIS SCIREA

**NOTÍCIA EM TEMPO REAL: AS IMPLICAÇÕES DA INSTANTANEIDADE NA
LEGITIMIDADE E NA CREDIBILIDADE TELEJORNALÍSTICAS**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Cristiane Finger Costa

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Juliana Tonin

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre

2016

Aos meus pais, Eduardo e Leni.

AGRADECIMENTOS

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e à Faculdade de Comunicação Social (Famecos), que mais uma vez me acolheram.

Aos professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM), pela parceria nesta caminhada.

À minha orientadora, professora Cristiane Finger, pela confiança, paciência e apoio durante esta trajetória.

Aos professores Juliana Tonin e Flávio Porcello pelas importantes contribuições com esta pesquisa.

Aos amigos e colegas de trabalho pelo incentivo dado a esta etapa da minha formação.

A quem com carinho suportou meus dias de caos, Augusto.

Aos meus maiores apoiadores, meus pais, Leni e Eduardo.

RESUMO

Inserida na grande esfera das Ciências Sociais Aplicadas, na Comunicação e no campo dos Estudos em Jornalismo, esta dissertação tem como tema o jornalismo televisivo neste início de século XXI. Este estudo parte da premissa de que a evolução da comunicação mediada pela internet teve impacto direto em todos os processos comunicativos, dos quais não escapam a televisão, nem um dos seus formatos mais consolidados, que é o telejornal. O efeito é a ampliação da instantaneidade dos processos de divulgação das notícias, resultando no reforço do uso das transmissões ao vivo. O objetivo geral é analisar as implicações que a alteração na temporalidade das transmissões da notícia, que se tornaram mais imediatas devido ao avanço e à convergência das novas tecnologias, teve na legitimidade e na credibilidade do fazer jornalístico televisivo. A pesquisa adotou como objeto a cobertura dos atentados simultâneos em Paris, em 13 de novembro de 2015, realizada pela Globo News. O *corpus* foi delimitado em 91 trechos das transmissões disponibilizados em vídeos publicados no site da emissora nos cinco primeiros dias de cobertura — material que foi investigado a partir da Análise de Conteúdo, sistematizada por Bardin (1977). Na fundamentação teórica deste estudo foram utilizados, entre outros, os conceitos de Becker (2005), Rezende (2000), Emerim e Cavenaghi (2012), Fachine (2008), Franciscato (2003), Silva (2008) e Vizeu (2008).

Palavras-chave: Comunicação, Telejornalismo; Coberturas ao vivo; Transmissão direta; Construção da notícia, Credibilidade

ABSTRACT

Under the vast area of Applied Social Sciences, in the sphere of Communication and Journalism Studies, this research discuss the television broadcast journalism in the beginning of 21st century. This study starts with the hypothesis that the evolution of internet communication has a direct impact over all the communication processes, which include television, likewise television journalism, one of the most well-established formats. This impact is the rise of the instantaneousness in the news spread processes, resulting in the increase of live broadcasting. The general purpose is to analyse the consequences that the temporality modification in news broadcasting, wich became more immediate due to the progress and the convergence of new technologies, has in the legitimacy and in the credibility of the television broadcast performance. This research took as subject the coverage of Paris simultaneous attacks, on November 13th 2015, performed by “Globo News”, a brazilian news television channel. Ninety-one samples of the television broadcast coverage were used. These samples were released on the channel website in the first five days of the coverage and were studied using the techniques of Content Analysis, according to Bardin’s (1977) perspective. The theoretical ground is based on, among others, Becker (2005), Rezende (2000), Emerim and Cavenaghi (2012), Fechine (2008), Franciscato (2003), Silva (2008), Vizeu (2008).

Keywords: Communication, Telejournalism; Live news coverage; Television broadcast; Credibility

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência de gravações e transmissões ao vivo na cobertura	75
Gráfico 2 - Frequência de tempo real e de tempo atual nas transmissões ao vivo	77
Gráfico 3 - Frequência das transmissões em tempo atual quanto à localização.....	78
Gráfico 4 - Frequência de tecnologias empregadas em transmissões em tempo real	79

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Ilustração 1 – À esquerda, correspondente Lúcia Müzell no momento em que interrompe a programação para noticiar os atentados em Paris. À direita, imagens da CNN cobrem o relato da correspondente sobre os ataques..... 80
- Ilustração 2 - Por ligação via celular, Carolina Cimenti faz transmissão em tempo real diretamente do Stade de France (à esquerda). À direita, foto publicada na internet mostra o interior do estádio, e imagens da CNN mostram o cerco policial em local de atentado 82
- Ilustração 3 - Paulo Mariotti faz transmissão em tempo real das ruas de Paris (à esquerda). Correspondente em entrada ao vivo em frente à Torre Eiffel, que ficou fechada após os ataques na cidade (à direita) 86
- Ilustração 4 - Bianca Rothier, em uma das poucas inserções em tempo real, relata homenagens às vítimas (à esquerda). Correspondente, a partir de ponto externo, fala sobre investigações (à direita)..... 87
- Ilustração 5 - Pedro Vedova, via satélite, traz informações sobre as operações policiais em Saint-Denis (à esquerda). Lúcia Müzell, em streaming por computador, relata as novidades sobre buscas a suspeito..... 88
- Ilustração 6 - Jornalista Danielle Legras em transmissão em tempo real das ruas de Paris (à esquerda). Em tela dividida, jornalista conversa com apresentadora que está no estúdio do Rio de Janeiro (à direita) 90
- Ilustração 7 - Carolina Cimenti em transmissão em tempo real, por streaming via celular, durante deslocamento de táxi (à esquerda). Jornalista mostra aos telespectadores a movimentação das ruas ao longo do trajeto (à direita) 91
- Ilustração 8 - Carolina Cimenti entrevista parisiense ao vivo, por streaming via celular (à esquerda). Em movimento, repórter transmite informações diretamente da frente do Bataclan (à direita)..... 92
- Ilustração 9 - Carolina Cimenti está nos arredores das operações policiais, no bairro Saint-Denis (à esquerda). Repórter movimenta a câmera do celular e circula pelas ruas do bairro (à direita)..... 94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categoria de sistematização	74
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 TELEJORNALISMO	15
1.1 A PRAÇA PÚBLICA	15
1.2 LINGUAGEM E DISCURSO	19
1.2.1 O poder da imagem.....	20
1.2.2 A necessidade da palavra.....	23
1.2.3 O discurso do telejornalismo	25
1.3 AS NOTÍCIAS.....	32
1.3.1 Os valores-notícia.....	35
2 A TEMPORALIDADE JORNALÍSTICA.....	38
2.1 A ATUALIDADE JORNALÍSTICA	38
2.2 FATORES TECNOLÓGICOS DA INSTANTANEIDADE	45
2.3 TELEJORNALISMO AO VIVO.....	53
2.4 AS ESTRATÉGIAS DA CONSTRUÇÃO DO TEMPO NO TELEJORNAL	57
3 ANÁLISE	62
3.1 METODOLOGIA: A ANÁLISE DE CONTEÚDO	62
3.2 O JORNALISMO AO VIVO DA GLOBO NEWS.....	66
3.2.1 Mapa do objeto: a cobertura do 13 de novembro de 2015	71
3.3 ANÁLISE: ETAPA QUANTITATIVA	73
3.4 ANÁLISE: ETAPA QUALITATIVA.....	79
3.4.1 A temporalidade da cobertura dos atentados em Paris	80
3.4.2 Temporalidade, legitimidade e credibilidade no fazer telejornalístico.....	96
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	111
ANEXO.....	115

INTRODUÇÃO

O avanço e a convergência das novas tecnologias e a decorrente evolução dos processos comunicativos mediados por elas resultaram em efeitos em todos os meios de comunicação. No que se refere à prática jornalística, a evolução da internet e as possibilidades de interação por meio dela trouxeram, sobretudo, um aceleramento na produção e na divulgação das notícias. Se por um lado rádios, emissoras de televisão e até jornais impressos tiveram suas rotinas modificadas e seus processos agilizados em virtude do emprego da tecnologia, por outro, viram-se, principalmente na última década, concorrendo cada vez mais com a instantaneidade do jornalismo apresentado em sites e portais de notícias e com a divulgação de informações de forma praticamente simultânea realizada via redes sociais. Não é exagero, portanto, dizer que o tempo do jornalismo já é outro — e que diferentes também passam a ser seus mecanismos de produção e suas estratégias de reconhecimento junto ao público.

É neste contexto que se desenvolve esta pesquisa que, inserida na grande esfera da Ciências Sociais Aplicadas, na Comunicação e no campo dos Estudos em Jornalismo, tem como tema o jornalismo na televisão. Partindo-se da assertiva de que as transmissões telejornalísticas estão cada vez mais permeadas pela lógica da instantaneidade — sobretudo em coberturas de grandes eventos midiáticos que ocorrem de forma inesperada —, o objetivo geral deste estudo é verificar que implicações a velocidade característica deste novo cenário das comunicações tem sobre a legitimidade e a credibilidade de conteúdos e agentes envolvidos na produção jornalística televisiva. Entre os objetivos específicos, pretende-se ainda apurar de que maneira o imediatismo foi incorporado pelas coberturas televisivas e aferir que contribuições ou prejuízos as possibilidades geradas com as novas tecnologias trouxeram para as transmissões jornalísticas na televisão.

A relevância desta dissertação justifica-se não somente em virtude do momento em que ela é apresentada — tempo em que as mídias se readaptam a fim de manterem e ampliarem seus espaços enquanto meios de informação —, mas também pelo o fato de a televisão seguir sendo um dos principais meios de comunicação do Brasil, assistido pela imensa maioria da população, a

qual a vê como referência não apenas quando busca o entretenimento, mas também quando pretende acompanhar as últimas informações do país e do mundo.

Para tanto, foi definido como objeto de análise a cobertura realizada pela emissora brasileira Globo News, canal pago da Globosat, sobre os atentados simultâneos em Paris em 13 de novembro de 2015 — ataques que deixaram, naquela noite 130 vítimas, além de outras 99 pessoas em estado grave. A escolha pela emissora deu-se em virtude de ser um canal voltado exclusivamente ao jornalismo, com grande número de transmissões realizadas ao vivo e com potencial para se derrubar toda a grade de programação prevista diante da ocorrência de um fato de grande repercussão. Já a delimitação do objeto, a cobertura dos ataques na capital francesa, ocorreu em função de seus critérios de valor-notícia e das características apresentadas durante as transmissões, evidenciadas em termos de imediatismo, mobilidade e emprego de novas tecnologias.

Na tentativa de atingir o objetivo proposto, este estudo foi dividido em quatro partes. O primeiro capítulo, intitulado “Telejornalismo”, busca inicialmente contextualizar o importante papel da televisão no cenário nacional, bem como discutir a relevância do telejornalismo para a construção de uma sociedade democrática e bem informada. Para tanto, foram buscados os trabalhos de Vizeu (2008), Wolton (1996), Rezende (2000) e Becker (2009). Em seguida, a preocupação foi em destacar alguns dos principais elementos que constituem a linguagem telejornalística: a imagem e a palavra, bem como os princípios que compõem o discurso na televisão — apanhado teórico que foi composto por Ferrés (1998), Sodré (1977), Santaella (1992), Ramos (2006), Machado (2000) e Becker (2005), entre outros autores. A partir das considerações de Traquina (2009), Alsina (2009) e Wolf (1985), dedicou-se a parte final do capítulo à discussão sobre o mais importante produto da prática jornalística, a notícia, e os critérios que fazem com que, dentre tantas informações, algumas se mostrem de maior valor, de modo que sejam apuradas e transmitidas ao público.

No segundo capítulo, nomeado “A temporalidade jornalística”, primeiramente buscou-se os conceitos que dão conta do princípio da atualidade do jornalismo, que se traduz no esforço que o fazer jornalístico tem em não descolar o seu tempo do das notícias, que é sempre o presente,

conforme Franciscato (2003), pesquisador que contribuiu com esta etapa do referencial teórico. Em seguida, foram destacados os principais avanços tecnológicos que permitiram ao jornalismo e, principalmente, ao telejornalismo, a capacidade de noticiar os fatos no local e no tempo em que ele ocorrem — ou seja, a possibilidade de se fazer coberturas cada vez mais ao vivo e em tempo real. Para tanto, foram utilizados estudos de Santaella (2008) e Silva (2008). A partir dos trabalhos desenvolvidos principalmente por Emerim e Cavenaghi (2012), foi desenvolvido ainda um subcapítulo para tratar do histórico das transmissões ao vivo na televisão brasileira, que nasce ao vivo, em 1950, e muda de perfil a partir da chegada do videoteipe (VT), na década seguinte. Na última parte deste capítulo, a pesquisa apoiou-se nos conceitos de Fachine (2008) para que fosse possível diferenciar transmissões ao vivo das transmissões em tempo real e criar categorias de sistematização a partir disso.

No terceiro capítulo, dedicado à análise, foi primeiramente realizada a apresentação da metodologia empregada nesta pesquisa, a Análise de Conteúdo sistematizada por Bardin (1977). Na sequência, fez-se um breve histórico da Globo News, a partir do levantamento de seus princípios, momentos marcantes — e também deslizes cometidos pela emissora em seus 20 anos no ar —, além da descrição da cobertura do canal sobre os atentados simultâneos em Paris, objeto deste estudo. Em seguida, foi exposto o *corpus* da análise. O recorte compreende 91 vídeos disponibilizados pela Globo News em sua página na internet, que correspondem a trechos da cobertura desde a primeira informação veiculada a respeito das explosões e tiroteios na capital francesa até 18 de novembro, cinco dias mais tarde, quando uma operação policial prendeu parte dos mentores dos atentados.

Após a definição do *corpus*, procedeu-se à leitura flutuante na intenção de fazê-lo “falar”, conforme sugere Bardin. Foram então verificadas características importantes em relação ao objetivo deste estudo, que foram transformadas em categorias de sistematização, reunidas em três unidades de registro: tempo da transmissão (gravado, tempo atual e tempo real), tecnologia empregada (internet — streaming via celular e streaming via computador, transmissão via satélite e ligação por celular) e localização do enunciador (estúdio, casa do correspondente, ponto externo, local do fato). Na sequência, o *corpus* foi categorizado a fim de se observar,

quantitativamente, como se deram as configurações relativas ao tempo das transmissões, ao local de onde foram realizadas e à tecnologia empregada.

Após esta análise quantitativa, o *corpus* foi reduzido, sendo delimitado em 45 vídeos, aqueles que correspondem a transmissões ao vivo realizadas por repórteres e correspondentes fora do estúdio da emissora. A partir deste segundo recorte foi desenvolvida a primeira camada da análise qualitativa, com o objetivo de se verificar de que maneira a convergência das novas tecnologias impactou na mobilidade dos enunciadores, na capacidade de se reportar os eventos dos locais ou de pontos próximos a onde ocorrem e, sobretudo, na temporalidade da transmissão da notícia. Na segunda camada de análise, dados obtidos na etapa anterior foram levados para outra perspectiva, com a qual se pretendeu verificar de que maneira as configurações relativas ao tempo da divulgação das notícias, imbricadas de instantaneidade, impactam o processo jornalístico e a forma como se constrói a legitimidade e a credibilidade deste fazer.

Os resultados foram apresentados nas considerações finais, que compõem o quarto e último capítulo desta análise.

1 TELEJORNALISMO

Para investigar as características do tempo da notícia e seus efeitos no reconhecimento do fazer jornalístico, buscou-se, inicialmente, um referencial teórico capaz de situar o campo de estudo, o telejornalismo. No primeiro capítulo, portanto, estão relacionados autores que se dedicaram em suas obras a evidenciar a importância social da atividade telejornalística. A preocupação também foi de trazer discussões sobre elementos que compõem a linguagem e o discurso na televisão, aproximando-os, especialmente, ao jornalismo. Ganharam destaque ainda o principal produto da prática jornalística, a notícia, e os critérios que fazem com que, dentre tantas informações que circulam, algumas tenham valor suficiente para serem apuradas e transmitidas ao público.

1.1 A PRAÇA PÚBLICA

A mídia é hoje essencial para a vida em sociedade. Os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma, contribuem para uma organização do mundo circundante. É o *lugar* em que os grandes temas nacionais ganham visibilidade, convertendo o exercício de publicização dos fatos com a possibilidade prática da democracia. Todo esse processo se produz num campo complexo de construção, desconstrução, significação e ressignificação de sentidos. O telejornal é hoje a grande *praça pública* do Brasil (VIZEU, 2008, p. 7, grifos do autor).

A importância do fazer jornalístico para a compreensão da experiência e para a vivência nas sociedades democráticas, como sugere Vizeu (2008), é indiscutível. É a partir da informação, matéria-prima do exercício do jornalista, que o cidadão domina a possibilidade de argumentar, posicionar-se e participar nos espaços público e político. Neste processo, contribuem todos os meios de veiculação, aprofundamento e interpretação de informações — entre eles, revistas, jornais, rádio, televisão e internet —, que proporcionam a seus públicos um retrato da sociedade em que estão inseridos. No entanto, no que se refere ao cenário brasileiro (e de outros tantos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento), é na televisão que a relevância da atividade jornalística tem ainda mais destaque. O motivo é pelo menos um: a TV segue sendo o meio de comunicação predominante no país.

De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015)¹, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República e desenvolvida pelo Ibope a partir de mais de 18 mil entrevistas, 95% dos brasileiros vêem televisão, sendo que 73% têm o hábito de assisti-la diariamente. Conforme o levantamento, os telespectadores passam em média 4h31min por dia, de segunda à sexta-feira, expostos ao televisor — número superior ao verificado na pesquisa anterior, de 2014, quando o tempo era de 3h29min. Quando o recorte se faz por faixa etária, descobre-se que adultos com idade superior a 56 anos são os que passam mais tempo em frente à televisão: mais de 5 horas diárias. Na faixa entre 36 e 55 anos, o tempo de consumo varia de 4h16min a 4h36min. Entre adolescentes e jovens, com idades entre 16 e 35 anos, a média é de 4h19min. Entre os entrevistados, 79% disseram que assistem à televisão principalmente para se informar, 67% vêem o meio de comunicação como uma forma de diversão e entretenimento, 32% consideram o hábito televisivo uma forma de passar o tempo livre, e 19% dedicam-se à TV para ver programas específicos. A televisão é ainda procurada por 11% dos entrevistados por uma simples, mas não menos importante, característica: servir de companhia.

Os números reforçam a visão de Wolton (2004), que define a importância do veículo pelo seu caráter democrático. Segundo o autor, “a televisão é a única atividade compartilhada por todas as classes sociais e por todas as faixas etárias, estabelecendo, assim, um laço entre todos os meios” (WOLTON, 2004, p. 135). É o que chama de laço social. De acordo com o pesquisador, isso só é possível porque a TV — e aí está, para ele, a grande característica do veículo — é generalista: possui uma grade heterogênea, reveza o erudito com o popular, fazendo com que todos os telespectadores se identifiquem com alguns de seus elementos. No prefácio do *Elogio do Grande Público*, Wolton (1996, p. 7) caracteriza o Brasil como “um país imenso, novo, com riqueza de convivência de diversas culturas”, e não hesita em afirmar que o país “amou imediatamente a televisão”. No mosaico em que se expressa a essência brasileira — a de um país em que as classes sociais ainda se contrastam, em que analfabetos convivem com especialistas de reconhecimento internacional, a de uma nação de território tão extenso geograficamente quanto é o leque de suas culturas, sotaques e costumes —, a TV permite um espaço onde as identidades e aspirações contraditórias têm a chance de conviver.

¹ Dados disponíveis em <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acessado em setembro de 2015.

O autor complementa sua argumentação sobre a importância da televisão quando afirma que os laços primários, dos quais fazem parte, por exemplo, a família, a vizinhança e a solidariedade de classe, estão cada vez mais distantes. O resultado é a fragilidade nas relações entre a massa e o indivíduo. E é na ausência de um espaço sociocultural entre a experiência do sujeito e do coletivo que se fomenta o interesse pela televisão, defende Wolton. Faz parte do caráter do veículo, portanto, “reunir indivíduos e públicos que tudo tende a separar e oferecer-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva. É a aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade que faz dessa técnica uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea” (WOLTON, 1996, p. 15). A televisão, segundo o sociólogo, é, em síntese, imagens e laço social. De um lado, tem-se a dimensão técnica: a imagem, o que permite a existência de mensagens televisivas. De outro, a dimensão social: o papel de laço, que é o uso que se faz da técnica.

Por tudo isso, a televisão torna-se indissociável da democracia de massa e repousa sobre a mesma aposta: respeitar o indivíduo e prover ao cidadão, isto é, dar ao espectador os meios de compreender o mundo em que ele vive. (...) a televisão é em nossas sociedades uma questão tão importante quanto a educação, a saúde ou a defesa. (...) é uma das grandes conquistas da democracia (WOLTON, 1996, p. 16).

As considerações de Wolton acerca da importância da televisão servem a todas as sociedades que se supõem democráticas. No caso específico do Brasil, fatores particulares contribuíram para que o veículo tivesse lugar privilegiado em relação a outros no sistema de comunicação. Entre eles, sugere Rezende (2000), estão a má distribuição de renda, a concentração da propriedade das emissoras, o baixo nível educacional, a ditadura nas décadas de 1960 e 1970, a imposição de uma homogeneidade cultural e, até mesmo, a alta qualidade da teledramaturgia no país. Segundo o autor, durante muito tempo, a televisão foi — e continua sendo, apesar do desenvolvimento dos indicadores sociais nas últimas duas décadas — “a única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população. (...) No cenário que envolve e condiciona a produção telejornalística no país, mesmo os poucos jornais de grande circulação nacional, com tiragem acima de 500 mil exemplares, têm um público muito menor se comparado ao dos principais noticiários veiculados no horário nobre” (REZENDE, 2000, p. 23). A repetição aqui é válida e vai ao encontro do que argumenta Rezende: quase 80% dos

entrevistados pela pesquisa solicitada pelo governo federal em 2015 dizem ligar a televisão principalmente para se informar. Ora, na TV, o “altar” da informação é o telejornalismo.

Em suas pesquisas, Becker (2009, p. 85) destaca que, assim como a TV, “os noticiários se consolidaram no Brasil como um território simbólico, onde os diferentes grupos sociais experimentam sentimentos de cidadania e pertencimento às sociedades complexas”. A pesquisadora defende, ainda, que a televisão assume o papel de conservação das relações de poder e, conseqüentemente, controle social a partir do agendamento político e cultural do país. E vai além. Para Becker,

[...] o noticiário televisivo é uma instituição soberana e quase intocável, carregada de múltiplos sentidos e constituindo-se, efetivamente, numa proposta reguladora das noções de realidade de local e global. Os modos de construção e transmissão das notícias trazem simulacros, que acabam por intervir, inclusive, em outros campos sociais, especialmente na política, frente à agilidade de outras instituições no Brasil. Objetivamente, a função do telejornal é narrar, dar conta dos principais fatos sociais de diferentes países em todo o mundo, Ao mesmo tempo ordena, ou melhor, reordena a experiência social do cidadão nas comunidades e em diferentes cidades. Tem, por isso, uma função política e, ao mesmo tempo, pretende ser uma abertura para o mundo (BECKER, 2005, p. 22).

É, em outras palavras, o que supõe Vizeu (2007) ao considerar o telejornalismo como resultado de uma atividade profissional de mediação, que se dedica, basicamente, a interpretar a realidade social e colocar o público em contato com os que fazem parte do “espetáculo mundano”. Para o autor, a partir dos fatos cotidianos, a mídia prepara e apresenta aos telespectadores uma realidade — dentro das normas e das regras do campo jornalístico.

Os telejornais contribuem de uma forma relevante para que os brasileiros entrem em contato e percebam o mundo que os cerca. A agenda diária de cobertura dos fatos pelos noticiários muitas vezes se confunde com a agenda pública. As conseqüências desse agendamento e do enquadramento dos acontecimentos feito pelos noticiários sugerem que eles não só nos propõem o que devemos pensar, como também nos propõem como pensar. No processo de produção da notícia, ao selecionarem determinados fatos excluindo outros, os informativos televisivos organizam, sistematizam, classificam e hierarquizam a realidade, emoldurando os acontecimentos, o cotidiano (VIZEU, 2007, n.p.).

Para o autor, o telejornalismo apresenta um *lugar de referência* para os brasileiros muito semelhante ao fornecido pela família, pelos amigos, pela escola e pela religião. Conforme Vizeu,

a televisão representa na rotina das pessoas uma espécie “de estabilidade diante da violência, da insegurança e da complexidade do cotidiano. Os telejornais funcionariam como uma janela para a realidade, mostrando que o mundo circundante existe, está lá, e tudo não se transformou num caos, e a vida segue a sua normalidade” (VIZEU, 2008, p. 21). O autor ainda argumenta, a partir das considerações de Tuchmann (1980), que, ao buscar tornar o cotidiano mais compreensível ao público, o telejornalismo tem ainda uma preocupação pedagógica, que se legitima como o lugar de “poder mostrar”, de “poder dizer” e de “poder analisar”.

(...) o enquadramento das notícias organiza a realidade cotidiana e é parte importante dessa por causa do caráter público que é uma característica essencial da notícia. (...) a notícia não só define, redefine, constitui e reconstitui significados sociais; mas também define e redefine, constitui e reconstitui maneiras de fazer coisas: os processos existentes e as instituições. E a função pedagógica ocupa um papel central nesse processo (VIZEU, 2009, p. 80).

Exposta a importância que a atividade telejornalística concentra — sobretudo em um país em que a televisão é o meio de comunicação mais universal, procurado e, como sugere Wolton (1996), “amado” —, faz-se necessário compreender os mecanismos pelos quais ela opera e os elementos pelos quais ela fascina.

1.2 LINGUAGEM E DISCURSO

Por suas características como meio de divulgação, que combina som e imagem, a televisão tem uma maneira própria de transmitir a informação. A linguagem, o tempo e o ritmo são peculiares se comparados com outros meios de comunicação — e são, também por isso, responsáveis pelo fascínio que a televisão suscita em seu público.

Uma das características próprias da televisão, no que se refere à linguagem, é a prevalência da imagem. É a capacidade iconográfica que distancia o veículo, por exemplo, de outra mídia eletrônica muito próxima: o rádio — também capaz de operar de forma imediata, noticiando os fatos no mesmo tempo em que eles ocorrem. A imagem tornou-se tão importante para a televisão que não são poucos os pesquisadores e, principalmente, profissionais do meio, que subordinam todos os outros elementos a ela. No entanto, ao menos no que diz respeito ao telejornalismo, foco deste trabalho, a imagem não se vale sozinha — apesar de sua importância. Esta pesquisa filia-se

aos autores que, no processo de transmissão de notícias, consideram as palavras e as estratégias enunciativas dos comunicadores não apenas complementares à linguagem iconográfica, mas tão importantes quanto ela. Como sugere Mota,

Na narrativa do telejornalismo, a análise precisa levar em conta que o plano de expressão é constituído de duas formas de representação: a imagética e verbal. São representações que envolvem signos diferentes: o icônico no material filmado e o simbólico, que é a palavra. (...) No plano visual, as imagens seguem uma sintaxe própria, marcada por planos gerais, médios e por closes, que têm a função de contextualizar as ações narradas. (...) O texto da notícia é ordenador do caos, ou seja, ele organiza de forma racional os vários conteúdos de um acontecimento, e neste sentido, é parafrásico, constrói um sentido dominante. Já a imagem filmada, que deve se subordinar a um texto narrado em *off* pelo repórter, possui, no entanto, uma riqueza de significados que permite diversas leituras, e constrói, assim, polissemia (MOTA, 2006, p. 133-134).

A seguir, ganham espaço a imagem e a palavra, constituintes da linguagem telejornalística, e a enunciação, o discurso do jornalismo na televisão.

1.2.1 O poder da imagem

A linguagem televisiva, e, portanto telejornalística, segundo Eco (1973), resulta da combinação de três códigos: o icônico, o linguístico e o sonoro. O primeiro refere-se à percepção visual. O segundo código, o linguístico, abrange uma ampla variedade de palavras e frases que podem ser faladas e escritas. Já o terceiro, o sonoro, assim como o icônico, se subdivide em dois tipos: os sons que denotam a si mesmos, como uma vinheta sonora, e aqueles que reproduzem ruídos de realidade, como o estampido de um tiro.

Das três perspectivas a partir das quais pode ser analisada a linguagem da TV, estudiosos como Barthes (1978) destacam a preponderância da imagem — que, nas palavras do autor, define-se como uma “mensagem sem código”. Pela sua capacidade expressiva, defende o sociólogo, a linguagem icônica na televisão assume um caráter universal e tende a atuar com maior interferência sobre o receptor, chegando quase que diretamente em sua afetividade, ao contexto dos sentimentos, sem que precise passar pela mediação do intelecto, da racionalidade. E falar com os sentimentos é justamente o que, para Green (1973, p. 61), caracteriza o grande trunfo da televisão: *“Esta posibilidad de generar una reacción emocional constituye la principal*

*diferencia entre las noticias de televisión y todas las demás*²”. Em *Periodismo de TV*, o norte-americano afirma que o uso de imagens justifica o vasto alcance da televisão enquanto fonte de informação. Para ele, as imagens movem-se e, ao mesmo tempo, comovem.

Além da capacidade de sensibilizar, destacada por Barthes (1978) e Green (1973), outro elemento característico das imagens é a tendência que possuem de serem consideradas não apenas uma representação do mundo, mas a realidade em si mesma, conforme aponta Ferrés (1998, p. 171), em *Televisão Subliminar*. “A imagem tem, em relação à palavra, uma maior possibilidade de engano: brinca com a vantagem não de se parecer mais com a realidade, mas de aparentar ser a realidade”, analisa o autor, acrescentando que profissionais da informação e políticos são sujeitos que, não raras vezes, tendem a tirar proveito da convicção de que “a imagem não mente” (FERRÉS, 1998, p. 172). Ele contesta:

Para que a televisão exerça o seu poder é imprescindível que tenha credibilidade, e os comunicadores têm estudado estratégias capazes de garantir a credibilidade. As informações relativas à Guerra do Golfo, à queda de Ceaucescu na Romênia, à invasão de Granada ou ao conflito dos Balcãs, colocam manifesta a capacidade de mentira da televisão, apesar da aparência de objetividade que a caracteriza. Mais do que reflexo da realidade, a televisão é espelho da ideologia dominante. Reflete essa ideologia impondo-a, legitimando-a, expandindo-a (FERRÉS, 1998, p. 172).

A aparência de objetividade da imagem é construída pelo encantamento e pela magia que fazem parte desta linguagem. De tal forma, para Sodré (1977), a imagem não precisa necessariamente ser o real, mas deve, no entanto, simular a realidade de forma crível ao telespectador, para o qual,

(...) a fascinação está no mero olhar, na visão familiar de um mundo que se “presentifica” ao girar o botão do aparelho do receptor. A televisão é o *voyeuse* do mundo e faz do telespectador o seu cúmplice. Mas, para que o *voyeurismo* seja efetivo, é preciso que as regras de simulação da situação real sejam eficazes (SODRÉ, 1977, p. 72).

Quando se expandiu mundialmente e ingressou no Brasil, na década de 1950, a televisão colocou a imagem no centro da civilização ocidental. “Ver para crer” passou a ser o lema do

² “Essa possibilidade de gerar uma reação emocional constitui a principal diferença entre as notícias de televisão e todas as demais notícias” (tradução livre).

veículo — e de sua audiência, que se exaltava com a possibilidade de poder assistir a notícias do mundo inteiro sem que, para isso, tivesse de deixar o conforto do sofá. Ao informar também com imagens aquilo que antes era somente lido ou ouvido, a televisão transformou o espectador em testemunha. Munida do argumento de certa objetividade intrínseca, a imagem foi capaz de propiciar credibilidade ao texto verbal e autenticar o testemunho do telespectador. E assim, a televisão, ao longo de mais de seis décadas de desenvolvimento no país, assumiu a condição inequívoca de “dar a ver” o mundo. Como sugere Rezende,

A mensagem visual — televisiva ou cinematográfica — é “multidimensional” quanto à forma e “multissensorial” em relação aos sentidos, distinguindo-se da mensagem impressa e radiofônica. Por não ser arbitrária, a ligação imagem-signo dispensa o referente e prende-se diretamente ao seu significado. Se, no vídeo, aparece uma “estrela” do cinema ou dos esportes, o telespectador poderá identificá-la prontamente. A informação impressa requer o conhecimento da língua para operar a construção do sentido, a partir do signo oral ou escrito, indispensável para a compreensão da mensagem que se recebe (REZENDE, 2000, p. 39).

De tal maneira, afirma Rezende (2000, p. 40), a televisão suplanta os demais veículos de comunicação: além dos códigos linguístico e sonoro, disponíveis também no rádio, ela “utiliza o código icônico como suporte básico de sua linguagem”. E sabe utilizá-lo. “As produções televisivas privilegiam a força expressiva da imagem, inclusive nos programas jornalísticos”, complementa o autor.

Conforme certa concepção de telejornalismo, predominantemente no Brasil, à imagem se confere uma função primordial no processo de codificação de notícias, enquanto a palavra cumpriria um papel secundário, quase de mero complemento e suporte da informação visual. Embora ressalte que a “TV funciona a partir da relação texto/imagem”, a jornalista Vera Iris Paternostro justifica a soberania do icônico, afirmando que “é com a imagem que a televisão compete com o rádio e o jornal, exercendo o seu fascínio para prender a atenção das pessoas” (REZENDE, 2000, p. 43).

Na continuidade do raciocínio, Rezende aponta um trecho do manual de telejornalismo da Rede Globo em que estaria implícito o modelo telejornalístico brasileiro — que, para ele, prioriza a imagem em detrimento de outros códigos possíveis na televisão: “Respeitar a palavra é muito importante no texto da televisão. Imprescindível, no entanto, é não esquecer que a palavra está casada com a imagem. O papel da palavra é enriquecer a informação visual. Quem achar que a

palavra pode competir com a imagem está completamente perdido” (REDE GLOBO DE TELEVISÃO apud REZENDE, 2000, p. 44). O autor sugere que, apesar de ressaltar a preponderância da imagem, o manual da emissora deixa brecha para uma compreensão mais abrangente da discussão, que não necessita ser, assim, polarizada.

Tal como no casamento entre duas pessoas, na dinâmica das relações cotidianas, tudo é possível. Ora a imagem impõem-se em sua plenitude, ora basta a palavra para a transmissão de uma notícia televisiva. Entre estes pólos, desponta uma grande variedade de alternativas, todas elas se constituindo como expressões legítimas do telejornalismo (REZENDE, 2000, p. 45).

Para o pesquisador, antes de se proclamar a televisão como o império icônico, seria mais “factível” considerar que a construção da mensagem na TV é uma “complexa intervenção de signos de natureza diversa e em contínua interação” (REZENDE, 2000, p. 45). É o que sustenta também Santaella ao mencionar que a natureza da televisão se constrói justamente no emaranhado de componentes que tem e de sentidos que provoca.

Por mais que a mensagem transmitida pela TV seja banal, superficial e esquemática, sua complexidade semiótica é sempre grande. Tudo se dá ao mesmo tempo: som, verbo, imagens que podem adquirir feições as mais diversas e multifacetadas, além do ritmo, dos cortes, junções, aproximações e distanciamentos que provavelmente se constituem num dos aspectos mais característicos dessa mídia (SANTAELLA, 1992, p. 28).

Como "tudo se dá ao mesmo tempo" na televisão, conforme sugere a autora, julga-se importante também trazer o referencial teórico que versa a importância da palavra no telejornalismo. É de que trata o subcapítulo a seguir.

1.2.2 A necessidade da palavra

A imagem, para Barthes (1999), é impactante. Tem repercussão imediata. Mexe com as emoções. Parece tocar o intangível do desejo e dos processos inconscientes. É, por essência e por excelência, polissêmica. Codifica uma pluralidade de sentidos ao mesmo tempo. A palavra, por sua vez, é menos impactante. Repercute menos. Não tem a audiência tão massificada. Parece caminhar por outro segmento. Compromete-se com a estabilidade de sentido. Está permeada pelo halo racional. Pauta-se por uma linearidade, bem ao gosto da cultura — como intertexto, segundo Barthes (s.d.) — da modernidade. Uma parece não viver sem a convivência da outra. A imagem precisa, em sua

pluralidade de sentido, de uma estabilidade. A palavra, em suas pronúncias conscientes, necessita da volúpia e da inconstância, próprias da imagem. Ambas conversam; ambas se compreendem. Relacionam-se e se inter-relacionam (RAMOS, 2006, p. 63).

Como sugere Ramos (2006), ao citar Barthes (1999), há de ser reconhecida a força que tem a imagem. Mas não é somente dela que é feita a linguagem televisiva — e, portanto, telejornalística. Os outros dois códigos, sonoro e linguístico, elencados no início do subcapítulo anterior, são, tanto quanto ela, fundamentais para a captação da atenção do telespectador e, sobretudo, para facilitar a compreensão do registro que ele terá. Nesta pesquisa, não se pretende hierarquizar os códigos um em relação aos outros. O argumento é simples e breve: cada um atua em esferas distintas e complementares.

Em comparação com o código sonoro, por exemplo, Rezende (2000) destaca que a imagem tem maior habilidade espacial, enquanto a audição predomina no que se refere ao aspecto temporal. Em outras palavras: o ouvido, em sua atividade particular, processa a operação perceptiva com mais rapidez do que a visão — esta, no entanto, por sua vez, sobressai-se na percepção analítica da mensagem recebida. A busca por um vencedor neste embate torna-se, portanto, uma tentativa fracassada: a audição e a visão suscitam percepções distintas, de forma que não há como determinar com segurança qual sentido se sobrepõe ao outro.

No que diz respeito à relação verbal/linguística *versus* visual, é reveladora a reflexão de Armando Nogueira, criador do telejornal mais antigo do país, o Jornal Nacional, e diretor da TV Globo de 1967 a 1989. Em entrevista a Rezende, em 1997, após longa trajetória profissional, o jornalista afirmou ter reconsiderado sua perspectiva sobre a relação entre imagem e texto.

Desde o primeiro momento em que comecei a me envolver em telejornalismo também me deixei seduzir pelo fascínio da imagem e difundia muito entre meus companheiros a ideia de que a gente devia ser contido no uso da palavra para valorizar a imagem. Ao longo do tempo, repensei esse meu juízo porque cheguei à conclusão, simplificando o meu pensamento, de que se a *imagem mostra, só a palavra esclarece*. Então, passei a rever o meu conceito achando o seguinte: que, ao contrário do que diz a máxima chinesa, uma boa imagem vale mais do que mil palavras, eu prefiro dizer *uma boa imagem vale mais associada a uma boa palavra* (NOGUEIRA apud REZENDE, 2000, p. 50, grifos do autor).

A palavra é elemento condutor de uma narrativa, de forma que, muitas vezes, assiste-se à TV sem se estar exatamente com os olhos fixos nela. A partir das palavras que se ouve, é possível acompanhar a programação, ou um programa telejornalístico específico, voltando o olhar para a tela somente quando algo desperta a curiosidade — sem que se perca a compreensão do conteúdo (REZENDE, 2000). Há casos em que a vinheta de um comercial de televisão vira o próprio comercial. Isso, sem falar de filmes estrangeiros que podem deixar de prender a atenção do espectador se ele, justamente, apesar de ver as imagens, não compreender o que é dito pelos personagens. Os argumentos que colocam a importância da palavra lado a lado com o poder da imagem são tantos que podem até sustentar uma concepção simetricamente radical, como a de Sodré (2000), que defende que a palavra se sobrepõe à imagem.

A comunicação real (a conversa, o diálogo) atribui tal importância ao elemento verbal que este termina impondo-se, na tevê, ao visual [...]. Por isso, até agora, a tevê tem estado mais próxima do rádio do que do cinema. É que o compromisso com o real histórico [...] com a informação jornalística) impele a tevê a uma lógica de demonstração, de explicação, que percorre todas as suas possibilidades expressivas. Ela pode mostrar qualquer coisa, mas tem de explicar, de esclarecer o que mostra. E nesta operação, as palavras [...] impõem o seu poder ao elemento visual (SODRÉ 1977, p. 74).

As reflexões apresentadas encaminham-se para uma conclusão: apesar de ser com a imagem em movimento que o telejornalismo compete com a produção jornalística veiculada nos meios impressos e no rádio (PATERNOSTRO, 1997), ela não pode prescindir do verbal. No que diz respeito à televisão, as circunstâncias de emissão e recepção de mensagens fortalecem a ideia da intercomplementação dos sentidos e desfazem a convicção de uma hierarquia imutável. Como sugere Santaella (1992, p. 27), “há casos de mídia em que a hierarquia entre os códigos é sempre móvel, oscilante, dominando, num momento, o código verbal oral e, logo a seguir, o imagético, que cede lugar à interação equitativa do imagético com o sonoro e assim por diante, como é o caso da TV”.

1.2.3 O discurso do telejornalismo

A produção jornalística tem, em geral, suas características resumidas a partir de dois grandes grupos: “os que defendem a notícia como um espelho da realidade e aqueles que concebem a notícia como uma construção social da realidade” (VIZEU, 2004, p. 111). O

primeiro grupo é o que acredita na objetividade como elemento fundamental da prática jornalística. O segundo é descrente da possibilidade do fazer jornalístico completamente objetivo — isso porque considera que a notícia não é propriamente o espelho da realidade, mas que ela ajuda a constituir a realidade como um fenômeno social compartilhado. Ou seja, no processo de definir um acontecimento, a notícia não apenas define como também dá forma a este acontecimento.

Em seu artigo *A construção social da realidade e os operadores jornalísticos*, Vizeu afirma que a concepção do telejornalismo como um simples espelho da realidade ainda encontra grande espaço em redações, faculdades de Jornalismo e também em pesquisas acadêmicas. Por outro lado, é crescente o campo de estudos que procura compreender o telejornalismo como uma forma de conhecimento da realidade — o que coloca o jornalista como “alguém que não apenas comunica o conhecimento da realidade, mas também que o produz e reproduz” (VIZEU, 2004, p. 112). Segundo o autor, o jornalista é servido, no dia a dia de sua profissão, pela língua e pelos códigos e regras do campo das linguagens. É a partir destes elementos que esse profissional, no trabalho da enunciação, produz discursos.

Na elaboração do seu texto, o jornalista vai utilizar procedimentos de seleção e combinação, mediante unidades, que, articuladas, vão se transformar em mensagens, ou, de um modo mais abrangente, em discursos sociais. Este trabalho de operação não se dá apenas no campo restrito do código, uma vez que o sujeito se defronta com outros códigos – ou outros discursos – de que empresta também para a constituição de suas unidades discursivas. [...] Este trabalho do sujeito, a partir e através do outro, não é algo mecânico e não pode repousar sobre a idéia de que do simples recurso à língua resultaria a transparência das mensagens. O grau de nomeação das coisas pelas palavras não se dá apenas pelo recurso da justaposição, mas por algo que decorre do investimento do trabalho da enunciação, isto é pelo sujeito (VIZEU, 2004, p. 112).

Em outras palavras, é o que afirma Machado em *A televisão levada a sério* (2000, p. 102), obra em que destaca que a base do discurso do telejornal é justamente a multiplicidade de vozes que o compõem: “(...) o telejornal é, antes de mais nada, o lugar onde se dão os atos de enunciação a respeito dos eventos. Sujeitos falantes diversos se sucedem, se revezam, se contrapõem uns aos outros, praticando atos de fala que se colocam nitidamente como seu discurso com relação aos fatos relatados”. E complementa:

[...] ao longo de sua história, o telejornal foi arquitetando uma outra estrutura de apresentação, baseada em depoimentos dos sujeitos *implicados* no acontecimento, seja diretamente (como é o caso dos protagonistas, aqueles que fazem ou testemunham o evento), seja indiretamente (os enviados da televisão para "reportar" o evento). Por essa razão, tornou-se essencial a presença da televisão no local e tempo dos acontecimentos, não apenas para autorizá-la como fonte confiável, mas principalmente porque essa é a condição *sine qua non* de seu processo significante (MACHADO, 2000, p. 105, grifo do autor).

Para Machado, a principal virtude do telejornal está no seu efeito de mediação, que é construída — além da função básica de informar —, por uma certa desmontagem dos discursos a respeito dos acontecimentos. De acordo com o autor, o relato telejornalístico é feito da mediação entre repórteres, apresentadores e entrevistados.

[...] o telejornal não pode ser encarado como um simples dispositivo de reflexão dos eventos, de natureza especular, ou como um mero recurso de aproximação daquilo que acontece alhures, mas antes como um efeito de mediação. A menos que nós próprios sejamos os protagonistas, os eventos surgem para nós, espectadores, mediados através de repórteres (literalmente: aqueles que reportam, aqueles que contam o que viram), porta-vozes, testemunhas oculares e toda uma multidão de sujeitos falantes considerados competentes para construir "versões" do que acontece. Houve um tempo em que um certo *cinema vérité* acreditou poder deixar o evento falar por si mesmo, com as vozes que já o constituem e com as imagens que já o definem, sem intervenção explícita dos realizadores e com um mínimo de mediação. No telejornal, entretanto, só existem mediações; os próprios enunciados de repórteres e protagonistas aparecem como mediações inevitáveis (MACHADO, 2000, p. 102, grifos do autor).

Vizeu parte do mesmo pressuposto de Machado para reforçar que a concepção do jornalismo como um espelho da realidade desconhece a dimensão simbólica da atividade. Segundo o autor, é no trabalho da enunciação, na operação sobre vários discursos, que os jornalistas produzem as notícias.

[...] o discurso jornalístico é produzido com base no concurso e do efeito daquilo que lhe ofertam outros códigos, isto é, outras vozes e múltiplas polifonias provenientes de outros campos culturais ou que deles são tomadas por empréstimo: vozes deontológicas – que dão conta de um certo fazer discursivo; as vozes da divisão social do trabalho inerente ao jornalismo; as vozes da pedagogia – cada vez mais o discurso jornalístico se insinua como uma espécie de saber explicativo dos processos sociais (VIZEU, 2004, p. 113).

Segundo Vizeu, as formas de enunciação jornalística são marcadas por processos de raciocínio que objetivam determinados efeitos de reconhecimento (de apreensão e compreensão pela audiência) e podem ser classificados como: anúncio, descrição, argumentação, demonstração e persuasão. Conforme explica o autor (2004), anunciar é dizer o que aconteceu ou vai acontecer; dizer o que alguém disse, subentendendo a relevância do dito; descrever é relatar as etapas de um fato, com suas circunstâncias; os passos de um personagem, com seus comportamentos, atitudes, declarações ou proposições ou o quadro de uma situação, com dos diversos aspectos envolvidos; demonstrar é provar a relevância, validade ou veracidade do que foi anunciado ou descrito; argumentar é orientar as inferências a partir do que foi dito ou realizado (o que acontece, comumente, na abertura de matérias do telejornalismo) e, persuadir, é buscar convencer o outro da importância e da veracidade do relato. Tais processos de raciocínio permeiam cinco operações enunciativas que, de acordo com Vizeu (2008, p. 114-116), são mobilizadas pelos jornalistas diariamente na produção dos textos, de forma consciente ou inconsciente. São elas:

Operações de atualidade: o jornalismo, em particular o gênero telejornal, é na essência o discurso da atualidade — não da atualidade cronológica, destaca o autor, já que entre o momento do acontecimento do fato e a notícia temos um interregno mediado pelo telejornal, mas da atualidade do noticiário televisivo. Mesmo um evento transmitido ao vivo, em tempo real, se submete ao tempo e à formatação do telejornal: há um recorte sobre a realidade (pelo plano da tomada, pela forma de enquadramento, etc.). Segundo Vizeu, o tempo do telejornal não é um tempo concreto, não é necessariamente o tempo do fato, mas um tempo formal, abstrato. Se o presente absoluto do fato é impossível, não importa, o discurso se organizará sobre o presente da enunciação do fato, este sim absoluto: o presente do próprio ato comunicativo. Devido à importância da noção de atualidade na configuração dos tempos do telejornalismo, o assunto será retomado com maior profundidade adiante.

Operações de objetividade: uma das principais preocupações do jornalismo é tentar reproduzir o fato tal como ocorreu, garantindo que está sendo relatado é verdadeiro. É o culto da objetividade e da independência do jornalismo. Segundo Vizeu, os jornalistas são considerados detentores do poder de ordenação do mundo, e as empresas constituem dispositivos de

acreditação ou de autorização. Só que, ao contrário de outros dispositivos de acreditação — como professores, padres, médicos e políticos —, os dispositivos da informação midiática atuam de modo informal, pois tendem a fundamentar a sua força através do apelo à mediação entre a realidade e a audiência.

Operações de interpelação: o noticiário televisivo, em especial, mostra ao público várias maneiras pelas quais a gramática da produção procura construir um vínculo ativo com a recepção. Os telejornais procuram estabelecer com seus públicos determinadas ações de captura, sugere o autor. Um dos exemplos é o uso do pronome *nós* que busca fazer da audiência uma espécie de co-participante do telejornal.

Operações de leitura: no âmbito do discurso, não se pode falar da passividade da audiência, pois ela é acionada a fazer elos associativos com base nos investimentos de seus próprios saberes. O texto de um telejornal, afirma Vizeu, é como um espaço imaginário onde são propostos múltiplos espaços de participação à audiência; como uma paisagem onde a audiência pode escolher o seu caminho com mais ou menos liberdade.

Operadores didáticos: os jornalistas, de uma maneira geral, têm uma preocupação didática com relação à audiência, de maneira que um dos grandes desafios do telejornalismo seria, para Vizeu, a tradução de informações técnicas, a apresentação de pacotes econômicos, a decifração de termos financeiros, entre outros.

É a partir de tais operadores que jornalistas conseguem produzir um efeito de reconhecimento junto ao público, defende Vizeu. A afirmação se aproxima da concepção de Becker, para quem os enunciados dos telejornais funcionam como palavras de ordem. Segundo a autora, a partir deles, o mundo relatado na televisão “parece estar controlado por um conhecimento perfeito, absoluto, objetivo e natural” (BECKER, 2005, p. 53). De acordo com a pesquisadora, ainda que sua primeira função seja informar, a persuasão é o segredo do texto e da imagem nos telejornais — códigos linguísticos da televisão, como abordado anteriormente. De tal forma, a construção do texto jornalístico vale-se de uma lógica própria, que tem como objetivo criar o efeito de verossimilhança. Para isso, contribuem a citação de fontes e testemunhas no

texto verbal e a utilização de gráficos, mapas e outros recursos na imagem que garantem a precisão da notícia.

Por isso, para a maioria dos telespectadores e leitores, a credibilidade da notícia na TV é menos contestada que a da imprensa escrita, mas não para o analista. Para quem está atento a linguagem do telejornal, é nesta característica da cobertura, de "estar perto da notícia", e nesse "ver as notícias", aparentemente natural, que se constrói um discurso próprio, marcado pela irrefutabilidade do fato. Mas, sabemos, você e eu, que a comunicação é um duelo constante de convencimentos, sob as crenças de quem ouve os valores de quem diz (BECKER, 2005, p. 53).

Becker seleciona 11 princípios de enunciação contidos na linguagem do telejornal: relaxação, ubiquidade, imediatismo, neutralidade, objetividade, fragmentação, *timing*, comercialização, definição de identidade e de valores, dramatização e espetacularização — dos quais, no próximo capítulo, destacaremos a *ubiquidade* e o *imediatismo*. Para Becker, os elementos da enunciação, como os descritos acima, são capazes reforçar o discurso jornalístico como uma representação da realidade.

O jornalismo, longe de revelar verdades ocultas, tem o poder de constituir "verdades". Até mesmo as sensações de neutralidade não passam de construções realizadas com a finalidade de reforçar o lugar privilegiado desses discursos. Reduzir esses processos, no entanto, a diferentes formas de manipulação é desconsiderar os discursos jornalísticos como processos de comunicação e práticas sociais. [...] o jornalismo tem um papel particularmente importante nesse contexto, de supostamente retratar a realidade, enquanto outras modalidades discursivas transitam com maior clareza para o leitor/espectador entre mundos reais e ficcionais. Esta crença lhe confere uma posição privilegiada de mais "verdadeiro" do que os outros. [...] Sem dúvida, os discursos jornalísticos são os principais gerenciadores das representações da realidade, consistindo num poder efetivamente real e simbólico (BECKER, 2005, p. 44-45).

Assim como Becker, Vizeu afirma que a linguagem não é somente uma dimensão constitutiva do telejornalismo, mas a condição pela qual ele constrói um real, um real midiático. Para o autor, a enunciação jornalística se dá a partir de uma dupla falta: a primeira é relativa ao próprio sujeito, que toma a palavra como representante da coisa; a segunda, refere-se à impossibilidade de ser um discurso em primeira mão, uma vez que é sempre um discurso relator. E é justamente para tais lacunas e dar conta do real que o telejornalismo recorre a uma

multiplicidade de investimentos enunciativos (lingüísticos, discursivos, pedagógicos, entre outros).

Dentro desse contexto, consideramos que é possível formular a hipótese de que os jornalistas constroem seus textos a partir da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens para, no trabalho da enunciação, produzirem discursos. E o trabalho que os profissionais do jornalismo realizam, ao operar sobre os vários discursos, resulta em construções que, no jargão jornalístico, podem ser chamadas de notícias (VIZEU, 2004, p. 117).

De acordo com Fechine, repetem-se em um telejornal três categorias que podem ser encontradas em qualquer processo de discursivização: pessoas, espaços, tempos. “Todo ato de enunciação pressupõe um sujeito e é em torno dele que o tempo e o espaço, igualmente pressupostos, organizam-se. Se um eu é a fonte da enunciação, o espaço no qual este enuncia é o aqui e o tempo, o agora” (FECHINE, 2008, p. 110), explica. Para a pesquisadora, a enunciação pode ser definida como uma instância de mediação que permite a passagem das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob a forma de um discurso.

É, em outras palavras, uma instância linguística logicamente pressuposta pela própria existência de um enunciado que carregará em si “marcas” (indicações) de sua enunciação [...]. Se a enunciação é o ato de “colocação em discurso”, o enunciado é o que dele resulta. A enunciação está para a “produção” assim como o enunciado está para o “produto” (FECHINE, 2008, p. 110).

A partir de cada uma das categorias constitutivas do discurso, é possível estabelecer relações entre enunciado e enunciação. Em relação à pessoa, Fechine afirma que toda enunciação pressupõe um eu (quem fala), denominado enunciador, e um tu (para quem o eu fala), denominado enunciatário — actantes da enunciação que podem ser projetados ou não no enunciado. Quando ocorre o ocultamento dos sujeitos enunciador e enunciatário, produz-se um efeito de objetividade, como se o discurso fosse uma história contada de “ninguém para ninguém” (FECHINE, 2008, p. 110), argumenta. Quando se dá o contrário, o eu é projetado no enunciado, o efeito é de subjetividade — característico das narrações em primeira pessoa. Já no que diz respeito ao espaço do enunciado, a pesquisadora propõe a análise a partir da relação de exterioridade ou não-exterioridade (interioridade) em relação ao espaço da enunciação. Ou seja, quando os espaços pressupostos da enunciação e do enunciado coincidem, tem-se a instauração

de um mesmo aqui. Do contrário, tem-se a configuração de um alhures (um “ali” ou “lá”) por oposição ao aqui (ou “cá”) pressuposto no ato de enunciação.

No que se refere ao tempo, pode-se dizer, por ora, que ele se define por relações de concomitância ou não-concomitância com o tempo da enunciação — ou seja, em último caso, haverá uma relação de anterioridade ou de posterioridade em relação ao *agora* da enunciação. Como já afirmado anteriormente, a temporalidade é um dos principais elementos a serem analisados neste trabalho e, por isso, será dedicado a ela um espaço maior nas páginas seguintes.

1.3 AS NOTÍCIAS

As notícias são a essência do jornalismo e, por isso, considera-se importante trazer a este trabalho alguns conceitos e discussões referentes a elas, a partir de obras de pesquisadores do assunto. Conforme o que se trouxe nos tópicos sobre linguagem e discurso no telejornalismo, entende-se aqui que as notícias são uma construção da realidade social — como define o paradigma que surgiu nos anos 1970, dando como superada a premissa das notícias como espelho da realidade. Isso porque, como afirma Traquina (2012, p. 174), as notícias são resultados de complexos processos de interação social entre agentes sociais, como, por exemplo “os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da organização”.

A construção da notícia tem início com um acontecimento, que pode ser regional, nacional ou internacional — por isso, um fenômeno social determinado histórico e culturalmente (ALSINA, 2009). É a partir dos programas jornalísticos veiculados pelas emissoras de televisão que, diariamente, fatias consideráveis da população tomam conhecimento do que acontece em sua cidade, região, país ou no resto do mundo. A divulgação dos acontecimentos serve não apenas como um relatório do que se passa em um intervalo de tempo curto — como na última hora, em um dia, em uma semana, um mês ou ano —, mas também para situar o público no contexto histórico e revelar a ele em que proporções a realidade será afetada por tal acontecimento.

A definição do que é notícia sofreu alterações ao longo do tempo. Há, no entanto, qualidades duradouras que seguem em sua essência. De acordo com Stephens (1988, p. 34 apud TRAQUINA, 2009, p. 63), as características que se mantêm são “o extraordinário, o insólito, o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte”. Dito de outra forma, um acontecimento noticioso pode ser visto como tudo aquilo que foge da normalidade de uma determinada sociedade e é percebido como tal não apenas pelos jornalistas, mas pelo público.

Para que o acontecimento se torne notícia e seja veiculado por meios de comunicação (sejam eles rádio, televisão, jornal ou internet), é preciso que seja apurado a partir de princípios que fazem parte do fazer jornalístico — um processo que, segundo Alsina (2009) é formado por *inputs* (as matérias-primas, ou seja, os acontecimentos) e os *outputs* (os produtos finais, as notícias). Para Alsina, ao construir a notícia, o jornalista trabalha em três mundos possíveis: o mundo “real”, o mundo de referência e o mundo possível. O mundo “real” é o mundo dos fatos e dos acontecimentos que possuem um sentido à primeira vista e com o qual o jornalista se depara através de uma fonte ou que ele produz ao testemunhar um fato. Assim, o jornalista se apropria de um modelo interpretativo partindo de um mundo de referência, o que vai permitir que construa um mundo possível que dará origem a sua versão de realidade. Nas palavras do autor,

O mundo possível é o mundo narrativo construído pelo sujeito enunciador, a partir dos outros dois mundos citados. Se no mundo “real” era produzida a verificação e no mundo de referência era determinada a verossimilhança, no mundo possível se desenvolve a veracidade. O enunciador deve fazer com que pareça verdade o mundo possível que ele mesmo constrói. E para isso lança mão das marcas de veracidade que lhe permitem criar uma ilusão de referência, que é a condição necessária para a virtualidade do discurso (ALSINA, 2009, p. 310).

É ao que Bourdieu (1997) se refere quando afirma que os jornalistas constroem as notícias através de “óculos especiais”, ou seja, selecionam e trabalham a informação a partir de sua percepção, formação e lógicas de sua profissão. Semelhante é a visão de Vizeu e Correia, que colocam a notícia como o "resultado da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras da redação), da língua e das regras do campos das linguagens, da enunciação jornalística e das práticas jornalísticas" (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 13).

Já Marcondes Filho (2009) pondera outro lado da notícia. De acordo com o autor, além de ser a construção narrativa de um fato determinado histórico e culturalmente e o produto final do trabalho do jornalista, não se pode esquecer que a notícia também provê o sustento econômico do jornalista e dos grupos de comunicação em que trabalha. De tal forma que pode ser usada para fins de manipulação, de poder social e político.

Notícia é a informação transformada em mercadoria, com os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso, a informação sofre um tratamento que se adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político. Ela pertence, portanto, ao jogo de forças da sociedade e só é compreensível por meio de sua lógica: (...) a) a inserção da notícia como fator de sobrevivência econômica (...); b) como veiculador ideológico; c) como estabilizador político (MARCONDES FILHO, 2009a, p. 78).

Ainda que não discuta diretamente com a percepção de Marcondes Filho, pode-se dizer que Curado (2002) chama atenção para outro viés da notícia, distante do considerado pelo autor: o de ser a informação que tem relevância para o público. De acordo com Curado, a notícia “revela como determinados fatos se passaram, identifica personagens, localiza geograficamente onde ocorreram ou ainda estão acontecendo, descreve suas circunstâncias, e os situa, num contexto histórico para dar-lhes perspectiva da noção da sua amplitude e seus significados” (CURADO, 2002, p. 16). Segundo a autora, a importância da notícia é geralmente julgada de acordo com a sua abrangência, isto é, segundo universo de pessoas as quais pode interessar. Este seria, na visão dela, o critério mais utilizado no jornalismo de televisão: cada telejornal “está de olho” principalmente em um público, entidade abstrata e desejada que ajuda a caracterizar o programa.

Alguns elementos fundamentais para que um acontecimento vire notícia já foram citados. No entanto, em um universo de ocorrências, e diante de um meio que tem o tempo como seu eixo central — como é o caso da televisão —, as empresas do campo jornalístico são levadas a elaborar estratégias para dar conta do produto principal de seu fazer, a notícia, que pode romper em qualquer lugar e a qualquer momento (CURADO, 2002). Surgem assim, os critérios de noticiabilidade, estabelecidos pelos chamados valores-notícia.

1.3.1 Os valores-notícia

Os fatos que, relatados, viram notícia, não carregam algo que fale sobre sua essência, uma tarja que define se deve ou não virar notícia. A decisão sobre se um acontecimento é relevante o suficiente para ser notícia é arbitrária e profundamente ligada a uma questão central do jornalismo, especialmente do telejornalismo: o fator tempo — tanto de elaboração de notícias, ou seja, de produção, quanto de veiculação, o tempo em que os telejornais estão no ar. Apesar de arbitrária, no entanto, a prática jornalística dispõem de parâmetros, como os valores-notícia — facilmente confundidos com noticiabilidade. Como afirma Silva (2005),

A necessidade de se pensar sobre critérios de noticiabilidade surge diante da constatação prática de que não há espaço nos veículos informativos para a publicação ou veiculação da infinidade de acontecimentos que ocorrem no dia a dia. Frente a volume tão grande de matéria-prima, é preciso estratificar para escolher qual acontecimento é mais merecedor de adquirir existência pública como notícia. Muitos autores ao analisar a seleção de notícias concentram sua atenção nos valores-notícias (características do fato em si) e na ação pessoal do profissional, mas, ao avançarem nas comprovações de que a seleção prossegue no tratamento dos fatos dentro das redações, costumam empregar sinônimos como seleção e valores-notícia. Ambos são componentes da noticiabilidade (SILVA, 2005, p. 4).

Para Traquina (2008), é a partir dos valores-notícia que os estudos sobre os conteúdos dos meios noticiosos chegam a uma conclusão geral: de que as notícias apresentam um padrão estável e previsível. O autor situa os valores-notícia dentro dos critérios de noticiabilidade:

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em material noticiável, e por isso, possuindo “valor-notícia” (“*newsworthiness*”) (TRAQUINA, 2008, p. 63, grifo nosso).

A noticiabilidade refere-se, então, ao conjunto de características que confere a um acontecimento o *status* de notícia em potencial — ou seja, o conjunto de elementos por meio dos quais o aparato informativo controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos que servirão de base para a seleção das notícias, como sugere Wolf (1985). Os valores-notícia, por

sua vez, nada mais são do que os componentes desta noticiabilidade. Na definição do autor, “esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais são acontecimentos interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (WOLF, 1985, p. 175). De tal forma, enquanto critérios de seleção, os valores-notícias não são categorias estanques em que os acontecimentos são enquadrados, pois funcionam por meio de uma relação complementar. Assim, um fato pode atender a alguns critérios de noticiabilidade e deixar a desejar em outros sem que isso signifique a perda do seu valor enquanto notícia em potencial. É o contexto que vai determinar o peso de um determinado fato em relação a outro.

De acordo com Wolf (1985), duas importantes considerações devem ser evidenciadas acerca dos valores-notícia: o primeiro é que eles mudam com o tempo e, dessa forma, não permanecem sempre os mesmos; segundo é que eles são significativamente influenciados pela especialização temática dos meios. Para Wolf, os valores-notícia derivam de admissões implícitas ou de considerações relativas aos caracteres substantivos das notícias, ao seu conteúdo, à disponibilidade do material, aos critérios relativos ao produto informativo, ao público e à concorrência. Segundo o autor, a primeira ordem diz respeito ao evento ser transformado em notícia; a segunda refere-se ao conjunto de processos de produção e de realização; a terceira, à imagem que os jornalistas têm dos destinatários; e a última, às relações entre os meios de comunicação de massa no mercado da informação. Wolf defende que os valores-notícias são um elemento fundamental das rotinas de produção, uma vez que a escassez de tempo e de meios os torna profundamente radicados em todo o processo de informação. Com base na concepção de Golding e P. Elliot, ele lembra que os valores-notícia servem como parâmetro para o trabalho dos jornalistas não apenas na seleção do conteúdo, mas também na apresentação do produto final, a notícia.

Os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. [...] Os valores-notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa nos indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são as suas chances de serem incluídos (Golding e Elliot apud WOLF, 1985, p. 176).

Da mesma forma, Vizeu entende os valores-notícia como critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção — isto é, “não estão presentes só na relação de seleção de notícias, mas participam de todas as operações anteriores e posteriores à escolha, embora com um relevo diferente em cada situação” (2007, p. 225). Dentro das categorias estabelecidas pelo autor, a importância é uma das subdivisões dos valores-notícias. A definição instituída pelo pesquisador abrange vários aspectos, dos quais se destacam as seguintes premissas: a) quanto maior for o grau hierárquico dos envolvidos no fato, ou seja, quanto mais o assunto estiver ligado a personalidades de destaque na sociedade, maior a possibilidade de virar notícia; assim como b) quanto maior for o impacto do fato sobre a nação e o interesse nacional, no que se refere ao grau de significação e importância, de proximidades geográficas, de atingir o imaginário, maior a chance de ele aparecer no noticiário; c) quanto maior for a quantidade de pessoas envolvidas no fato, quanto maior o número de pessoas envolvidas em um desastre, quanto maior for a presença de pessoas famosas (artistas, políticos, autoridades) na ocasião, maior é a visibilidade do acontecimento e o seu valor-notícia; d) quanto maior for a relevância e significação do fato quanto a sua potencial evolução e consequência, ou seja, desdobramentos futuros, mais jornalístico ele é.

Inúmeros são os autores que já se propuseram a elencar quais seriam os valores-notícia empregados na prática jornalística. Além dos parâmetros já apresentados, de Wolf e Vizeu, destacam-se ainda outros, como os de Lage (2001): proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana. Como colocado anteriormente, os critérios são variáveis, combinam-se e valem mais ou menos conforme determinado contexto e público. Uma característica, no entanto, pode ser encontrada facilmente nas notícias — e constitui-se, portanto, de um de seus valores principais: a ruptura com a normalidade.

2 A TEMPORALIDADE JORNALÍSTICA

É fundamental, para o que se propõe com a presente pesquisa, expor de que maneira a noção de atualidade se dá e que importância assume no jornalismo — principalmente, no telejornalismo. Uma das perspectivas que abordam a questão da temporalidade, e que serão empregadas neste trabalho, é a de Franciscato (2003), que sugere cinco categorias de relações temporais que o jornalismo desencadeia: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. Todas elas estão ligadas a ações, situações e modos de tratamento de eventos no tempo presente — que é o tempo em que se dá o discurso jornalístico. Além do autor, também serão trazidos os efeitos de princípios enunciativos do jornalismo elencados por Becker (2005), como o imediatismo e a ubiquidade, referidos no capítulo anterior.

Julga-se ainda relevante abordar as transformações tecnológicas, que podem alterar o tempo da notícia. Para tanto, busca-se fazer um breve levantamento de marcos históricos da evolução de equipamentos e tecnologias que proporcionaram maior instantaneidade à notícia — principalmente os utilizados no telejornalismo. Neste momento, são importantes as contribuições de autores como de Santaella (2007), Silva (2008) e Emerim e Cavenaghi (2012).

Por fim, a exposição chegará ao recorte em que está o objeto da pesquisa que se pretende fazer: o da cobertura ao vivo, em tempo real ou não. Nesta abordagem, serão acrescentados à fundamentação teórica os trabalhos de Fechine (2008) sobre os tempos da enunciação e, mais especificamente, o uso da transmissão direta no telejornalismo.

2.1 A ATUALIDADE JORNALÍSTICA

A noção de atualidade é uma das categorias que mais precisamente delimitam as fronteiras do conteúdo e da atividade jornalística em relação a outras práticas e saberes sociais — é um dos elementos que pode, por exemplo, diferenciar o trabalho de jornalistas e historiadores, ambos responsáveis por registrar a história. Trata-se de um termo tão importante ao se pensar em jornalismo que, para Franciscato (2003), a atualidade chega a ser considerada a própria

temporalidade jornalística. O sentido mais comum que pode ser dado a ela é expresso pelo termo “novidade” — se não o mais, um dos mais fortes critérios de noticiabilidade elencados no capítulo anterior. Mas definir o fenômeno da atualidade apenas a partir do conceito de novidade é uma maneira simplista de tratar a questão. Como argumenta Franciscato (2003, p. 10), a dimensão temporal jornalística “não é apenas uma qualidade complementar que as notícias possuem, mas é central para compreender o próprio jornalismo: o jornalismo funda-se no tempo presente como condição para a sua realização”. De acordo com o autor,

Um ponto de partida para pensar uma noção de atualidade jornalística é perceber que a temporalidade do jornalismo opera em sintonia com a temporalidade dos eventos. O jornalismo produz um relato sobre os eventos, temas e situações que estejam em ato, em movimento, em processo de execução, discussão, problematização ou formulação pública, admitindo, no máximo, um breve intervalo de tempo entre um evento que recém se encerrou e o relato jornalístico dele (FRANCISCATO, 2003, p. 10).

Para Franciscato, a temporalidade jornalística possui pelo menos três pólos: o primeiro está no objeto noticiado, cujo movimento orienta os procedimentos da atividade jornalística; o segundo é o pólo da instituição jornalística, que possui seus próprios movimentos; o terceiro, por sua vez, é o tempo do leitor (ou do ouvinte, do telespectador, do internauta). De tal forma, a noção de atualidade jornalística — definida por Morató (1988) como o “momento do contínuo espaço-tempo” e por Traquina (1993) como “o coração e a alma da atividade jornalística” — deve ser compreendida como uma construção social, institucional e coletiva.

O jornalismo se realiza num processo de tensão entre a velocidade do movimento do mundo e a velocidade da produção do discurso jornalístico sobre este movimento, pois, conforme nos referimos anteriormente, o jornalismo vive um permanente risco de que o sentido de tempo que traz no seu discurso se descole do tempo do mundo. A atualidade é uma das razões de ser do jornalismo, pois ela se constrói e se consolida numa prática e num discurso com sentido temporal e destinado a mostrar não haver um desencaixe real entre o tempo do mundo e o tempo da produção jornalística. A “atualidade” é uma categoria construída prática e reflexivamente no jornalismo para afirmar a existência, nas estruturas mais internas e elementares de cada notícia, de uma relação de identidade temporal entre o evento e o relato produzido sobre ele — mesmo que esta promessa não seja exatamente cumprida (FRANCISCATO, 2003, p. 136)

De acordo com o autor, o tempo presente é uma dimensão essencial ao jornalismo, de forma que “toda a estrutura organizacional da instituição jornalística, as atividades executadas rotineiramente pelos jornalistas e os produtos jornalísticos elaborados trazem a marca de uma ‘gestão’ do tempo presente — uma das características que tornam o jornalismo uma prática simbólica específica da sociedade” (FRANCISCATO, 2003, p. 40). Conforme o pesquisador, o controle do tempo com o objetivo de preservar o vínculo do jornalismo com o presente, a sua atualidade, tornou-se um princípio de organização e planejamento de tarefas, estruturação de rotinas e funções e circulação de seus produtos.

O tempo se institucionaliza tanto como um fator de identidade como de tensão. A temporalidade dá uma forma cultural ao principal produto jornalístico, a notícia, tornando-o reconhecível e estabelecendo os seus limites de sentido, atuação e existência social. A notícia tem um tempo de existência efêmero, seja em consequência da velocidade do movimento do mundo que desatualiza o relato jornalístico, seja pelos modos como a organização jornalística aplica a esta volatilidade mecanismos para sua substituição regular ou sua permanência em desdobramentos e sucessivos. A notícia traz, normalmente de forma explícita, marcas do presente que afirmam sua singularidade temporal e sua breve duração. Em contrapartida, o tempo deflagra um estado de tensão entre dois movimentos: por um lado, a velocidade das coisas do mundo, num ritmo desigual entre regularidade e imprevisibilidade; por outro, a velocidade da produção do discurso jornalístico sobre este movimento (FRANCISCATO, 2003, p. 305).

Como afirmado anteriormente, o sentido de atualidade a que o autor se refere não precisa necessariamente ser simplificado à sua conexão com a novidade, com uma notícia nova. De acordo com Franciscato, a instituição jornalística desenvolveu procedimentos e técnicas que possibilitam superar o risco de desencaixe entre o tempo do mundo e o tempo da produção jornalística. Um dos processos que possibilita burlar a questão do tempo está no próprio ato discursivo do jornalismo: a enunciação, o momento em que o comunicador emite a informação. Para o pesquisador, “o ato de enunciação serve para ‘presentificar’ um ‘fato’, embora ele possa não ter ocorrido no período institucionalmente convencionado como delimitador de uma ocorrência no tempo presente” (2003, p. 49). O relato do jornalismo pertence ao presente, mesmo que o evento já tenha ocorrido há alguns momentos.

A temporalidade da atividade jornalística é composta não somente pela temporalidade do objeto noticiado, mas pela temporalidade do ato de informar publicamente (na forma de um discurso), numa dimensão do presente, que tal fato está ocorrendo. O jornalismo como um discurso apresentado publicamente

marca também um sentido de tempo tanto para o jornalista quanto para o público: o tempo do ato de reportar, de contar, de narrar, de enunciar o fato — conforme os termos usados para descrever o processo (FRANCISCATO, 2003, p. 11).

Partindo da convicção de que a tradição do jornalismo está assentada sobre concepções acerca da temporalidade — visto que o produto jornalístico deve possibilitar ao público participar de um presente amplo, global, capaz de coincidir com o seu —, Franciscato propõe cinco categorias a fim de operacionalizar uma descrição da temporalidade no jornalismo. São todos fenômenos ligados a ações, situações e modos de tratamento de eventos no tempo presente: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. Cabe ressaltar que o autor diferencia cada uma das categorias de duas maneiras: na perspectiva histórica e com um olhar contemporâneo.

Instantaneidade: é a categoria que reforça o papel da importância do presente, ou melhor, do instante. Segundo o autor, “os termos ‘instantâneo’ e ‘instantaneidade’ surgem para qualificar tanto o sentido de imediatismo ou rapidez de uma ação quanto o de veiculação em um intervalo ínfimo de tempo (ou de sua virtual inexistência) ao momento presente” (FRANCISCATO, 2005, p. 113-114). Quando fala de instantaneidade, o pesquisador também traz outras duas variáveis temporais que também se desdobram dos modos de introduzir e operar inovações técnicas no jornalismo: a velocidade e a aceleração.

O sentido predominante de instantaneidade que as experiências do jornalismo têm desenvolvido refere-se a uma desejada ausência de intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento e a sua transmissão e recepção por um público. Em uma perspectiva histórica, é mais adequado falar não de uma conquista imediata deste sentido do instantâneo, mas de uma evolução gradativa na velocidade tanto da transmissão e distribuição da notícia quanto nos modos de sua produção. Velocidade e aceleração são, então, duas variáveis temporais que se desdobram dos modos de introduzir e operar inovações técnicas na sociedade e, mais estreitamente, no jornalismo (FRANCISCATO, 2003, p. 149).

Para Franciscato, a primeira grande promessa de instantaneidade surgiu com o telégrafo, recurso tecnológico que permitia não apenas a velocidade da transmissão, mas a possibilidade de uma interação virtualmente em tempo real, em formato que se assemelhava a uma conversação. Tratava-se, no entanto, de uma instantaneidade apenas parcial, uma vez que o telégrafo acelerava

a comunicação entre o repórter e a sede do jornal, mas o processo restante da produção e distribuição da notícia continuava lento.

Já compreender o fenômeno no contexto contemporâneo implica perceber a contribuição efetiva que a tecnologia da instantaneidade trouxe para as várias etapas da produção e circulação de conteúdos jornalísticos, acelerando e qualificando este processo. E também entender um esforço de convergência de duas formas de instantaneidade, que regulam e orientam a produção e o conteúdo jornalístico: “o tempo do registro instantâneo como concepção que define uma prática de captar o instante e construí-lo na forma simbólica de notícia; e o tempo da sua transmissão imediata, buscando efetivamente eliminar intervalos entre a ocorrência de um evento e sua recepção por um público” (2003, p. 319).

Simultaneidade: tal categoria demarcou uma possibilidade nova de experiência temporal: “a capacidade de sincronizar ações ou eventos que se realizassem num mesmo momento, mesmo que ocorressem diferenças na velocidade de realização, duração, consequências e desdobramentos” (2003, p. 310). Com os avanços tecnológicos na transmissão de informações, principalmente a partir do surgimento do rádio, eventos parecem se multiplicar aos olhos da sociedade, a ponto de expressões como “presente densificado” (KERN, 1995) e “compressão do tempo-espaço” (HARVEY, 1993) serem formuladas para descrever essa ampliação do horizonte das coisas possíveis de serem vivenciadas no tempo presente — a sensação de “estar em dois lugares ao mesmo tempo” tornou-se uma experiência mais concreta. De acordo com o autor, a partir das elaborações de Kern (1995), a categoria de simultaneidade serve para demonstrar como novas tecnologias expandiram espacialmente o presente vivido por um indivíduo ou uma coletividade.

Se há uma capacidade de superpor, sincronizar ou acessar mais de um ambiente ou relação de experiência física num mesmo momento, o tempo presente acaba multiplicando-se espacialmente, possibilitando que várias experiências pudessem ser empreendidas num mesmo instante, simultaneamente. Ou seja, o fenômeno da simultaneidade possibilitou que o sentido de tempo presente ("o presente densificado") pudesse ser vivenciado por diferentes grupos de pessoas localizadas em diferentes locais (FRANCISCATO, 2003, p. 161).

Segundo o pesquisador, o jornalismo é capaz de dar ao seu público o sentido de que sua vivência cotidiana está incluída em um mesmo tempo em que acontecem as coisas do mundo. Conforme afirma, "o jornalismo leva o leitor a ver o evento jornalístico não como um fragmento de algo que pertence ao passado, mas como um fragmento do presente, mesmo que tenha ocorrido há poucos momentos. A atualidade jornalística significa a manutenção deste vínculo intermitente entre o tempo do leitor e o tempo de evento, entre simultaneidade e instantaneidade" (FRANCISCATO, 2003, p. 164). Mais especificamente no que se refere ao telejornalismo, o autor sugere que a instantaneidade na transmissão de imagens reforçou o sentido temporal de simultaneidade de ações, propiciando que telespectador e evento pudessem co-habitar um mesmo momento, compartilhando do mesmo movimento do fluxo temporal.

A atualidade jornalística construída e operada pela televisão dá ao telespectador, se não o sentimento de participação de eventos em desdobramento, pelo menos o lugar de espectador que se vincula emocionalmente ao evento, interagindo dores, alegrias, raivas e todo um leque de emoções que o faz agir e reagir no sincronismo do fato reportado. O sentido temporal de simultaneidade que o telejornalismo trouxe, colocando, num mesmo tempo de experiência, o evento e o seu público, redefiniu critérios e valores de operação da atividade (FRANCISCATO, 2003, p. 224).

Periodicidade: ao situar a periodicidade, o autor põe em relevo a capacidade de produção e circulação do material jornalístico, a partir de uma demanda social de acompanhar o desenrolar dos fatos. Este seria um dos fenômenos temporais mais marcantes do jornalismo em seus primórdios, afirma o autor. De acordo com Franciscato, "a periodização dos jornais direcionou modos de definir e dar forma à notícia. O intervalo de tempo entre duas edições sucessivas surge como uma fronteira para demarcar a atualidade dos eventos, indicando a sua validade temporal como potencialmente noticiáveis" (2003, p. 312). Na contemporaneidade, a estruturação de redes eletrônicas e digitais e a disseminação de novos suportes jornalísticos vêm apresentando elementos que, para o pesquisador,

desafiam um sentido de periodicidade como emissão e atualização de conteúdo em intervalos regulares relativamente amplos. A valorização do instante presente inscrito no som e na imagem de eventos na transmissão ao vivo e a introdução de um tipo de produção de notícias em fluxo contínuo (uma alimentação de notícias em curtíssimos intervalos de tempo) vêm gerando uma nova temporalidade no jornalismo. Esta justaposição indicaria haver um estado de tensão entre a periodicidade tradicional e a instantaneidade do fluxo contínuo,

pois são modos diferenciados de conceber o fator temporal na constituição do evento jornalístico, de definir e dar forma à notícia, de alimentar rotinas e relações de produção e de estabelecer e perceber as mútuas influências entre a atividade jornalística e a sociedade (FRANCISCATO, 2003, p. 320-321).

Novidade: é o fenômeno que conduz à vinculação do “novo” ao tempo presente, seja porque ele é algo que está rompendo ou se tornando público recentemente, seja porque ele orienta o jornalista e o leitor a reconhecerem o grau de originalidade e singularidade em um evento específico. De acordo com Franciscato, “a categoria da novidade para descrever um aspecto específico da atualidade jornalística pretende mostrar que a notícia é indissociável de uma lógica de inovação, originalidade ou renovação que padroniza um modo de reconhecer e definir eventos e os apresentar publicamente por meio do relato jornalístico” (2003, p. 313). Para o autor, a instituição jornalística se formou historicamente para tornar operacional e regular a disponibilidade pública da novidade como uma forma de responder a uma expectativa de ampliar a experiência social e cultural do tempo presente. No que tange à categoria novidade, Franciscato afirma que não houve significativas mudanças ao longo do tempo até chegar à contemporaneidade. O pesquisador destaca, no entanto, que as experiências concretas de jornalismo em tempo real — que possibilitam um fluxo contínuo de informações, que vêm fragmentadas e se atualizam a todo instante —, reforça a ideia de efemeridade das notícias, das novidades, já que cada pequeno recorte, fragmento, ameaça desatualizar o anterior e gerar o que alguns autores denominam como “envelhecimento precoce” das notícias.

Revelação pública: a categoria mostra que o jornalismo não é apenas um registro do tempo presente, mas um modo de construir esta temporalidade em sua inerente discursividade. Além de trazer um sentido de conter o tempo presente inscrito nas intenções de sua produção e nas marcas do seu produto, o jornalismo “intervém na construção do tempo ao ser enunciado em regras discursivas partilhadas entre os interlocutores. O próprio modo de enunciação do jornalismo já é uma afirmação da ‘presentidade’ do conteúdo jornalístico” (2003, p. 313). Essas premissas básicas das categorias permanecem em atividade no jornalismo, mas surgem peculiaridades na contemporaneidade, sugere o autor. A gramática do jornalismo “ao vivo”, por exemplo, trouxe ao momento da enunciação mais vigor e sentido de atualidade ao unificar efetivamente o tempo do discurso jornalístico, o tempo do evento e o tempo do público que acompanha a cobertura. O “ao vivo”, acrescenta Franciscato, também reforça o sentido de

verdade do discurso jornalístico, uma vez que este processo passa a ser construído em conexão material com o evento, “partindo de uma aspiração (um ideal) da atividade jornalística (estar no local do evento no momento em que ele ocorre) e produzindo um discurso que parece transmitir o evento em sua plenitude (aparência de uma ausência de edição que recortaria o evento de sua linearidade temporal)” (2003, p. 323).

Cada uma das categorias evidenciadas por Franciscato e aqui expostas alterou-se, como visto, com o desenvolvimento de novas tecnologias.

Consideramos que um modo necessário de perceber os efeitos da tecnologia sobre o jornalismo é identificar como fatores de ordem técnica estabeleceram possibilidades e limitações no tempo da produção jornalística. Aspectos tecnológicos condicionaram o ritmo e a velocidade da produção em diferentes épocas do desenvolvimento do jornalismo. Este condicionamento não se resume a uma idéia contemporânea de produtividade e eficiência, mas se refere principalmente às possibilidades que os incipientes recursos técnicos estabeleciam para que a produção pudesse mesmo cumprir suas etapas, sua regularidade de circulação e sua busca de garantir o caráter recente das notícias (FRANCISCATO, 2005, p. 48).

No seguinte subcapítulo, portanto, faz-se necessário trazer para estas páginas marcos importantes da evolução técnica, daquilo que se refere aos equipamentos e possibilidades de transmissão de notícias, principalmente na televisão.

2.2 FATORES TECNOLÓGICOS DA INSTANTANEIDADE

Ao longo dos séculos, mudanças tecnológicas influenciaram a maneira como o jornalismo trabalha o tempo. O desenvolvimento técnico teve efeitos diretos sobre a produção e a transmissão de notícias — alterando aspectos organizacionais e exigindo novas habilidades para operar a tecnologia. A esta pesquisa interessa elencar o surgimento e a convergência de tecnologias que tiveram impacto na transmissão de notícias televisivas, principalmente aquelas que permitiram que as informações chegassem com maior rapidez até o receptor.

Santaella (2008) compreende o desenvolvimento das tecnologias comunicacionais em cinco gerações. A primeira é a eletromecânica (foto, telégrafo, jornal e cinema). A segunda seria a eletro-eletrônica, do rádio e da televisão. A terceira, a da cultura das mídias (TV a cabo, fax,

xerox, videocassete e walkman). A quarta diz respeito às redes tele-informáticas (cibercultura e dos computadores). E a quinta, última geração, seria a da comunicação móvel (celulares, smartphones, notebooks, entre outros). Como é parte deste trabalho abordar as tecnologias e meios que possibilitaram uma transmissão mais imediata da informação para o receptor, parte-se diretamente para a segunda geração categorizada por Santaella — afinal, a introdução de uma comunicação ao vivo pelas transmissões de rádios e, posteriormente, pela televisão, foi responsável por radicalizar ainda mais a capacidade de “presentificação”, como definiu Francisco (2003).

A cobertura jornalística no rádio — possível a partir das primeiras transmissões radiofônicas estruturadas em termos organizacionais, com a entrada das estações de rádio nos Estados Unidos na década de 1920 — acrescentou ao processo comunicativo, conforme observa Meditsch (2001, p. 197), uma relação de simultaneidade entre três situações: o tempo do evento, o tempo do ouvinte e o tempo do produtor da informação. Segundo o autor, a simultaneidade (tanto entre a enunciação e o acontecimento externo referenciado, quanto entre a enunciação e a recepção do enunciado) “possibilitou a superação do período, implícito na ideia de periodismo” (MEDITSCH, 2001, p. 209). A partir deste momento a simultaneidade ganha relevo nas relações de temporalidade estabelecidas pelo rádio, inaugurando uma nova prática comunicativa institucional: a comunicação ao vivo.

Como afirma Rezende (2000), é justamente a possibilidade desta comunicação ao vivo que faz com que os veículos eletrônicos de comunicação (rádio e TV) levem vantagens sobre os meios impressos. Ele exemplifica: “talvez a principal virtude da comunicação eletrônica advém da capacidade de abolir a barreira do tempo. Imediatos, rádio e televisão noticiam os fatos no mesmo tempo em que eles ocorrem. Tem-se então, a possibilidade de eliminar o intervalo que separa o acontecimento de sua divulgação pela mídia” (2000, p. 70). Ambos levam vantagens em termo de agilidade e temporalidade — a televisão, no entanto, traz um elemento adicional à cobertura, capaz de potencializar ainda mais o sentimento de instantaneidade das transmissões ao vivo: a imagem. Afinal, como sugere Ramonet (1999, p. 27), “(...) o choque emocional provocado pelas imagens da TV — sobretudo aquelas de aflição, de sofrimento e de morte — não tem comparação com aquele que os outros meios podem provocar”.

No telejornalismo brasileiro, uma das tecnologias que permitiu a cobertura ao vivo dos fatos no local onde eles ocorrem surgiu em 1976 — quando a TV Globo inaugurou o Eletronic News Gathering (EG), pequenas unidades móveis ou portáteis, dotadas de um sistema de câmeras, mais leves, um sistema de microondas, videoteipes e sistema de edição, que permitiam o envio de imagens e sons diretamente do local dos acontecimentos para a emissora. Essa nova tecnologia viabilizaria transmissões ao vivo de qualquer ponto onde estivesse a unidade móvel, mudando radicalmente a narrativa do telejornalismo brasileiro: se antes os repórteres pouco apareciam nas reportagens, uma vez que era preciso controlar a quantidade de película usada, agora, eles se tornavam os protagonistas de suas matérias.

Depois que a tecnologia foi implantada, o repórter passou não só a ir ao local dos acontecimentos e apurar as informações, mas também a fazer o texto e ele mesmo apresentar. Esse novo sistema exigia mais dos repórteres em improvisação, memorização e reflexão sobre o conteúdo e o texto. Por isso, ainda em 1974, já prevendo a adoção do jornalismo eletrônico, a Rede Globo iniciou o treinamento de repórteres de vídeo, para serem aproveitadas nas unidades móveis que fariam a transmissão diretamente dos locais dos acontecimentos (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 91).

A qualidade das grandes coberturas ao vivo foi intensificada na televisão brasileira e internacional ainda mais a partir dos anos 90, com as novas tecnologias de produção e emissão de imagens com o uso de satélites. Em 1991, a Guerra do Golfo — em que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha lideraram uma força multinacional para invadir o Iraque, presidido então por Sadam Hussein — marcou a capacidade de a televisão transmitir instantaneamente imagens de combates aéreos sobre a capital Bagdá.

Simultaneamente ao desenvolvimento tecnológico, a cobertura da Guerra do Golfo Pérsico marcou um momento novo no jornalismo brasileiro. Durante a guerra houve a necessidade de inserções de momentos ao vivo ao longo do mesmo jornal, quando, de pontos diferentes do mundo, entravam pessoas relatando fatos com muita rapidez. Acho que isto foi um marco. Foi uma escola importante e que desmistificou a ideia do “não pode entrar ao vivo”. Ultimamente, temos dado muito estímulo a isto, até na forma de treinamento de profissionais (CURADO, 2002, p.45).

Em 2001, outro evento colocaria em evidência as possibilidades midiáticas de operar em tempo real: os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos, amplamente acompanhados pela mídia. Como lembram Emerim e Cavenaghi (2012):

Em 2001, no dia 11 de setembro, por volta das nove horas da manhã, diferentes cidades do mundo veem imagens de um acidente nos Estados Unidos: um avião havia batido em uma das torres gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque, danificando os últimos andares. Mas, minutos depois, estarecidos, esta audiência viu, ao vivo e a cores, um outro avião aparecer no canto da tela, vir em direção aos prédios, bater e explodir. Passado o momento inicial em que se acreditou ser a repetição da cena do primeiro avião, o mundo estareceu ao ser testemunha de um atentado terrorista ocorrendo no coração do país mais poderoso e militarmente protegido. Em várias emissoras pelo mundo, em canais abertos e fechados, as mesmas imagens, transmitidas pela rede de televisão americana *Cable News Network*, a CNN, povoaram as telas durante horas e, entre o estado de ataque e o de guerra (como apontavam as legendas), viu-se tudo isso acontecer na tela da televisão, em transmissão direta, sem cortes, em tempo real do acontecimento (EMERIM e CAVENAGHI, 2012, n.p., grifo das autoras).

Mais tarde, em 2003, o videofone (espécie de celular com microfone e câmera que funciona via satélite em qualquer ponto do planeta) popularizou-se como ferramenta em coberturas jornalísticas. Foi a partir do uso do videofone, por exemplo, que o correspondente da televisão estatal portuguesa RTP Carlos Fino conseguiu ser o primeiro enviado especial a entrar ao vivo com imagens das explosões — três minutos antes de grandes emissoras, reconhecidas pela qualidade nas transmissões ao vivo, como a norte-americana CNN e a britânica BBC. O uso do videofone na cobertura da guerra virou um marco para o telejornalismo de então, conforme evidenciado por reportagem da revista *Época*, publicada em 24 de março de 2003:

As emissoras de TV cumpriram a promessa e transmitiram um verdadeiro reality show de bombardeios e invasões por mar e terra nas primeiras horas do conflito. Apesar do controle da informação que costuma ser imposto em situações dessa natureza, nunca os jornalistas chegaram tão perto do coração da matéria como nesta guerra. O telespectador assistiu a bombardeios com som digital e imagens coloridas, invasões a bordo de tanques, expedições por bunkers e a rendição de iraquianos flagrada por um repórter desalinhado. Da mesma forma que a reportagem influenciou os reality shows, a estética desse tipo de espetáculo contaminou a transmissão dos eventos do Iraque. [...] O videofone virou a estrela do Iraque. A engenhoca, espécie de celular com microfone e câmera que funciona via satélite em qualquer ponto do planeta, apareceu na Guerra do Afeganistão em 2001 e se popularizou rapidamente (GIRON, 2003, n.p.).

A ideia de aproximação do jornalismo com o tempo real, o imediatismo e a instantaneidade — possíveis, por exemplo, com o uso do videofone, conforme destacado pela revista *Época* na ocasião — foi retomada com ainda mais intensidade na década de 1990, a partir possibilidade técnica de atualização contínua e da publicação instantânea proporcionada pela Internet. É inegável o impacto que a velocidade do meio provocou em todos os veículos de comunicação — desde os impressos até a televisão —, seja nos processos de produção, apuração, edição ou publicação das notícias. De acordo com Silva (2008), tal fenômeno intensificou-se ainda mais no século seguinte, com o uso do celular, possibilitando a instantaneidade não mais apenas do texto, ou seja, da informação em si, mas também de áudios, vídeos e imagens.

A partir do século XXI ocorreu a proliferação de conexões sem fio (Wi-Fi, WiMax, Bluetooth, 3G, 4G) e de tecnologias móveis digitais avançadas (celulares, smartphones, *plamtops*, notebooks, tablets, PC, câmeras digitais e similares) fazendo ressurgir o tema em outras condições na análise da "natureza do jornalismo" contemporâneo. Antes esta instantaneidade se concentrava basicamente na disponibilização de notícia (compreendida como texto jornalístico), enquanto que hoje se verifica uma expansão das possibilidades completando-se com o fluxo informacional de vídeos, áudios e fotos graças às redes de alta velocidade como Wi-Fi e da tecnologia de terceira geração dos celulares (3G), que permitem upload e download de arquivos pesados, além de navegação na web. O celular, como um dispositivo híbrido, emerge como o disseminador principal da prática do imediatismo por concentrar uma série de funções e oferecer mobilidade ao portador para registrar situações em vários formatos e enviar de qualquer lugar através de SMS, MMs ou pela própria web móvel (SILVA, 2008, n.p.).

De acordo com o pesquisador, as novas tecnologias permitiram uma mobilidade física e informacional maior da produção e uma capacidade de geração de conteúdo em situação de instantaneidade mais potencializada. Popularizou-se, por exemplo, a condição técnica de transmissão de áudio ou vídeo em tempo real e de forma contínua, até então exclusividade dos *broadcasting* como emissoras de rádio e TV. E tornou, assim, todo o processo mais simples também, uma vez que o complexo aparato formado por estrutura pesada, que exigia um maior número de profissionais envolvidos em uma cobertura, pôde ser substituído por ferramentas portáteis online, como smartphones, que podem processar informações de forma digital e transmitir em caráter instantâneo.

Para Silva (2008, n.p.), “o aporte destas ferramentas oriundas da web e dos dispositivos móveis instauram novas formas de geração de transmissão em tempo real adotadas pelo jornalismo digital e também incorporadas pelos *broadcasts* para a emissão ou recepção de conteúdo em situação de mobilidade”. Tem-se o estabelecimento de novas relações no processo jornalístico vinculado a um *deadline* contínuo e novas formas de interação com o espaço urbano através das conexões sem fio e tecnologias móveis, sugere o autor. Com isso, aplicativos de transmissão em tempo real e dispositivos híbridos conectados, como o celular,

[...] incorporam ao jornalismo novas condições e novos critérios de noticiabilidade vinculados ao localismo e ao tempo real/atualização contínua. Com o desenvolvimento de celulares de tecnologia de terceira geração (3G) com câmera embutida, GPS, visualizadores e editores de arquivos (de texto, fotos, áudio, vídeos), navegadores de internet para acesso a banco de dados, além de outras aplicações sofisticadas, introduzem potencialidades para o jornalismo e redefinem as rotinas produtivas e os critérios tradicionais como o *deadline*, que tende a desaparecer (SILVA, 2008, n.p.).

Para Santaella (2007, p.156), a explosão do universo digital fez com que o conceito de espaço se tornasse “moeda cada vez mais corrente”, especialmente a partir da difusão dos equipamentos móveis, como celular, laptop e conexões à internet sem fio, “cuja descrição dos usos, do comportamento que acionam, dos efeitos psicossociais que provocam, vê-se acompanhar por termos como ‘nomadismo’, ‘ubiquidade’, ‘bordas e espaços fluidos’, ‘território’, ‘desterritorialização’, ‘rizoma’, ‘lugar’, ‘não-lugar’, todos termos pertencentes ao campo semântico de espaço”.

Assim, a quinta geração de tecnologias comunicacionais, a da conexão contínua, é construída por uma rede móvel de pessoas e de tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguos. Para fazer parte deste espaço, um nó (ou seja, uma pessoa) não precisa compartilhar o mesmo espaço geográfico com outros nós da rede móvel, pois se trata de um espaço que Souza e Silva (2006) chama de “espaço híbrido”, criados justamente pela fusão de espaços diferentes e desconectados (SANTAELLA, 2007, p. 200).

De acordo com a autora, a sensação de ubiquidade, de se estar em dois espaços ao mesmo tempo, já era insinuada pelo rádio e pela televisão. O celular e sua conexão constante, no entanto, usado enquanto as pessoas se movem “no burburinho fervilhante da cidade”, foi capaz de inserir

“contextos remotos dentro de contextos presentes” — fazendo com que interlocutores passassem a fazer parte de um “estado pervasivo de presença ausente” (2007, p. 236).

De um lado, o celular traz à presença do usuário pessoas e situações remotas, ou seja, a presença do que está ausente (...). Algo similar já sucedia com o telefone fixo. Entretanto, nesse caso, o lugar ocupado pelos membros da conversação era pressuposto e raramente entrava no conteúdo da comunicação. (...) Na comunicação móvel, pelo contrário, a primeira pergunta que é feita, assim que a comunicação se instala é: “Onde você está?”. Ora, no movimento, o que conecta o corpo ao lugar são traços, rastros. Embora em deslocamento contínuo, subjacente a qualquer informação que o falante forneça sobre o lugar transitório que ocupa, está a resposta: “Sempre ao alcance” (SANTAELLA, 2007, p. 237-238).

O contexto alcançado com o desenvolvimento tecnológico, como o exemplificado por Santaella, possibilita o entrecruzamento de ferramentas e funcionalidades aplicadas ao jornalismo contemporâneo de maneira nunca antes vista — é a chamada convergência, que se estrutura nos diversos âmbitos da produção a partir, principalmente, do surgimento do jornalismo digital. De acordo com Américo e Geloneze (2008), o movimento da convergência tecnológica se dá em duas direções:

Na primeira, os dispositivos de comunicação móveis buscam ter mais capacidade de hardware e software para reproduzirem produtos comunicacionais cada vez mais sofisticados (vídeos de maior resolução, áudios com maior qualidade, possibilidades de multitarefas, integração com outros dispositivos, etc.). Na segunda, as redes que dão suporte a transmissão dos produtos destes dispositivos buscam aumentar sua capacidade de transmissão de dados, suas conexões entre si e com outras redes e aumentar a velocidade de transmissão/recepção de seus dados aos usuários. Diante deste cenário, pode-se dizer que em poucos anos existirão aparelhos que darão suporte a todos os produtos comunicacionais aqui descritos, sendo ao mesmo tempo, baratos, leves e de alta performance (AMÉRICO; GELONEZE, 2008, p.11).

O processo de digitalização dos processos de captação, transmissão e recepção de dados informacionais descrito por Américo e Geloneze potencializou o papel preponderante da televisão nas relações de interação com o meio social. Neste contexto de convergência tecnológica, portanto, de acordo com Emerim e Cavenaghi (2012), o surgimento da internet com todas as suas possibilidades não decretam o fim da televisão, pelo contrário, dão suporte para que ela se torne cada vez mais qualificada naquilo que é sua essência: a transmissão ao vivo.

A imagem está mais acessível, mais rápida e mais perto de ser “tocada”, a cada dia, por um número maior de pessoas. A internet derrubou as barreiras de transmissão de dados à distância e criou novas expectativas quanto à comunicação dos seres no planeta. Isto se refletiu diretamente na mídia televisiva, que hoje se reconfigura, tentando entender que público é este que a acessa sob estas novas bases. E, ao contrário do que se propaga “por aí”, este não é o fim da televisão, pois é nesse contexto sócio-cultural midiático que a televisão ganha força e poder: ela transmite imagens. Imagens mostradas com velocidade de transmissão e qualidade de apresentação. Imagens que se configuram como a própria realidade, que permitem visualizar, simultaneamente, o que está acontecendo, desde aqui ao lado como do outro lado do mundo. Uma visualidade que apaga as distâncias e as mediações: no final são os nossos próprios olhos que veem (EMERIM e CAVENAGHI, 2012, n.p).

No que se refere à possibilidade de deslocamento, Silva (2015) afirma que as tecnologias móveis digitais e de conexão de redes sem fio possibilitaram a mobilidade física e informacional para a produção de conteúdos diretamente do local do evento, "cujas condições são potencializadas pela portabilidade, ubiquidade e mobilidade, além da consideração do aspecto de espacialização contextualizada com a geolocalização da notícia" (2015, p. 9) — características a partir das quais o autor compreende o conceito de jornalismo móvel. Neste contexto, o repórter móvel tem à disposição, segundo Silva, três fatores técnicos:

redes em alta velocidade (tecnologia de quarta geração, o 4G), tecnologias portáteis mais maleáveis para o deslocamento físico (smartphones e tablets), câmeras em HD ou full HD embarcadas nos dispositivos e os serviços da computação em nuvem para disponibilizar a produção o mais instantaneamente possível ou compartilhar notícias. Mas não é só isso. O processo de apuração também é beneficiado pelo acesso remoto aos bancos de dados da organização jornalística ou de outras bases disponíveis no ciberespaço, de modo que a redação se constitui em ambiente móvel de produção (SILVA, 2015, p. 25).

De acordo com o pesquisador, a produção da notícia em condições de mobilidade intensificou a velocidade da produção e da lógica do *deadline* com a compressão do espaço-tempo apontada por David Harvey (1992). Além disso, a possibilidade de o repórter estar no local do evento que noticia também traz novos elementos para o processo jornalístico.

Há uma reafirmação do lugar da produção, do espaço urbano, da geocontextualização da instância produtiva e seus tensionamentos no chamado jornalismo móvel com a espacialização como ocorre com as tags de geolocalização, com a vivacidade das transmissões ao vivo de

repórteres em cena, em deslocamento pelo espaço urbano no front dos acontecimentos em desenvolvimento diante de sua lente ampliada. Considerando que as mídias possibilitam demarcação de senso de lugar através da narrativa das notícias, a mobilidade amplia essa experiência ao colocar o repórter na vivência do lugar das ações (SILVA, 2015, p. 42).

Expostas as tecnologias que possibilitaram que as coberturas jornalísticas ficassem cada vez mais instânêneas, no próximo subcapítulo será abordado, então, a transmissão ao vivo a partir de seu histórico na televisão brasileira, sua importância no telejornalismo e seu efeito no processo de consumo da notícia.

2.3 TELEJORNALISMO AO VIVO

Dentre todas as possibilidades da televisão, Machado (2000) considera que a transmissão ao vivo talvez seja aquela que mais profundamente marca a experiência do meio televisivo:

A televisão nasce ao vivo, desenvolveu todo o seu repertório básico de recursos expressivos num momento em que ainda operava ao vivo e esse continua sendo o seu traço mais importante dentro do universo do audiovisual. [...] A partir da televisão, o registro do espetáculo que está ainda enunciando e a visualização/audição do resultado final podem se dar simultaneamente e é esse justamente o traço distintivo da transmissão direta: a recepção, por parte de espectadores situados em lugares muito distantes, de eventos que estão acontecendo nesse mesmo instante (na verdade, não é exatamente no mesmo instante, pois há um ligeiro atraso entre captação, transmissão e recepção, devido ao percurso do sinal nos canais eletrônicos, mas essa diferença é mínima e pode ser ignorada em termos práticos) (MACHADO, 2000, p.125).

Com a chegada do videoteipe (VT) na década de 1960, produções televisivas que antes eram essencialmente ao vivo, no entanto, passaram a ser gravadas, mudando a forma de se pensar e também de se fazer conteúdo na televisão. De acordo com Machado (2000), ainda assim as emissoras continuaram com a linguagem e a narrativa do "em acontecendo, agora". Se não provocou impacto direto na marca registrada da televisão — a transmissão ao vivo — o surgimento do VT foi capaz, por outro lado, de levantar uma diferenciação entre os conceitos de transmissão direta, ao vivo e gravação ao vivo. Como Emerim e Cavenaghi (2012) analisam, para os telespectadores, as noções de transmissão ao vivo veiculadas pela televisão são familiares. O que talvez não seja de total clareza é a natureza dessas transmissões: ou seja, se são diretas ou não, e se acontecem em tempo real e simultâneas a sua ocorrência. Segundo as autoras, essas

operações — gravação ao vivo e transmissão direta, em tempo real e simultâneo a sua ocorrência — são recursos muito utilizados pelas emissoras, na tentativa de agradar aos telespectadores mais exigentes que, às vezes, mesmo sendo observadores atentos, não conseguem diferenciar um tipo do outro de emissão, percebendo ambos como “ao vivo”. Elas diferenciam:

[...] pode-se presumir que por transmissão direta compreende-se aquele tipo de transmissão dos acontecimentos que se dá ao vivo, sem cortes e em tempo real, com exibição em tempo simultâneo à ocorrência do acontecimento. E o termo gravação ao vivo (ou gravado direto) se refere a um tipo de procedimento de registro, sem cortes e que pode ou não ser editado, mas mantém a sintaxe de uma exibição simultânea à ocorrência do acontecimento registrado (EMERIM e CAVENAGHI, 2012, n.p.).

Os tempos do jornalismo, brevemente abordados pelas pesquisadoras no trecho selecionado acima, são importantes para esta pesquisa. Por isso, serão expostos com maior profundidade mais adiante, a partir das considerações de Fachine. Por ora, faz-se necessário evidenciar o impacto que a entrada do VT na televisão teve sobre a produção jornalística. No que se refere à qualidade do conteúdo telejornalístico, as pesquisadoras avaliam que o uso do videoteipe permitiu a produção de programas mais interessantes e diversificados na televisão, uma vez que a edição passou a ser valorizada e a organizar os materiais exibidos. No entanto, apesar de manter os apresentadores ao vivo, durante a exibição de um programa, chamando diferentes reportagens e entrevistas ao longo do programa, em uma estrutura narrativa de fluxo contínuo, o frequente uso do VT acabou desacostumando os jornalistas para a prática da produção ao vivo. Segundo as autoras,

[...] o excesso do uso dos produtos gravados acabou por desatualizar, para os profissionais, a prática de produção ao vivo, principalmente, aquelas voltadas à cobertura de notícias factuais ou que estivessem acontecendo no momento da exibição do telejornal. Como também acabou por restringir o emprego das transmissões ao vivo aos eventos esportivos e a pequenas aparições de repórteres atualizando ou noticiando resumidamente a posse de um político, a morte de alguma celebridade ou outro fato cuja produção dos programas não pudera recobrir com maior aprofundamento de imagens em reportagens ou especiais. Quando a equipe recobria o fato, este era exibido em um número maior de reportagens, mas, na maioria, pré-gravadas e muito bem produzidas/editadas (EMERIM e CAVENAGHI, 2012, n.p.).

A tal desatualização do jornalista para coberturas ao vivo — provocada, conforme as autoras, devido ao uso frequente do videoteipe —, viria a mudar, segundo elas, a partir de 11 de

setembro de 2011, quando o mundo viu, ao vivo e a cores, os atentados às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York. Segundo Emerim e Cavenaghi (2012, n.p.), “a ocorrência deste fato, a cobertura e o desdobramento operado pela mídia televisiva sobre ele impôs uma mudança profunda e um repensar sobre o modo de planejar e executar uma cobertura televisiva” — por cobertura televisiva, as autoras compreendem o trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado. Até o episódio do 11 de setembro, a cobertura televisiva era tratada como um especial jornalístico sobre um fato de interesse da população, trazendo reportagens, entrevistas com especialistas, reconstituições e prospecções.

Durante a cobertura ao vivo do 11 de setembro, quando a mídia se viu surpreendida pelo fato, muito do despreparo em lidar com um acontecimento em se fazendo, deve-se ao fato de que os repórteres e produtores não tinham acesso ao local nem as fontes para poder empreender uma apuração. Neste evento, todos os profissionais de televisão foram alçados, assim como todos da audiência, a meros espectadores, tanto os que estavam na cidade do evento quanto os que transmitiam o evento das sedes das emissoras fora de Nova Iorque, mas com a obrigação/dever de trazer alguma informação, de tentar dotar de sentido as imagens que pareciam câmeras de vigilância, mostrando por horas, as mesmas imagens. De certa forma, esta espécie de despreparo do telejornalismo para este tipo de cobertura ao vivo pode ser compreendido, também, desde que as práticas do ao vivo deram lugar as de gravação prévia de programas e produtos (EMERIM e CAVENAGHI, 2012, n.p.).

Conforme as pesquisadoras, na década seguinte a do atentado, a técnica da transmissão direta ao vivo e as coberturas ao vivo já podiam ser identificadas com maior peso em programas televisivos de diferentes gêneros, empregadas principalmente na forma de *stand up*³ e no *flash*⁴. Tal reconfiguração na prática telejornalística foi influenciada, de acordo com as autoras, pelos avanços tecnológicos, que facilitaram a transmissão de dados a distância. Segundo Emerim e Cavenaghi (2012, n.p.), as coberturas ao vivo, pela sua natureza técnica e história que têm dentro da televisão brasileira, são sempre supervalorizadas, quase nunca “pequenas” e têm a pretensão de esgotar o tema. Além disso, as autoras consideram que elas se configuram hoje muito mais como estratégia de visibilidade e demonstração de força e poder das emissoras do que uma ferramenta ou formato importante para transmitir notícias na televisão.

³ Quando o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato.

⁴ Resumo da notícia gravada pelo repórter.

Tratando-se de força e poder de emissoras, um dos pilares fundamentais é a credibilidade — sem ela, não há potência ou autoridade que resista. Neste sentido, ainda que não dialogue diretamente com o trabalho de Emerim e Cavenaghi, Franciscato (2003) afirma que a possibilidade do ao vivo atribui credibilidade ao discurso jornalístico. Segundo o autor, o jornalismo em tempo real exacerba o seu “poder de dizer” utilizando modos específicos para isso, baseados na tensão emotiva das imagens, na velocidade de sua transmissão, no sentimento de envolvimento, na dramaticidade da narrativa e na imprevisibilidade do desfecho.

No jornalismo, podemos classificar o “ao vivo” como um modo particular de produção de conteúdo e discurso dentro da modalidade de jornalismo em tempo real. Ao transmitir ao vivo, instaura-se um novo contrato de sentido no discurso jornalístico, em que não é mais conveniente aceitar intervalos de tempo entre o evento e sua disponibilização pública (no máximo, alguns poucos segundos em decorrência do retardo do sinal nas transmissões por satélite). Isto significa dizer que o “ao vivo” é uma construção discursiva que se baseia em uma mediação operada tecnologicamente para dar um efeito de audiência de mediação, um efeito de contato direto do público com o evento. [...] A aparência é de que o jornalismo em tempo real coloca-nos em contato direto com o evento, como se estivéssemos superando a mediação do veículo — e superar a mediação seria uma forma de afirmar um discurso com a pretensão de verdade, de eliminar a interpretação e a subjetividade. Realmente, o tempo real referenciado na instantaneidade pode reduzir o tempo da interpretação do jornalista, obrigando-o a operar em simultaneidade com o tempo do evento e o tempo do receptor (FRANCISCATO, 2003, p. 278).

Como afirma Becker (2005), a credibilidade de um telejornal está ligada, a um princípio enunciativo fundamental, a objetividade, já destacada no capítulo anterior. O telespectador, ao assistir a um telejornal em frente à TV, acredita — através da linguagem do telejornal, que o faz apreender os diferentes sentidos humanos —, estar diante da realidade. E tal credibilidade enunciativa deve-se, segundo Becker, entre outros muitos recursos, às transmissões “ao vivo”, que aproximam o telespectador por meio de atos enunciativos que ele acredita ser a realidade. De acordo com a autora, “o telejornal é apresentado como um show. A tecnologia garante cada vez mais um melhor aproveitamento dos recursos técnicos para marcar a contemporaneidade da linguagem televisual, os quais espetacularizam notícias e estão aliados ao princípio de ubiquidade” (BECKER, 2005, p. 90). A ubiquidade está associada à capacidade de percepção do receptor, que tem a sensação de que poder ver tudo, de estar em todo lugar. De acordo com a autora, tal sentimento é ainda mais reforçado pela transmissão ao vivo, quando ocorre o que define como *ubiquidade instantânea*: o telespectador vivencia um suspense real, “já que tudo

passa a ser imprevisível, e o fato ganha ainda mais importância e conteúdo” (2005, p. 76-77). De acordo com Becker, as principais funções de um repórter em sua tarefa de enunciação são interpretar os fatos e ser testemunha deles, no caso da transmissão ao vivo. A presença de repórteres na matéria é o que leva o público para o que chama de “território da atualidade” (2005, p. 87), o que confere imediatismo. Para a pesquisadora, isso é feito a partir do uso de localizadores linguísticos como “este”, “aqui”, “neste momento”, “de lá”, “ao vivo”, “olha aqui”, que transmitem ao público a sensação de que o fato ocorre no momento da emissão da notícia — ainda que tal sentimento seja ilusório, uma vez a maioria dos acontecimentos não ocorrem pouco tempo antes ou no momento da veiculação das reportagens.

A seguir, veremos como Fachine categoriza a questão do tempo nas coberturas ao vivo — uma vez que nem toda notícia veiculada ao vivo é transmitida em tempo real. Tal diferenciação é importante para esta pesquisa.

2.4 AS ESTRATÉGIAS DA CONSTRUÇÃO DO TEMPO NO TELEJORNAL

No atual cenário em que o imediatismo e a capacidade de interação agregam maior valor às mídias, Fachine (2006) chama atenção para uma tendência a utilização cada vez maior da transmissão direta pelos telejornais. Segundo a autora, tal prática telejornalística serve tanto para a produção de um efeito de atualidade na divulgação da informação quanto para a construção de um sentido de presença entre os sujeitos envolvidos na comunicação. Para entender como a transmissão direta instaura tais efeitos, a pesquisadora expõe as estratégias de construção do tempo no telejornal — o que será abordado a seguir.

Parte-se do pressuposto apresentado por Fachine (2008) de que o telejornal é um enunciado englobante (o noticiário como um todo), que resulta da articulação, por meio de um ou mais apresentadores, de um conjunto de enunciados englobados (as notícias) — que, embora autônomos, mantêm uma interdependência. Em outros termos, o telejornal pode ser compreendido como um conjunto que emerge de sucessivas unidades — reportagens gravadas, entrevistas no estúdio, entradas “ao vivo”, gráficos e material de arquivo — numa instância enunciativa que as engloba, marcada pela temporalidade. Esta pode ser entendida como uma das

estratégias que um telejornal tem para aproximar seu apresentador do conteúdo enunciado, produzindo, em última instância, um efeito de presença.

Todos os enunciados englobados (unidades) organizam-se em função desse enunciado englobante implícito (todo) em que estão inseridos, e são articulados entre si, numa mesma temporalidade definida pelo início e pelo fim do programa. Essa temporalidade corresponde à duração, continuamente no presente, na qual se dá a própria transmissão do telejornal. Essa duração da transmissão corresponde, do ponto de vista enunciativo, ao *agora* do ato de enunciação que instaura o enunciado englobante (o telejornal propriamente dito). Como em qualquer procedimento de discursivização, esse agora da enunciação corresponderá a um “momento zero” da “colocação em discurso” e é em relação a ele que o tempo dos conteúdos enunciados irá se definir como concomitante ou não-concomitante (FECHINE, 2008, p. 111-112).

Ou seja, tomando-se as considerações de Fechine, que estabelecem o momento da enunciação de um telejornal como o *agora*, pode-se pensar que as unidades (reportagens, inserções de repórteres e outros conteúdos veiculados em um jornal de TV), situam-se ou no mesmo *agora* da enunciação (e é, por isso, concomitante a ela) ou em um *então*, quando ocorre em um tempo passado em relação ao presente. De tal forma, para que um enunciado englobado situe-se no mesmo *agora* da enunciação, é preciso que ele esteja se fazendo discursivamente no mesmo momento que o enunciado englobante, ou seja, o telejornal. Em outras palavras: este enunciado englobado corresponde necessariamente a uma entrada “ao vivo”, ou seja, a uma sequência direta. Quando, do contrário, o enunciado englobado situa-se em um *então* em relação ao “momento zero” da enunciação (anterioridade), é porque se trata de uma sequência previamente gravada.

Fechine destaca que o apresentador não se constitui no único actante (pessoa) de um telejornal. Todo o telejornal, conforme a autora, organiza-se a partir da delegação da voz deste *eu*, apresentador, a novos actantes — sendo a mais comum delas, a convocação pelo apresentador de um repórter ao qual cabe a narrativa do fato. Neste momento, surgem duas possibilidades: o apresentador (actante que delega a voz) pode posicionar o actante delegado em um tempo concomitante ou em um tempo não-concomitante ao seu próprio. Quando a delegação actancial é feita sem que haja deslocamento temporal, o repórter e o apresentador compartilham do mesmo *agora* — e a concomitância é inscrita no enunciado englobado pela marca de “ao vivo” no canto da tela.

Quando analisamos, ao contrário, uma sequência gravada, inserida no telejornal direto, a delegação actancial pressupõe necessariamente um deslocamento temporal no momento de fala, já que o actante que delega (o apresentador) e o actante delegado (um repórter, por exemplo, posicionam-se em tempos não-concomitantes. Ou seja, o procedimento de delegação de voz produz, também, nesse caso, o recuo a um momento anterior ao *agora* instaurado pelo telejornal, uma vez que quem assume a fala o faz num tempo passado em relação ao presente da instância delegadora (FECHINE, 2008, p. 113).

Os dois procedimentos, de concomitância ou de não-concomitância, produzem, antes de mais nada, a instauração de efeitos de sentido de maior ou menor proximidade entre o ato de enunciação e o conteúdo enunciado. Mas é possível, no entanto, aprofundar ainda mais a discussão sobre as situações em que a delegação de voz de um actante a outro se dá sem deslocamento temporal — ou seja, quando um apresentador chama um repórter para uma entrada “ao vivo”. Nestes casos, surgem outra duas possibilidades, que são distinguidas por Fachine como “tempo atual” e “tempo real” — o primeiro, conferindo efeito de imediaticidade da divulgação das notícias, o segundo, um sentido de presença.

Conforme a definição de Fachine, a configuração do *tempo atual* está associada às situações nas quais um repórter entra “ao vivo” para falar de algo que já ocorreu. Nestes casos, geralmente o repórter se situa no local onde o fato reportado se deu, e as configurações mais frequentes são: a) o repórter passa as informações por meio de um *stand up*; b) o repórter dá as últimas informações “ao vivo” e chama uma reportagem gravada que ele mesmo (ou outro repórter) fez sobre o fato noticiado. A pesquisadora explica o sentido produzido nas situações em que um telejornal constrói um tempo atual:

Ora, o repórter fala de algo que não é concomitante com ao seu momento de fala, mas seu momento de fala coincide com o momento de fala do apresentador, já que ele faz uma entrada “ao vivo”. Os dois compartilham, portanto, uma mesma duração: estão inseridos no *agora* do telejornal. [...] Assim, por meio dessa estratégia de inserção do repórter e do apresentador no mesmo *agora* em que se dá a transmissão promove-se a *atualização* de um fato passado ao presente do telejornal. Colabora para a construção desse efeito de continuidade temporal a inserção do repórter, no ato da enunciação, no mesmo espaço ao qual se refere no conteúdo enunciado (espaço da enunciação = espaço do conteúdo enunciado). A adoção dessa estratégia de construção de uma continuidade espaço-temporal resulta, por fim, em um efeito de maior proximidade entre o conteúdo enunciado e o próprio ato de enunciação por meio do qual se diminui a distância entre o fato jornalístico e sua divulgação pelo telejornal (FECHINE, 2008, p. 114, grifos da autora).

Por sua vez, explica a autora, a configuração do *tempo real* está associada a situações nas quais um telejornal registra e exhibe um determinado acontecimento que ocorre no momento em que está sendo transmitido pela televisão. Nestes casos, apresentador, repórter e aquilo sobre o qual ambos falam estão inseridos em uma mesma duração. Ou seja, destinadores e destinatários estão inseridos em uma mesma temporalidade, que é tanto a do discurso (da TV) quanto do mundo (dos fatos). De tal forma que “a transmissão faz da sua própria duração a instância de interação, na qual se instaura um tipo de ‘contato’, de ‘acesso direto’, entre os sujeitos (ou entre estes e a ‘realidade’)” (FECHINE, 2008, p. 115). Segundo Fachine, a transmissão direta, a partir da continuidade espaço-temporal que propicia, é capaz de instaurar um espaço sem qualquer correspondência no “mundo natural” — “um ‘lugar’ que só possui existência na tela da TV como manifestação intangível do espaço criado pelo tempo da própria transmissão para acolher seus actantes” (2008, p. 115). Dito de outro modo, “o espectador não apenas vivencia um determinado acontecimento (toma parte) através da transmissão direta, mas vive a própria transmissão direta como um acontecimento (do qual toma parte)” (FECHINE, 2008, p. 83).

Ao analisar os modos de presença com os quais o telejornal trabalha, descrevendo os usos, as funções e as configurações do “ao vivo” no gênero telejornal, a autora identifica os efeitos de sentido deles decorrentes.

Todo o esforço empreendido na descrição dessas mais variadas sequências diretas será, em suma, para apontar suas especificidades sem perder de vista o que genericamente as reúne: a condição de enunciados que estão *se fazendo* na mesma duração da sua enunciação e que, em função desse dar-se *em ato*, podem produzir efeitos que se desdobram ou que emergem de um sentido genérico de presença proposto ao destinatário do telejornal. Que efeitos, concretamente, são estes? Efeitos de atualidade e ubiquidade, expectativa e curiosidade, intimidade e autenticidade, testemunho e vigilância, entre outros (FECHINE, 2008, p. 184).

Operando em tempo real, a televisão, conforme defende Fachine, propicia uma experiência comum de ver TV: os telespectadores vêem o que os outros estão vendo no momento em que eles estão vendo. Para a autora, o simples ato de se expor ao fluxo televisual, que insere o “destinador e o destinatário” em uma mesma dimensão espaço-temporal (a da transmissão), instaura um tipo de contato entre os sujeitos, que, para além dos conteúdos veiculados, é significativo em si mesmo.

O efeito de contato produzido pela transmissão direta parece ser justamente o resultado do reconhecimento tácito de que algo está se atualizando (se fazendo) agora tanto aqui (espaço do eu) quanto lá (espaço do outro): um contato produzido pela e na duração. Compartilho com os responsáveis pela emissão (produtores) e com milhares de outros espectadores (receptores) de um mesmo tempo — o tempo instituído pela própria transmissão — e, através deste, todos nos encontramos em um mesmo lugar, um espaço que não se constitui mais materialmente, um espaço simbólico, um espaço vivido tão somente através da transmissão. É nesse tempo e nesse lugar, criados por esse nosso próprio contato com a televisão, que se estabelecem os encontros entre sujeitos enunciantes. É sincronizando o passar do tempo do meu cotidiano com o de grupos sociais mais amplos que a TV instaura um sentido de estar com que se manifesta unicamente na copresença que essa similaridade da programação (todos vendo a mesma coisa, mesmo que não importe exatamente o quê) e essa simultaneidade da sua transmissão (ao mesmo tempo) propiciam (FECHINE, 2004, p. 54).

Além disso, ao saber que a programação está se fazendo no mesmo momento em que ele está assistindo à televisão, o telespectador confere à temporalidade construída pelo discurso televisual o mesmo estatuto de temporalidade cotidiana, afirma Fechine (2002).

Na frente da tela, o espectador acredita que pode, a qualquer momento, ter "acesso direto" ao que está acontecendo no instante mesmo em que assiste a um determinado programa porque é exatamente isso que a *TV broadcasting* lhe promete: a maioria das emissoras não hesita em interromper a sua programação ordinária com boletins ou coberturas "ao vivo" quando um fato relevante ocorre nas mais diferentes partes do mundo. Operando em "tempo real", a TV instaura por si um regime de vigilância, uma espécie de "plantão" permanente no "mundo". Quando ligamos a TV, nós nos inserimos, inconsciente e inevitavelmente, nessa duração compartilhada e, através dela, nesse sentido de vigília comum (FECHINE, 2002, p. 14).

Feita a exposição do referencial teórico acerca da temporalidade jornalística, bem como os marcos tecnológicos que propiciaram o desenvolvimento das coberturas ao vivo até que pudessem chegar ao ideal máximo da instantaneidade, as transmissões em tempo real, parte-se agora para a exposição da metodologia que será empregada, bem como do objeto que será analisado nesta pesquisa.

3 ANÁLISE

Este capítulo é dedicado à análise da cobertura telejornalística ao vivo no que se refere às alterações nas configurações da temporalidade e o efeito que tais mudanças, provocadas em grande parte pelas possibilidades tecnológicas, têm no que diz respeito ao reconhecimento do fazer jornalístico junto ao público. O objetivo é compreender de que maneira o avanço e a convergência das tecnologias incidiram sobre pilares essenciais da prática jornalística como a credibilidade e a legitimidade. Primeiro, em uma etapa quantitativa, pretendeu-se organizar o objeto a partir de categorias de sistematização relacionadas aos conceitos de tempo, mobilidade e tecnologia verificados nas transmissões. Os indicadores levantados apontam características das atuais coberturas telejornalísticas ao vivo. Em seguida, utilizando-se das possibilidades de interpretação da Análise de Conteúdo (AC), a atenção foi dedicada sobre o *corpus* da pesquisa, objetivando-se compreender de que maneira se deu a temporalidade da cobertura analisada e como essas características de tempo incidem sobre a credibilidade do telejornalismo.

3.1 METODOLOGIA: A ANÁLISE DE CONTEÚDO

Ao centrar os olhares sobre a cobertura telejornalística ao vivo, busca-se com esta pesquisa indicativos do modo como as alterações na temporalidade dos processos de produção e divulgação das notícias, possíveis graças aos avanços e à convergência da tecnologia, refletiram-se sobre conceitos-base da prática jornalística, como a credibilidade e a legitimidade. Desse modo, a Análise de Conteúdo (AC) surge como um método capaz de dar conta do problema de pesquisa apresentado e dos objetivos a serem alcançados.

De acordo com Laurence Bardin (1977), que sistematizou o conjunto de procedimentos da análise de conteúdo, a metodologia surge com dois objetivos primordiais: ultrapassar a incerteza sobre o objeto estudado e enriquecer a leitura, no sentido da descoberta de conteúdos que, a princípio, não apareceriam explícitos nas mensagens. A análise de conteúdo, segundo a autora, abriga diversos instrumentos de verificação, que vão possibilitar a articulação entre a descrição e a superfície dos textos, ou seja, aquilo que é visível e a dedução lógica dos fatores implícitos que determinam essas características.

A análise de conteúdo é um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto-a-vestir da análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados. [...] A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 1977, p.31).

Leal e Antunes (2011, p.17) destacam o quanto essa metodologia vem sendo utilizada “quando se busca apanhar o(s) modo(s) como os veículos noticiosos constroem os acontecimentos”. Ao problematizar o uso da técnica em pesquisas centradas no jornalismo, Herscovitz (2007, p. 127) compara a atividade do pesquisador com a de um detetive “em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas”. No percurso de interpretação, o analista descreve as características do texto e, então, em um processo intermediário baseado na lógica, elabora inferências.

Enquanto mé todo, a Análise de Conteúdo é estruturada em três partes : pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos; inferência e interpretação dos dados por meio da observação do *corpus* da pesquisa. A pré-análise consiste na organização da pesquisa propriamente dita. É a etapa, portanto, em que o investigador deve escolher os documentos a serem submetidos à análise, formular hipóteses, objetivos e indicadores que fundamentem a interpretação final de seu estudo. Nas palavras da autora, é um momento “de intuições, que tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais de maneira a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas em um plano de análise” (1977, p. 95).

Na fase da pré-análise deste estudo, foi lançado um olhar sobre todo o arquivo de coberturas que a emissora brasileira por assinatura Globo News disponibilizou em seu site⁵. A escolha pelo canal deve-se ao fato de ele dedicar grande parte de sua programação ao

⁵ Acesso disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/>.

telejornalismo ao vivo. Além disso, a emissora enfatiza em vinhetas e slogans o compromisso que tem com a agilidade de trazer as notícias aos seus telespectadores.

A Globo News passou a publicar diariamente trechos gravados de sua programação ao vivo na página online a partir da segunda quinzena de julho de 2015 — antes disso, somente alguns vídeos aleatórios eram disponibilizados, sem qualquer regularidade. Foi então verificado, a partir de uma leitura flutuante, todo o material publicado no site desde 15 de julho de 2015 até o fim do mesmo ano. Com uma amostra de envergadura numérica em mãos — o número de arquivos postados diariamente variou entre 20 e 40 — foi possível identificar vídeos que correspondiam a reportagens ou entradas ao vivo sobre assuntos pontuais, e também aqueles que faziam parte de uma cobertura jornalística mais extensa, de continuidade, que se prolongara por dias a fio. Assim, conseguiu-se fazer a primeira delimitação: ficou definido que se tentaria responder ao problema proposto por esta pesquisa a partir da cobertura jornalística dos atentados simultâneos em Paris, desencadeada na noite de 13 de novembro — o objeto desta pesquisa.

Foi então definido um *corpus* para ser submetido aos procedimentos analíticos: 91 arquivos de vídeo disponibilizados pela emissora em seu site entre 13 e 18 de novembro de 2015, período em que a cobertura dos ataques na capital francesa ganhou maior destaque na programação do canal. Na pré-análise também foi identificado o objetivo geral deste estudo: investigar de que maneira as mudanças nas configurações relativas ao tempo das transmissões telejornalísticas, possibilitadas pelo avanço e pela convergência das novas tecnologias, refletem-se em pilares básicos do jornalismo, como a legitimidade e a credibilidade. Entre os objetivos específicos, pretende-se ainda apurar de que maneira o imediatismo foi incorporado pelas coberturas televisivas e aferir que contribuições ou prejuízos as possibilidades geradas com as novas tecnologias trouxeram para as transmissões jornalísticas na televisão.

Definiu-se, assim, que a análise teria de ser dividida em duas partes: uma análise de caráter mais quantitativo teria de anteceder a análise qualitativa. Inicialmente, então, foram assistidos aos 91 arquivos da cobertura dos ataques terroristas com o objetivo de se fazer uma sistematização a partir de categorias relativas ao tempo das transmissões (ao vivo, gravado, tempo atual, tempo real), à mobilidade/local de onde foram realizadas (estúdio, casa, pontos externos ou local dos

fatos) e à tecnologia empregada (satélite, ligação por celular, streaming via computador ou streaming via celular). Os resultados obtidos com esta etapa foram analisados posteriormente de maneira qualitativa.

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que dêem lugar a frequências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis. [...] Em conclusão, pode-se dizer que o caracteriza a análise qualitativa é o fato de a “inferência – sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.), e não sobre a frequência de sua aparição, em cada comunicação individual (BARDIN, 1977, p.115-116).

Para Bardin, uma das mais importantes etapas da análise de conteúdo qualitativa, é a escolha de categorias (classificação ou agregação), que permitem reunir maior número de informações às custas de uma esquematização. É em função da categorização, sugere Bardin (1977), que se tem a passagem dos dados brutos para os dados organizados.

A partir do momento que a análise de conteúdo decide decodificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. [...] A análise de conteúdo assenta implicitamente na crença de que a categorização (passagem de dados brutos a dados organizados) não introduz desvios (por excesso ou por recusa) no material, mas que dá a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados brutos. [...] Um bom analista será, talvez, em primeiro lugar, alguém cuja capacidade de categorizar – e de categorizar em função de um material sempre renovado e de teorias evolutivas – está desenvolvida (Bardin, 1977, p. 119).

Para o desenvolvimento das categorias de análise, buscou-se respeitar a rigidez exigida pelo método. O desenvolver das categorias que serão apresentadas a seguir, fez-se a partir de uma leitura flutuante do *corpus* e das suposições e objetivos traçados para este trabalho. Como sugere Bardin (1977), foram consideradas cinco regras essenciais: exclusão mútua (um elemento pode existir em somente uma divisão), homogeneidade (todas as classes devem ser orientadas por um único princípio de classificação), pertinência (o sistema precisa estar de acordo com as hipóteses e objetivos do pesquisador), fidelidade (devem estar claros, desde o início do processo, os índices

que determinarão o ingresso dos elementos nas categorias) e a produtividade (as divisões devem produzir resultados férteis e, principalmente, dados exatos).

A partir da leitura analítica e de anotações sistemáticas, foram identificados três eixos que perpassam toda a discussão relativa ao tempo no processo jornalístico: legitimidade do conteúdo; credibilidade do jornalista; sensação de ubiquidade do telespectador. Esses conceitos circundam diferentes aspectos relativos ao problema proposto por esta pesquisa: o de se verificar os efeitos que as características relativas ao tempo, propiciadas pelo avanço e convergência das tecnologias, trouxeram para o processo telejornalístico. Conforme definido pela AC, as três perspectivas de análise estão ancoradas no aporte teórico desta pesquisa.

A seguir, será apresentado o mapa do objeto deste trabalho, bem como os argumentos para a escolha dele. Depois, será detalhada a etapa quantitativa elaborada a partir do arquivo disponível da cobertura dos atentados em Paris. Por fim, serão realizadas a inferência e a interpretação propriamente ditas.

3.2 O JORNALISMO AO VIVO DA GLOBO NEWS

Delimitou-se o objeto desta pesquisa a uma das coberturas ao vivo da Globo News, canal por assinatura da Globosat, que surgiu em 1996 com a pretensão de ser um espaço dedicado 24 horas exclusivamente ao jornalismo — em tempo real, quando necessário. A escolha do canal foi motivada por estar entre aqueles, na televisão brasileira, a ter uma maior facilidade e propensão a derrubar uma grade ou espelho pré-estabelecidos em virtude da cobertura ao vivo de um fato que acaba de acontecer — na televisão aberta, por outro lado, somente casos de enorme repercussão nacional e/ou internacional conquistam tamanha façanha. Sendo assim, supõe-se que a equipe de jornalistas da Globo News esteja adaptada às coberturas em tempo real e, portanto, tenha maior proximidade com tecnologias que permitem, cada vez mais, a transmissão de eventos no local e no momento em que eles ocorrem. Assim como a emissora, pelos menos outros dois canais, a Record News e a Band News, também se dedicam a uma extensa e diária programação jornalística ao vivo, porém não possuem a mesma presença de correspondentes e colaboradores em outros países como a Globo News.

Autointitulada como o “primeiro canal de jornalismo do Brasil”, o “canal de notícias 24 horas no ar”, que “nunca desliga”, a Globo News foi lançada em 15 de outubro de 1996. A programação visava preencher a lacuna de um telejornalismo aprofundado, limitado pelas grades de programação dos canais abertos. O cenário do lançamento da Globo News foi marcado pela grande efervescência da TV paga brasileira, que crescia consideravelmente ano a ano. Duas programadoras dominavam o mercado em expansão: a TVA, do Grupo Abril, que respondia pela distribuição de vários canais estrangeiros, como ESPN Internacional e MTV, e a Globosat, das Organizações Globo, que programava e distribuía os canais Telecine, GNT (Globosat News Television), Multishow e Sportv. Parecia haver espaço, portanto, para um novo canal, de jornalismo de profundidade — e essa foi a missão proposta à Central Globo de Jornalismo, na época sob comando de Evandro Carlos de Andrade. Conforme Becker,

A segmentação de mercado provocou novas possibilidades de produção. Nas TVs abertas os noticiários ganharam mais espaço. As emissoras lançaram profissionais e apresentadores. Competiram pela audiência e pela credibilidade, como ainda hoje o fazem. Na segunda metade da década de 1990, a disputa entre os noticiários da TV aberta foi menos acirrada. Os telejornais começaram a receber influências das tecnologias digitais, que deverão promover mudanças significativas no modo de produção e recepção de notícias, ainda que não provoquem alteração nos conteúdos da programação (BECKER, 2005, p. 18).

Em *Globo News: o primeiro canal de jornalismo no Brasil, 10 anos, 24 horas no ar*, livro que recupera os primeiros dez anos de história do canal, Paternostro (2006) conta que a rede norte-americana CNN, criada em 1980, serviu como referência para a criação da Globo News. Dezesseis anos depois, no lançamento do canal brasileiro, a CNN já tinha reconhecimento mundial: em 1991, havia realizado uma grande cobertura da Guerra do Golfo, quando seus jornalistas foram os primeiros a mostrar para o mundo, e ao vivo, imagens dos bombardeios aéreos sobre Bagdá, capital do Iraque.

Na terça-feira, 15 de outubro de 1996, às 8h30min, em ponto, entrava no ar a primeira vinheta de abertura da Globo News. E, de acordo com Paternostro (2006), apenas 15 dias depois, ocorria o primeiro grande fato jornalístico que faria o canal substituir sua programação pela transmissão contínua do desenrolar de um acontecimento: a queda do Fokker 100 da TAM, em São Paulo, que deixou 98 mortos. Era exercida, pela primeira vez, a essência do que o canal se propunha a fazer: o jornalismo ao vivo. Na introdução do livro desenvolvido por Paternostro, o

então vice-presidente das Organizações Globo, João Roberto Marinho, fala sobre a missão da Globo News:

De todas as características da Globo News, a que mais impressiona é a mudança que ela provoca em quem está diante da tela: o espectador se transforma em testemunha. Essa marca do chamado jornalismo em tempo real tem um efeito enorme sobre a cidadania. Em vez de ser apenas informado dos acontecimentos, o cidadão passa a acompanhar, minuto a minuto, o seu desenrolar, com todas as idas e vindas, com todas as incertezas que um processo em evolução traz consigo (in: PATERNOSTRO, 2006, p. 7).

Para isso, antes mesmo de sua estreia, o canal já contava com correspondentes em pontos estratégicos de todo o mundo, que poderiam entrar ao vivo a qualquer fato inusitado. A rede internacional se complementava, no início, com rádios estrangeiras que forneciam gratuitamente serviço em português, como a BBC, a Deutsche Welle e a France Internacional. De tal forma, desde seu lançamento, o canal conseguiu dar às notícias um ritmo célere, “em cima da hora”. Ao mesmo tempo em que os eventos jornalísticos ganhavam tempo ainda maior nos programas dedicados à reflexão e ao conhecimento. É quando entra em cena uma rede de especialistas em diversas áreas, como economia, segurança, política e assuntos internacionais. De acordo com Paternostro (2006), o jornalismo em tempo real e o jornalismo já decodificado, com a ajuda de especialistas e a contextualização das notícias, são o que define a Globo News. É o que sugeriu Ali Kamel, enquanto diretor-executivo da Central Globo de Jornalismo:

A função da Globo News é informar com agilidade e imediatismo. Por definição, e porque tem as condições de espaço e tempo, pode dar tudo. Dar tudo com todos os lados, todos os ângulos da notícia, e as pessoas notam que pluralidade é um valor da Globo News. Credibilidade é isso. Mas ela não tem somente o papel de informar. Nos programas Espaço Aberto, Almanaque, Starte, Painel e Milênio, o público pode solidificar sua opinião, mudar de opinião, aprender muito. Eles ajudam a criar cidadania (in: PATERNOSTRO, 2006, p. 17).

A ânsia de informar com agilidade e imediatismo, tal como sugere Paternostro, no entanto, também levou a emissora a uma de suas mais famosas “barrigadas”, quando informações erradas são repassadas ao público, em decorrência de uma má apuração. Ocorreu em 28 de maio de 2008, quando a emissora interrompeu a transmissão da CPI dos Cartões Corporativos para mostrar imagens ao vivo da zona sul de São Paulo, onde um avião da empresa aérea Pantanal teria caído

sobre um prédio comercial. De acordo com o canal, as informações seriam repassadas pela Infraero, que logo tratou de negar a informação. Na verdade, tratava-se de um incêndio em uma fábrica de colchões, incidente que não tinha qualquer relação com acidente aéreo. A notícia divulgada pela Globo News foi replicada principalmente por rádios e sites de notícia. Em artigo⁶ publicado na revista Carta Maior, dias depois, o sociólogo e jornalista Gilson Caroni Filho criticou a sobreposição da velocidade da transmissão nos processos jornalísticos e o empobrecimento da checagem das informações divulgadas que, segundo ele, seriam as novas marcas do jornalismo da Globo News:

Como checar as informações e publicá-las dentro de um padrão de bom senso e confiabilidade, quando o critério da eficiência é dado pela velocidade da divulgação, quando o objetivo é furar o concorrente, dando a notícia em primeira mão, direto, ao vivo, instantaneamente? Continuar o bombardeio informativo, em tempo contínuo, dispensa até mesmo o profissional qualificado: basta uma testemunha que produza o “efeito do real”. Alguém que já não controle mais o produto final da produção simbólica, visto que dela participa como mero legitimador (CARONI FILHO, 2008, n.p.).

No prefácio do livro elaborado por Paternostro, no entanto, João Roberto Marinho (2006) destaca o desenvolvimento tecnológico que possibilitou que o canal, desde a sua primeira década, cumprisse “com mais competência a sua missão”. Ele lembra que, no ano de surgimento da Globo News, havia apenas 1,6 milhão de celulares no país, e os usuários de internet, por sua vez, eram poucos. Não existia a chamada banda larga. Dez anos depois, no momento em que escrevia o prefácio, Marinho ressaltava o avanço no número de aparelhos celulares no Brasil: 90 milhões. Além disso, o número de internautas, segundo ele, havia pulado para 32 milhões — sendo que um milhão usavam banda larga. Como sugeriu Marinho:

Não demorará para que se torne habitual as pessoas comum enviarem fotos e imagens em movimento produzidas por seus celulares. De outra perspectiva, essa mesma parafernália torna possível que a Globo News informe seus espectadores de uma maneira mais ágil e mais rápida: um simples celular em Israel é suficiente para que o correspondente dê conta do último conflito, com informações em primeira mão. E a internet em banda larga e wireless permite que imagens sejam transmitidas digitalmente, prescindindo satélites, até hoje muito dispendiosos (in: PATERNOSTRO, 2006, p. 9).

⁶ Artigo disponível em: http://cartamaior.com.br/colunaImprimir.cfm?cm_conteudo_idioma_id=20176. Acessado em maio de 2016.

Um dos momentos mais marcantes no que diz respeito a mudanças que as tecnologias trouxeram ao processo de produção jornalística da emissora ocorreu durante as manifestações que tomaram conta das ruas brasileiras a partir de junho de 2013. Em artigo⁷ publicado no portal Observatório da Imprensa, o pesquisador e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Antônio Brasil destaca especialmente o trabalho realizado por repórteres da Globo News durante os protestos no Dia da Independência daquele ano, quando os jornalistas passaram a transmitir os acontecimentos a partir de celulares, não aparecendo nas transmissões. Segundo Brasil, a narração também era diferente, espontânea e improvisada, “uma ousadia de sons, imagens e palavras para os rígidos padrões da Globo”.

As imagens e sons transmitidos por celulares via rede e veiculados pela GloboNews confirmam nossas previsões da migração ou convergência, cada vez mais efetiva e inevitável, da televisão e dos telejornais para a internet. Não há como evitar. O conteúdo jornalístico divulgado pela emissora no feriado de 7 de setembro era forte, relevante e surpreendente. Mas apresentava baixa qualidade técnica. Ou seja, estava fora dos rígidos e tradicionais padrões globais. Quem diria que um dia assistiríamos a um telejornal do grupo Globo com esse tipo de imagens? Será esse o fim da ditadura da engenharia da emissora que durante tanto tempo impôs um padrão único e rígido de qualidade que limitava experimentação e inovação nos telejornais? (...) A adoção da “cobertura ninja” pela Globo News durante os protestos de 7 de setembro comprova a capacidade e vontade da Globo de sobreviver (BRASIL, 2013, n.p.).

De acordo com Rezende, o surgimento de um canal de jornalismo brasileiro trouxe mudanças na linguagem telejornalística, assim como sugeriu Brasil, principalmente no que se refere à relação entre texto e imagem:

Alguma coisa, porém, mudou no panorama do telejornalismo brasileiro nos últimos anos. A televisão por assinatura avançou bastante, criando canais exclusivos de notícias, dos quais a Globo News é o exemplo mais significativo. Passou-se inclusive a observar mais frequentemente a incidência de notícias calcadas no critério do valor jornalístico e não somente no impacto das imagens, próprio do estilo de jornalismo como espetáculo (REZENDE, 2000, p. 28).

Para João Roberto Marinho, no entanto, a principal característica que o telejornalismo brasileiro conquistou, a partir da Globo News, foi a transmissão direta dos acontecimentos, “sem

⁷ Artigo disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/ed763_os_ninjas_da_globonews/. Acessado em abril de 2016.

edição”, e a possibilidade de os eventos se revelarem, ao vivo, estarem em construção diante das câmeras:

Com a Globo News, no entanto, tudo passou a ser diferente. Todo fato que tenha repercussão na vida do país e do mundo pode ser acompanhado integralmente, sem edição, por espectadores cada vez mais ávidos por informação. Não se trata de ligar as câmeras e deixar que os eventos falem por si. É preciso que haja jornalistas treinados a contextualizar, de imediato, o que está acontecendo, dar informações complementares que permitam aos assinante entender melhor o que está sendo visto (in: PATERNOSTRO, 2006, p. 8).

Após a contextualização do objeto, a partir de um breve histórico da Globo News, emissora que realizou a cobertura que será analisada, é necessário agora que se faça uma descrição do objeto desta pesquisa: o trabalho jornalístico que reuniu apresentadores, repórteres, correspondentes e comentaristas em torno dos atentados em Paris.

3.2.1 Mapa do objeto: a cobertura do 13 de novembro de 2015

Na noite de 13 de novembro de 2015, o Estado Islâmico coordenou atos terroristas que mataram 130 pessoas em diferentes lugares de Paris e em Saint-Denis, na periferia da capital francesa — foram os atentados mais mortais no país desde a Segunda Guerra Mundial. Os ataques consistiram em fuzilamentos em massa, explosões suicidas e o uso de reféns. Ao todo, ocorreram três explosões separadas e seis fuzilamentos em massa, incluindo bombardeios perto do Stade de France, no subúrbio ao norte de Saint-Denis. O atentado que deixou o maior número de vítimas foi na casa de show Bataclan, onde morreram 89 pessoas. Os outros locais alvo de ataques foram o bar Le Carillon e o restaurante Le Petit Cambodge. Em 14 de novembro, o grupo Estado Islâmico assumiu a responsabilidade dos atos. A motivação seria uma "retaliação" em relação ao papel na intervenção militar na Síria e no Iraque, conforme informações noticiadas pelos telejornais.

A informação de que Paris havia virado alvo de terroristas naquela noite foi dada pela primeira vez entre as emissoras brasileiras no *Jornal das 19h* da Globo News, apresentado pela jornalista Leilane Neubarth, com a entrada ao vivo da repórter Lúcia Muzell, correspondente na capital francesa. As informações iniciais eram vagas — não se confirmava ainda que se tratava de

um ataque terrorista, nem o número de possíveis vítimas. A partir da primeira entrada ao vivo, em torno das 19h24min, a programação da Globo News foi suspensa, e a emissora passou a noticiar os novos fatos sem pausa, a partir de imagens da CNN.

A cobertura ganhou destaque entre as emissoras brasileiras, em grande parte, devido a uma coincidência: de férias, a repórter da Globo News no Rio de Janeiro Carolina Cimenti, assistia ao amistoso França x Alemanha, no Stade de France, estádio próximo ao qual um dos terroristas se explodiu na noite daquela sexta-feira. A repórter, assim que possível, passou a fazer parte da cobertura da Globo News — sua primeira entrada ao vivo foi por celular, ainda de dentro do estádio, narrando como estava a situação que levava milhares de torcedores a se concentrarem no gramado, à espera de informações para deixar o local. Como ela mesmo esclareceu durante a transmissão, o sinal de internet móvel no local era precário naquele momento, em função do grande número de pessoas que buscavam informações e tentavam se comunicar com amigos e familiares — assim, não foi possível que a reporter entrasse ao vivo do estádio por meio de um *streaming*, com imagens. A partir do celular, gravou imagens que mais tarde passaram também na Rede Globo, e entrou ao vivo em deslocamento via Skype, enquanto se dirigia ao hotel em um táxi. Munida de um fone de ouvido, um celular e conexão à internet, durante os próximos dias transmitiu durante os acontecimentos e o clima nas ruas da capital francesa, onde homenagens e operações policiais continuavam ocorrendo.

Da cobertura dos atentados, também fez parte a repórter Bianca Rothier, correspondente em Genebra, que foi deslocada para Paris. Ela passou a fazer transmissões ao vivo dos locais das homenagens via satélite. Lúcia Müzell, correspondente do canal na França, também participou da cobertura, assim como mais repórteres já residentes em Paris foram chamados para a transmissão dos fatos decorrentes do evento. Correspondentes da Globo News na Inglaterra, Roberto Kovalick e Pedro Vedova também foram deslocados para a capital francesa nos dias seguintes. Entre a sexta-feira dos ataques e o domingo seguinte, segundo dados do Ibope, cerca de 8,8 milhões de pessoas passaram pela Globo News — o que significa uma audiência 73% maior que a média anual do canal nestes dias, de acordo com o jornal O Globo⁸.

⁸ Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/atentados-em-paris-dao-globonews-segunda-maior-audiencia-do-ano.html>

No próximo tópico, será apresentada uma sistematização do *corpus* que constitui o objeto desta pesquisa, a partir de categorias relativas ao tempo, às tecnologias empregadas e à mobilidade, que ficaram evidenciadas após uma primeira leitura do material. Elas permitirão uma melhor organização e uma visão mais panorâmica sobre o objeto para que, posteriormente, possa ser realizada a análise, a partir de categorias compatíveis com os objetivos propostos.

3.3 ANÁLISE: ETAPA QUANTITATIVA

A fim de organizar todo o material apreendido sobre a cobertura dos ataques terroristas em Paris, desencadeada a partir da noite de 13 de novembro de 2015 e levada com fôlego jornalístico pelos dias seguintes, foram estabelecidas três unidades de registro do objeto. Cada uma delas traz categorias mais específicas relativas à temporalidade da enunciação jornalística, à tecnologia empregada e à possibilidade de mobilidade do enunciador. Elas foram construídas com base no referencial teórico e a partir de uma leitura inicial do objeto.

A primeira unidade de registro, **o tempo da transmissão**, refere-se à natureza da enunciação a partir dos conceitos trazidos por Fechine (2008), que permitem definir se o relato é gravado ou ocorre em transmissão ao vivo — em tempo real ou em tempo atual. Com esta unidade, pretende-se verificar de que maneira o avanço das tecnologias possibilitou uma “presentificação” (FRANCISCATO, 2003) nas coberturas de grandes eventos midiáticos, permitindo uma maior frequência das transmissões em tempo real — quando o fato é noticiado no momento em que ele ocorre, sem deslocamento temporal — e em tempo atual, quando o enunciador está ao vivo, mas relata algo que ocorreu há pouco ou há algum tempo. A segunda unidade de sistematização, **a tecnologia empregada**, destaca o suporte técnico utilizado para a transmissão das informações do evento midiático. A partir desta unidade, objetiva-se relacionar as tecnologias utilizadas na cobertura e a convergência entre elas. A terceira unidade de sistematização, **a localização do enunciador**, refere-se ao local de onde é transmitida a informação. Com esta unidade, a ideia é verificar principalmente de que maneira as tecnologias permitiram ao repórter uma maior possibilidade de mobilidade, de fazer transmissões ao vivo no momento e no local onde as notícias se desenrolam. No quadro a seguir, estão sistematizadas as categorias de sistematização propostas para cada uma das unidades:

Tabela 1- Categoria de sistematização

Unidades de registro	Categorias de sistematização
Tempo da transmissão	<i>Gravado:</i> exibição de registro passado. <i>Tempo atual:</i> quando o enunciador entra ao vivo para falar de algo que ocorreu em um tempo anterior à enunciação. <i>Tempo real (transmissão direta):</i> quando o evento é registrado e exibido no momento em que ocorre, sem deslocamento temporal.
Tecnologia empregada	Internet (<i>streaming</i> via celular ou computador) Transmissão via satélite Ligação por celular
Localização do enunciador	Estúdio Casa do correspondente Ponto externo Local do fato

O material trabalhado nesta etapa corresponde aos 91 vídeos referentes aos atentados em Paris disponibilizados pela emissora em seu site entre 13 de novembro de 2015 até 18 de novembro do mesmo ano, quando o assunto, no jargão jornalístico, "esfriou" — ou seja, deixou de ganhar o destaque, o tempo e a frequência que tinha até então. Estes cinco dias têm como marco inicial a noite de uma sexta-feira, quando pontos da capital francesa viraram alvo de terroristas. Na sequência, a cobertura passou a se dedicar às homenagens a vítimas e investigações sobre os mentores dos ataques. O último dia da cobertura que será analisado nesta pesquisa tem como o evento mais importante as operações policiais no bairro parisiense Saint-Denis, que acabaram com a morte de dois suspeitos — que mais tarde seriam confirmados terroristas — e a prisão de oito pessoas.

Inicialmente, vale destacar que a cobertura, que teve seu início com as transmissões da correspondente Lúcia Müzell e as entradas da repórter da emissora no Rio de Janeiro Carolina Cimenti, em pouco tempo ganhou força agregando jornalistas radicados na França; correspondentes da Globo News em outras regiões da Europa que foram chamados às pressas para se somarem às transmissões; jornalistas e comentaristas da emissora fixados na Espanha, na

Alemanha e nos Estados Unidos, que traziam uma visão mais global do assunto; além de jornalistas brasileiros e especialistas, que, nos estúdios da emissora no Rio de Janeiro e em São Paulo, contextualizavam e faziam projeções sobre as consequências dos ataques. Cabe ressaltar que a cobertura foi realizada ainda com o apoio de imagens de emissoras internacionais — como a CNN, que trouxe em tempo real pronunciamentos do presidente francês, François Hollande, e outras lideranças mundiais —, vídeos disponibilizados na internet e vídeos enviados por telespectadores que estavam na França na ocasião. Isto posto, parte-se para os resultados da sistematização.

Dos 91 vídeos analisados a partir desta abordagem quantitativa — todos eles estão relacionados no anexo deste trabalho —, 88% eram de transmissões ao vivo, fossem elas entradas de repórteres, pronunciamentos de autoridades francesas ou lideranças mundiais ou entrevistas feitas no estúdio ou por telefone. Somente 11 (12% do total) traziam reportagens ou vídeos gravados anteriormente. Este é um dado importante relativo à natureza da cobertura no que diz respeito à temporalidade: em sua extensa maioria, deu-se a partir de transmissões ao vivo. Esta perspectiva geral da cobertura será discutida adiante.

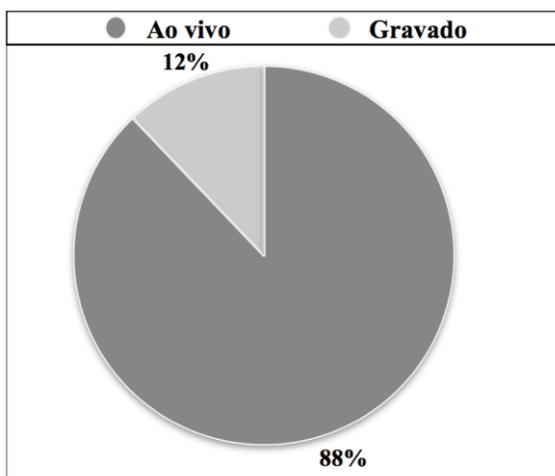


Gráfico 1 - Frequência de gravações e transmissões ao vivo na cobertura
Fonte: dados da pesquisa

Agora, no entanto, para que os resultados sejam significativos e de acordo com as categorias propostas, principalmente àquelas que se referem à questão do tempo, os arquivos tomados para a análise sofrerão um novo recorte. Esta nova divisão justifica-se da seguinte

maneira: quase a metade do material analisado corresponde a entrevistas em estúdio, análise de comentaristas da emissora e relatos de apresentadores, que retomavam as últimas informações sobre os acontecimentos, utilizando-se, para isso, de imagens gravadas e também ao vivo, de emissoras internacionais. Em comum, todos eles têm as seguintes características: tratam-se de transmissões ao vivo em tempo atual, em que a enunciação se dá a partir do estúdio e a transmissão é realizada via satélite. Este trabalho pretende identificar, no entanto, o potencial de se fazer coberturas ao vivo mais instantâneas — vinculado a isto, estão as possibilidades de transmissão em tempo real, com tecnologias diversificadas e a partir de pontos de enunciação que não sejam o próprio estúdio, em outras palavras: onde está a notícia, nos pontos externos, no caso, principalmente em Paris. Por isso, então, foi realizada uma nova divisão do material coletado entre 13 e 18 de novembro de 2015, com foco sobre aqueles arquivos que correspondem a **entradas ao vivo de enunciadores que traziam novas informações de pontos que não eram o estúdio** — material que totaliza 45 dos 91 arquivos compilados, ou seja, praticamente a metade deles.

A primeira característica importante deste material é que dos 45 vídeos, todos ao vivo, 71% (32) dizem respeito a entradas de repórteres em tempo atual e 29% (13) em tempo real, conforme as definições de Fachine (2008), explicadas na tabela das categorias de sistematização. No que se refere ao local, 46% (21) das transmissões foram realizadas no local dos eventos narrados, 31% (14) foram feitas a partir de pontos externos, ruas e espaços públicos da cidade que não correspondiam ao local do evento narrado e 23% (10) a partir da casa dos correspondentes. Em relação à tecnologia empregada, pode-se dizer que 55% (25) das transmissões foram realizadas via internet (sendo que destas ocorrências, 10 foram *streaming* via computador e 15 *streaming* via celular) e 38% (17) via satélite (meio utilizado por repórteres que estavam acompanhados de cinegrafistas). Além disso, em número menos significativo, houve três entradas por ligação de celular — foram os casos em que repórteres que não estavam acompanhados de cinegrafistas não conseguiram realizar *streaming* via celular em função da dificuldade de conexão com a internet (conforme os próprios repórteres informavam durante o relato).

Em linhas gerais, evidenciam-se pelo menos quatro pontos neste primeiro apanhado dos dados referente às transmissões ao vivo: em quase um terço das entradas, repórteres trouxeram informações em tempo real (29%), no momento em que os eventos ocorriam; houve maior número de transmissões realizadas no exato local do evento narrado (46%), ainda que ele não estivesse mais ocorrendo, do que de pontos externos aleatórios e da casa de correspondentes; a maior parte das transmissões ocorreram via internet (55%), casos em que o repórter não estava acompanhado de cinegrafista; e, por fim, verificou-se também que, apesar de todos os seus avanços, a tecnologia ainda falha e, assim, apesar de todo o aparato técnico, pode ser que somente uma ligação telefônica é o que garantirá ao jornalista repassar as informações ao público — o que ocorreu três vezes no escopo de vídeos analisados.

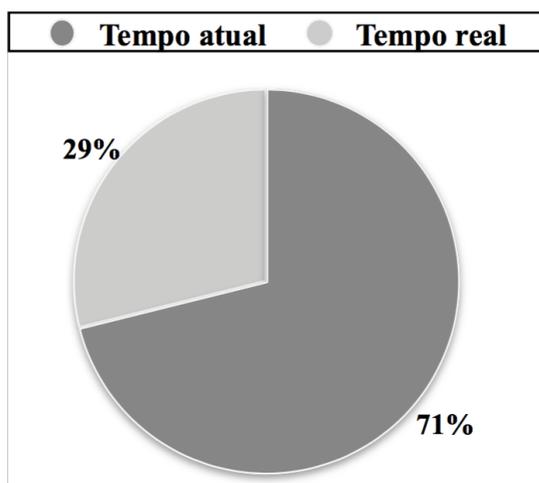


Gráfico 2 - Frequência de tempo real e de tempo atual nas transmissões ao vivo
Fonte: dados da pesquisa

Considerando-se somente as participações de repórteres em tempo atual, aquelas em que repórteres entram ao vivo para falar de fatos que já ocorreram, pode-se aferir em relação ao local da transmissão que 43% (14 de 32) das entradas ocorreram a partir de pontos externos, 25% (8) foram realizadas nos locais dos eventos narrados e 31% (10) das participações ocorreram das casas de correspondentes, que, pode-se dizer, funcionam como estúdios/redações nos locais onde a emissora não possui base. No que diz respeito à tecnologia empregada durante a transmissão em tempo atual, quase 56% (18) foi via internet — sendo 10 entradas via computador e oito por *streaming* via celular —, 41% (13) via satélite e uma por ligação de celular. Concentrando-se somente nas transmissões em tempo atual, portanto, percebeu-se que o número de entradas a

partir de pontos externos aleatórios e da casa de correspondentes foi maior do que aquelas realizadas no local dos eventos narrados e que o número de transmissões realizadas via internet é maior, mas há uma expressiva parcela de entradas via satélite, que contaram com a presença de um repórter-cinematográfico.

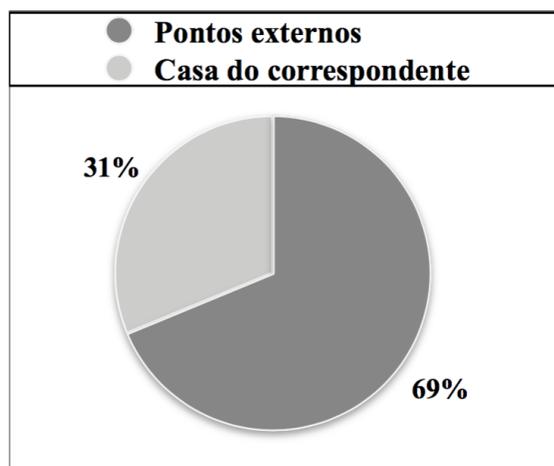


Gráfico 3 - Frequência das transmissões em tempo atual quanto à localização
Fonte: dados da pesquisa

Já das transmissões em tempo real, que são 13, aquelas que ocorreram no exato momento em que ocorria o evento relatado pelo repórter, 54% (7) foram possíveis a partir de *streaming* por celular — a identificação é clara pelo fato de o repórter ter de segurar o aparelho, pela proximidade com que fica da câmera e pelo uso de fones de ouvido, que permitem um retorno de áudio menos poluído, mesmo quando em meio à movimentação da cidade —, 31% via satélite (4) e 15% por ligação de celular (2). Todas elas, uma vez que se tratam de entradas de repórteres em tempo real narrando o que vêem, ocorrem no próprio local dos eventos. Chama atenção, em relação às transmissões em tempo real, que a maior parte foi realizada via *streaming* de celular, sem a presença de um repórter-cinematográfico, diferentemente das entradas em tempo atual. Destaca-se ainda o potencial de mobilidade que o aparelho celular, neste casos, trouxe à cobertura, uma vez que em, alguns casos, foi possível o deslocamento do repórter pelo espaço em que estava durante a transmissão.

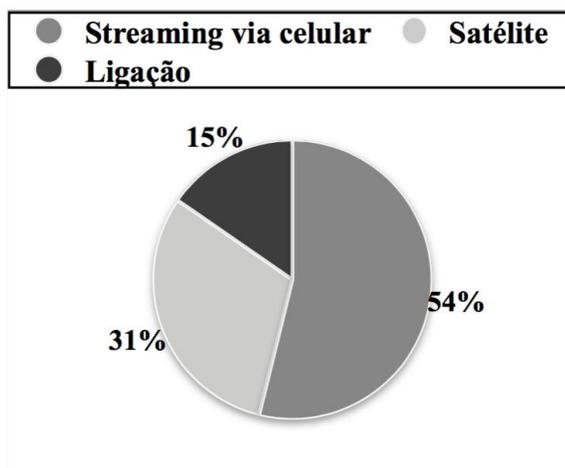


Gráfico 4 - Frequência de tecnologias empregadas em transmissões em tempo real
 Fonte: dados da pesquisa

A partir das unidades de registro elencadas com ajuda do referencial teórico adotado, pôde-se organizar o material da cobertura da Globo News sobre os atentados em Paris. Os dados destacados nesta primeira etapa, a da análise quantitativa, serão levados agora para a fase qualitativa, em que serão discutidos com maior profundidade.

3.4 ANÁLISE: ETAPA QUALITATIVA

Nesta etapa do trabalho, o esforço será inicialmente para compreender de que maneira as características evidenciadas na fase anterior, a quantitativa, relacionaram-se e incidiram na questão da temporalidade da cobertura estudada. A partir disso, objetiva-se chegar ao propósito central desta pesquisa, que é analisar que efeitos estas configurações de tempo verificadas têm sobre o trabalho telejornalístico no que diz respeito à legitimidade do conteúdo, à credibilidade do jornalista e à sensação de ubiquidade do telespectador — as três perspectivas definidas para nortear o estudo. Para que fique exemplificado o raciocínio deste processo de análise, trechos da cobertura serão brevemente descritos e destacados quando necessário.

3.4.1 A temporalidade da cobertura dos atentados em Paris

A cobertura da Globo News sobre os atentados simultâneos em Paris começou exatamente às 19h24min da sexta-feira (horário de Brasília), 13 de novembro de 2015. A correspondente da emissora na França, Lúcia Müzell, entrava ao vivo (de sua casa, com transmissão via internet, realizada a partir de um computador), interrompendo o *Jornal das 19h*, apresentado pela jornalista Leilane Neubarth, para informar o que emissoras internacionais e jornalistas franceses noticiavam naquele momento: "tiroteio em Paris pode ter deixado mortos", como dizia o gerador de caracteres (GC) da Globo News. A transmissão da correspondente, segundos após seu início, passou a ser coberta com imagens das ruas de Paris e mapas de locais alvos de atentados transmitidos pela emissora norte-americana CNN.



Ilustração 1 – À esquerda, correspondente Lúcia Müzell no momento em que interrompe a programação para noticiar os atentados em Paris. À direita, imagens da CNN cobrem o relato da correspondente sobre os ataques.

Lúcia Müzell: Tudo recém aconteceu. A gente ainda tem poucas informações confirmadas pela polícia, mas, segundo um jornalista do jornal *Liberación*, que estava em uma área cheia de bares no 10º Distrito de Paris, perto do canal Saint-Martin, dois homens teriam disparado até mais de cem tiros em direção aos cafés, às mesinhas nas ruas. É uma região muito frequentada à noite, pelos bares e pelos restaurantes. Os bares, nesta hora, em uma sexta-feira, estavam cheios. E esse jornalista afirma que viu pelo menos três corpos no chão. A gente não tem ainda o número de pessoas que teriam sido atingidas, mas, segundo relatos nas redes sociais, e pouco a pouco a imprensa francesa começa a chegar lá, haveria diversos feridos. E ao mesmo tempo, ou mais ou menos ao mesmo tempo, não sei exatamente ainda com que distância de horário, uma explosão teria acontecido perto do Stade de France, o principal estádio da região de Paris, onde estava acontecendo um jogo, um amistoso entre a França e a Alemanha, inclusive com a presença do presidente François Hollande, que foi retirado às pressas assim que as explosões foram ouvidas. Lá no 10º Distrito, o tiroteio começou em uma rua cheia de restaurantes, e a gente pode imaginar que, realmente, se isso tudo se confirmar, o balanço aí pode ser bem grave, Leilane.

Percebe-se que a cobertura teve início com informações ainda não confirmadas, creditadas a outros jornalistas franceses e a relatos publicados em redes sociais. Supõe-se que, naquele momento, era mais importante informar o acontecimento ao público da emissora o quanto antes, ainda que sem detalhes e dados exatos sobre ele, e mesmo que da casa da correspondente e não das ruas da cidade — a ausência da equipe no local dos fatos pôde, neste momento, ser suprimida com o uso de imagens de agências internacionais.

A partir desta largada, a cobertura seguiu ininterrupta. Do estúdio da Globo News, no Rio de Janeiro, apresentadores traziam novas informações e recapitulavam o que se sabia até então, fazendo uso de imagens da CNN das ruas da cidade — emissora que também transmitia pronunciamentos de lideranças políticas, como o presidente norte-americano, Barack Obama, e o francês, François Hollande. Novidades continuavam sendo noticiadas com outras inserções da correspondente Lúcia Müzell, que acompanhava o desenrolar dos fatos diretamente de Paris. Do estúdio de Nova Iorque, correspondentes traziam informações e análises sobre o evento. Especialistas foram entrevistados por apresentadores nos estúdios do Rio de Janeiro e de São Paulo. Já se desenhava, assim, o potencial para uma extensa cobertura ao vivo — que viria demonstrar ainda, logo em sua primeira meia hora, uma outra capacidade: a de se tornar mais instantânea e móvel a partir do uso e da convergência tecnológica, características presentes até o fim das transmissões.

Às 20h05min, pouco mais de meia hora desde as primeiras informações de Paris, a repórter Carolina Cimenti passava a fazer parte da cobertura por meio de seu celular. A jornalista, à época repórter da Globo News no Rio de Janeiro, estava de férias na capital francesa e assistia ao amistoso no Stade de France quando os arredores do estádio foram alvo de bombas. Foi por meio de uma ligação via celular — devido ao grande número de pessoas tentando se conectar à internet, um *streaming*, com imagens, não foi possível — que Carolina passou a relatar qual era o clima dentro do estádio a partir da descrição das cenas que via. Era realizada, então, a primeira transmissão em tempo real — segundo Fachine (2008), quando o enunciador (repórter) relata o evento (a situação de pânico no interior do estádio) no momento em que ele ocorre, ou seja, sem deslocamento temporal — potencializando a capacidade de imediatismo em relação às outras entradas ao vivo até então, quando a correspondente Lúcia Müzell informava, em tempo atual,

aquilo que havia ocorrido em momento anterior, ainda que com uma distância temporal mínima. Devido à falta de imagens, o relato de Carolina Cimenti foi coberto com um mapa mostrando o local em que ela estava, fotos do interior do estádio tomadas da internet e imagens das ruas de Paris feitas pela CNN — elementos visuais às vezes disponibilizados lado a lado, a partir de uma divisão na tela da transmissão, como mostra a figura 4 (abaixo).

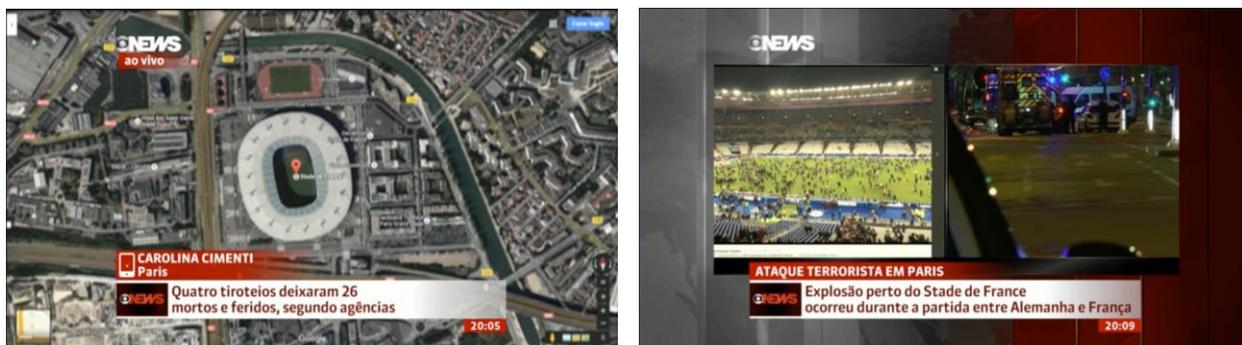


Ilustração 2 - Por ligação via celular, Carolina Cimenti faz transmissão em tempo real diretamente do Stade de France (à esquerda). À direita, foto publicada na internet mostra o interior do estádio, e imagens da CNN mostram o cerco policial em local de atentado.

Carolina Cimenti: Estou exatamente no meio do Stade de France, no meio do campo de futebol, porque, no fim do jogo, o estádio estava lotado, foi passada uma mensagem para as pessoas saírem pela ala norte ou oeste e para evitarem sair pela ala sul. O que aconteceu foi que as pessoas começaram a sair do estádio e, muito rapidamente, metade do público voltou correndo para dentro do estádio e simplesmente invadiu o campo depois que o jogo acabou. Metade do público está no gramado. Perguntei o que havia acontecido, e as pessoas não sabem dizer, quando o jogo estava começando foram ouvidas duas explosões. (...) O gramado está completamente ocupado, principalmente por torcedores franceses (...), por crianças, por famílias, pessoas carregando a bandeira da França, que ganhou da Alemanha por 2 a 0. E agora estão aqui se sentindo bastante inseguras, tentando entender o que está acontecendo, perguntando-se umas às outras se já podem sair. (...) Mas a organização do Stade de France não passou (*mais*) nenhuma mensagem, então a gente segue aqui, um pouco confusos e, como eu disse, com muitas crianças esperando para deixar o local.

Conforme entrevistas⁹ que a própria jornalista concedeu posteriormente sobre o fato de estar de férias e, por coincidência, no exato local da notícia, Carolina Cimenti foi comunicada do que estava acontecendo nos arredores do estádio pela produtora da Globo News que, sabendo que a repórter estava na capital francesa, telefonou para ela em busca de um depoimento. Portanto, no

⁹ Entre elas, a entrevista para o podcast Coisas que a Gente Cria, disponível em: <http://www.coisasqueagentecria.com/007-carolina-cimenti-ao-vivo-na-tv-contando-a-historia-do-nosso-tempo/>. Acessado em maio de 2016.

momento em que realiza a transmissão ao vivo do Stade de France, a repórter ainda não tinha muito conhecimento sobre a série de atentados que a cidade enfrentava, e seu relato de dentro de um dos alvos acabou por ter um forte tom testemunhal, mais do que o jornalístico. Cabe ressaltar que a entrada da jornalista do estádio acabou por ser um dos pontos altos de toda a cobertura — afinal, a Globo News estava presente no local do fato no momento em que ele ocorreu —, mas não pôde se realizada em sua potencialidade máxima (a partir de *streaming* via celular, com mobilidade, imagens em tempo real e entrevistas com pessoas que se concentravam no gramado à espera de informações) devido à impossibilidade técnica da transmissão via internet. Ou seja, a tecnologia que permite infinitas novas possibilidades ao fazer jornalístico também é suscetível a falhas, que podem ocorrer justamente quando mais se precisa.

A partir da análise desta primeira meia hora já se tem uma amostra de uma das principais características da cobertura, evidenciada na sistematização dos 91 vídeos que compõem o *corpus* deste trabalho: seguindo as coberturas em geral realizadas pela Globo News, que se define como uma emissora que divulga a notícia "no momento em que ela ocorre", a cobertura dos atentados em Paris foi em sua maior parte realizada ao vivo (em tempo atual ou em tempo real). De todos os arquivos analisados no levantamento quantitativo, 88% correspondem a transmissões em que apresentadores, entrevistados, repórteres, correspondentes, telespectadores e, em alguns casos, o próprio evento noticiado (como no relato em tempo real de Carolina Cimenti desde o interior do Stade de France), compartilhavam de um momento comum: o do instante presente (FRANCISCATO, 2003). Ou, de acordo com Fachine, do mesmo *agora*, uma "duração, continuamente no presente, na qual se dá a própria transmissão do telejornal" (2008, p. 111).

Com isso, a primeira asserção que se faz sobre a cobertura analisada é o **sentido de atualidade** que traz, a partir do esforço de se construir uma relação de identidade temporal entre o evento e o relato produzido sobre ele — o que não significa, entretanto, que o tempo do ato de reportar e do fato reportado seja o mesmo. Aliás, os vídeos analisados mostram que não. Embora configurem na imensa maioria das vezes na categoria "ao vivo", verificou-se que a maior parte das transmissões foram enunciados sobre algo já ocorrido, ou seja, transmissões em tempo atual, conforme a definição de Fachine (2008). Isso ocorre por um motivo: ainda que possa ser objetivo, não é possível se ter repórteres espalhados por todos os locais, acompanhando exatamente o

momento em que as notícias ocorrem, até porque elas, em grande parte das vezes, rompem sem qualquer aviso prévio. Como sugere Franciscato, no processo jornalístico existe um "estado de tensão entre dois movimentos: por um lado, a velocidade das coisas do mundo, num ritmo desigual entre regularidade e imprevisibilidade; por outro, a velocidade da produção do discurso jornalístico sobre este movimento" (FRANCISCATO, 2003, p. 305). Um estado de tensão, no entanto, que, embora admitido, pode ser burlado a partir da temporalidade da enunciação — fazendo-se com que ela seja ao menos a mesma da do receptor, já que nem sempre pode ser a da notícia. O resultado pode ser resumido como um **processo de “presentificação”**, segundo o pesquisador. Na mesma linha de entendimento do autor, Fechine (2008) associa as transmissões ao vivo a um importante efeito de atualidade: diminui-se aparentemente a distância temporal entre o fato jornalístico e sua divulgação pelo telejornal. Em grande parte dos vídeos analisados, no entanto, a redução da distância temporal entre a enunciação e os fatos não era apenas aparente, mas real. Na maior parte dos vídeos correspondentes a entradas de repórteres em tempo atual, os fatos eram narrados pouco tempo depois de terem ocorrido.

Em um primeiro olhar, poderia-se dizer que a prática de se fazer uma programação quase que inteiramente ao vivo faz parte do perfil da Globo News, que trabalha com a possibilidade de a qualquer momento ter sua grade de programação derrubada em função de um evento midiático, com facilidade e propensão para tanto muito maiores do que as de outras emissoras brasileiras, principalmente as da TV aberta. E não seria falso dizer que um percentual de transmissões ao vivo bem próximo a este verificado na cobertura dos atentados em Paris já seria possível, sem tanta dificuldade, a partir de entrevistas e análises ao vivo e imagens em tempo real de emissoras internacionais, que as transmitem por períodos prolongados. A capacidade de se realizar coberturas ao vivo, no entanto, mesmo que internacionais e se rompendo de maneira inesperada, como foi o caso deste objeto de estudo, já pode ir muito além. Principalmente por causa do avanço e da convergência das tecnologias, tem-se a possibilidade de relatos mais instantâneos, mais frequentes, realizados a partir de lugares que possam trazer elementos à narrativa, com potencial de mobilidade e pontos de vista diferentes. A cobertura dos atentados de Paris realizada pela Globo News mostra isso, conforme demonstrado a seguir.

Dos 91 vídeos apreendidos, 45 representaram trechos de entradas de repórteres e correspondentes ao vivo — ou seja, cerca de 50% de toda a transmissão analisada contou com a participação de profissionais da emissora ou colaboradores que estavam em pontos externos ao estúdio, sobretudo em Paris, nos locais de homenagens às vítimas, nas ruas vazias, nos pontos onde ocorreram os ataques, nas regiões onde eram realizadas operações policiais, ou mesmo em suas casas (no caso dos correspondentes da emissora na capital francesa). Destas participações, 46% ocorreram a partir dos locais onde os eventos se desenrolavam e 31% de pontos externos aleatórios, que apesar de não fazerem parte do cenário da notícia, traziam elementos ricos para a narrativa, como imagens de cartazes, flores e velas em homenagens às vítimas. E ainda que a parcela restante das transmissões (23%) tenha sido realizada a partir da casa dos correspondentes, em todas elas enunciadorez faziam seus relatos de pontos mais próximos à notícia (se comparados ao estúdio que ancorava toda a cobertura, no Rio de Janeiro). O efeito mais direto desta proximidade com os fatos em desenvolvimento é a maior capacidade de imediatismo da cobertura, de se narrar o fato com o menor ou sem qualquer deslocamento temporal. Afinal, era possível que os repórteres, vivenciando o palco do evento midiático, viessem a presenciar os fatos noticiosos, como ocorreu com Carolina Cimenti, na transmissão de dentro do estádio, por exemplo, e em vários outros trechos da cobertura. Desprende-se como clara a intrínseca relação que a localização do enunciadorez tem com a temporalidade da transmissão, que pode ser muito mais ágil se o repórter tem a possibilidade de conjugar o seu local com o do evento que narra.

Esta representativa parcela da cobertura que se deu com inserções de repórteres diretamente de Paris, em lugares e momentos variados, no entanto, certamente não seria possível se para cada um destes profissionais houvesse a necessidade de se mobilizar uma equipe completa, com repórter cinematográfico e equipamentos de transmissão via satélite, que conferem um sinal melhor e mais estável — a Globo News, aliás, não possui redação na capital francesa, e os dois únicos jornalistas da emissora com residência fixa em Paris são Lúcia Müzell e Paulo Mariotti, que fazem suas entradas, quase que diariamente, a partir de *streaming* via computador. Foram a conexão à internet (Wi-Fi, 3G, 4G) e as tecnologias móveis digitais, combinação empregada em 55% das entradas de repórteres ao vivo (destaca-se: mais da metade do total), que permitiu que outros cinco jornalistas (Lúcia Müzell, Carolina Cimenti, Paulo Mariotti, Danielle Legras e Ana Paula Cardoso) integrassem a cobertura, além dos três que foram

enviados a Paris com a estrutura tradicional de transmissão ao vivo (Bianca Rothier, correspondente da Globo News na Suíça, e Roberto Kovalick e Pedro Vedova, correspondentes da emissora no Reino Unido). Conforme lembra Silva (2008), a popularização da condição técnica da transmissão direta e contínua de áudio e vídeo permitiu a substituição de um complexo aparato, de estrutura pesada, que exigia um maior número de profissionais envolvidos, em uma única transmissão por ferramentas portáteis online. De forma que, um dos efeitos, é a grande quantidade de enunciadores aptos a participarem da cobertura, ampliando a capacidade do imediatismo, uma vez que mais repórteres poderiam se espalhar pela cidade, acompanhando a evolução dos acontecimentos, se não em tempo real, ao menos com um curto deslocamento temporal. O maior número de jornalistas no local dos eventos e a facilidade de se transmitir informações e entrar ao vivo na programação também possibilitaram a **produção de notícias em fluxo contínuo** (FRANCISCATO, 2003; SILVA, 2008), com a alimentação de informações em curtos intervalos de tempo, alterando a lógica da periodicidade e do *deadline*, uma vez que as novidades eram transmitidas assim que surgiam — quando não no momento em que ocorriam.



Ilustração 3 - Paulo Mariotti faz transmissão em tempo real das ruas de Paris (à esquerda). Correspondente em entrada ao vivo em frente à Torre Eiffel, que ficou fechada após os ataques na cidade (à direita).

Dos 45 vídeos analisados que correspondem a entrada de repórteres diretamente de Paris, 71% foram em tempo atual. Ou seja, a maior parte da transmissão feita por enviados ou correspondentes da emissora na capital francesa era ao vivo, mas o relato era sobre algo que acontecera com algum distanciamento temporal. Ainda que não no exato momento da notícia, no entanto, em 69% deste casos as transmissões foram realizadas a partir de pontos externos ou locais onde os fatos narrados haviam ocorrido, trazendo para a cobertura uma **sensação de se estar no local da notícia** — afinal, existe uma significativa diferença entre se fazer um relato de dentro de um estúdio ou ambiente fechado e de realizá-lo a partir de um espaço externo, onde

estão elementos que podem ajudar a construir a narrativa. A exemplo destas transmissões, em tempo atual e de pontos externos, estão sobretudo as inserções de Bianca Rothier, realizadas via satélite. A repórter foi enviada da sua base, Genebra, na Suíça, e chegou à França no sábado seguinte às explosões, acompanhada de um repórter cinematográfico. Pela capacidade tecnológica, devido ao sinal mais estável do que o da internet, a correspondente destacou-se como a responsável pelas entradas mais seguidas ao longo da cobertura, trazendo um panorama sempre atualizado dos acontecimentos em uma linha evolutiva, a partir do que apurava e se informava por meio da imprensa francesa. Ao lado de Lúcia Müzell, pode-se dizer, Bianca garantiu a base da cobertura em solo francês, centralizando as informações principais sobre o desenrolar do evento midiático. Diferentemente da colega, no entanto, suas participações davam-se quase que unicamente via satélite e de pontos externos.



Ilustração 4 - Bianca Rothier, em uma das poucas inserções em tempo real, relata homenagens às vítimas (à esquerda). Correspondente, a partir de ponto externo, fala sobre investigações (à direita).

Ainda que Bianca Rothier trouxesse relatos sobre fatos que poderiam estar acontecendo no local em que realizava a entrada ao vivo, o que seria característico de uma transmissão em tempo real, o foco da enviada em cada uma das entradas era sempre o de manter uma linha cronológica dos acontecimentos, inserindo em sua narrativa fatos passados, presentes e perspectivas de eventos futuros — realizando novas transmissões sempre que possível quando uma nova informação sobre os atentados estivesse circulando. O exemplo segue na descrição a seguir (ilustrada na figura 7):

Bianca Rothier: (...) agora há uma informação, ainda não confirmada oficialmente, de que um passaporte sírio foi encontrado ao lado do corpo de um dos homem-bomba perto do Stade de France. Lembrando que ambos (*dois homens*) se explodiram ontem do lado de fora do Stade de

France, isso durante um jogo amistoso entre França e Alemanha. Esse foi um dos locais dos ataques, houve ataques em outros cinco locais da cidade. Eu estou em frente a um deles, ao restaurante Le Petit Cambodge, onde os dois brasileiros ficaram feridos ontem à noite. Aqui atrás de mim há muitas homenagens, flores, velas, mensagens. Do outro lado da rua há estilhaços de vidro, janelas com marcas de balas. Aqui há muita gente prestando homenagens, há também muitos curiosos, A gente vê bem claramente a emoção das pessoas por aqui. O local onde houve o ataque mais sangrento foi o Bataclan, onde há uma segurança muito mais reforçada. Lá, os jornalistas não tem acesso ali bem perto ao local para não prejudicar as investigações. O país vive em estado de emergência, o policiamento foi reforçado, 1,5 mil soldados foram mobilizados para patrulhar, para poder garantir a segurança de Paris. (...) Vim hoje de manhã da Suíça para a França, passei por duas fronteiras para verificar a situação, em uma delas havia um controle muito intenso, e na outra não havia qualquer controle (...).

Dias após os atentados, a função exercida principalmente por Lúcia Müzell e Bianca Rothier ganhava o reforço do correspondente Pedro Vedova, da Globo News em Londres, que também foi enviado a Paris, com um repórter cinematográfico, para acompanhar o desenrolar dos acontecimentos. Eles constituíam assim o escopo central da cobertura no que diz respeito à atualização das informações — enquanto Lúcia tinha a estabilidade da transmissão garantida pela rede de internet em sua casa (em nenhuma das aparições a correspondente estava em outro local), Bianca e Vedova apoiavam-se na transmissão via satélite. A todos eles, cabia a função de estar constantemente se atualizando sobre as novas informações e entrando ao vivo, assim que possível, para transmiti-las ao público. Essas foram as transmissões que garantiram à cobertura um volume massivo de participações, assim como as entrevistas em estúdio com especialistas e as análises de comentaristas da emissora, podendo prolongar — com fôlego informativo — as



Ilustração 5 - Pedro Vedova, via satélite, traz informações sobre as operações policiais em Saint-Denis (à esquerda). Lúcia Müzell, em streaming por computador, relata as novidades sobre buscas a suspeito. transmissões sobre a série de atentados em Paris.

Assim como os três jornalistas anteriormente citados, os demais que circulavam pela cidade também tinham o compromisso com o imediatismo, de entrar na programação da emissora com novas informações, sempre o mais breve possível. Nem sempre foi possível — há de se admitir que o potencial tecnológico, além de ampliar o leque de possibilidades, pode também deixar o jornalista “na mão”. Carolina Cimenti, como já mencionado, logo em sua primeira entrada encontrou dificuldade e teve de estrear na cobertura a partir de uma ligação de celular, sem imagens — por outro lado, no entanto, ainda que não sendo utilizado em sua capacidade máxima (*streaming*), o celular permitiu que a repórter fizesse o relato de onde estivesse, local que naquele momento era exatamente onde os fatos que relatava ocorriam. Garantiu, portanto, agilidade ao processo enunciativo — de acordo com Silva (2008), as tecnologias móveis oferecem ao trabalho jornalístico uma capacidade de geração de conteúdo em situação de “instantaneidade potencializada”. Das entradas em tempo real, que correspondem a quase um terço de todas as realizadas por repórteres em pontos externos à redação, mais da metade (54%) foi realizada por *streaming* de celular, outras três foram por meio de ligação por celular (15%) — somente 31% foram via satélite. Em outras palavras, sete em cada dez relatos de repórter realizados exatamente no momento em que se desenrolava o evento reportado foram transmitidos via celular, sendo na maior parte deles com imagens. A exemplo, estão as inserções em tempo real da jornalista Danielle Legras, residente em Paris. Na noite do sábado seguinte aos atentados, Danielle entrou via *streaming* de celular diretamente de um dos pontos de homenagens às vítimas dos ataques, descrevendo o que os próprios telespectadores também podiam ver, a partir das imagens exibidas por ela. Vale ressaltar que a condição de estarem munidos de tecnologias de transmissão e de estarem no local onde os eventos ocorriam fez com que jornalistas que não são habituais na programação da Globo News ou até mesmo nunca tenham aparecido anteriormente — como é o caso de Danielle Legras e de Ana Paula Cardoso —, fizessem parte da cobertura com a mesma legitimidade que a emissora confere aos seus repórteres mais tradicionais, como é o caso de Roberto Kovalick.



Ilustração 6 - Jornalista Danielle Legras em transmissão em tempo real das ruas de Paris (à esquerda). Em tela dividida, jornalista conversa com apresentadora que está no estúdio do Rio de Janeiro (à direita).

Danielle Legras: As pessoas vêm, chegam, colocam as velas ali, trazem flores, fazem orações, se abraçam. Tem famílias, pais e mães. Não tem crianças, mas tem casais idosos. O ambiente é bem fraternal. Há dois minutos a policia pediu para que as pessoas fossem indo para casa. Eles estão tentando evitar aglomerações. Eles ressaltaram o fato de que todos os tipos de manifestações estão proibidas. Acho que agora, aos poucos, as pessoas vão começar a partir.

Além da maior agilidade e, com isso, capacidade de transmissões com deslocamento temporal nulo em relação ao evento noticiado, o uso de tecnologias móveis também permitiu uma cobertura jornalística com maior mobilidade física nas transmissões. Em uma cidade em que ataques haviam ocorrido praticamente de forma simultânea em seis pontos distintos, o desenrolar dos fatos também se dava com homenagens, pronunciamentos, e operações policiais que se espalhavam em pontos diferentes. O fato de o repórter poder então circular por Paris nestes dias seguintes, sempre apto a transmitir o que fosse interessante ou relevante, tornou-se uma característica importante da cobertura. Como afirma Silva (2015), a mobilidade tem como efeitos a reafirmação do local de produção e do espaço urbano, trazendo mais vivacidade para as transmissões ao vivo, uma vez que os repórteres podem agora estar no “front” dos eventos em desenvolvimento. Nas palavras do autor, “considerando que as mídias possibilitam demarcação de senso de lugar através da narrativa das notícias, a mobilidade amplia essa experiência ao colocar o repórter na vivência do lugar das ações” (SILVA, 2015, p. 42).

A exemplo de relato com mobilidade física está a segunda das inserções da repórter Carolina Cimentí, entre as compiladas nos 91 vídeos. Assim que saiu do Stade de France, cerca de uma hora e quarenta minutos após sua primeira participação diretamente do gramado do estádio, a repórter embarcou em um táxi para voltar ao hotel em que estava hospedada. Neste

caminho, fez sua primeira transmissão via *streaming* por celular. O carro estava em movimento, e o telespectador, era assim, convidado a também fazer um passeio pela cidade com ela. No relato, a jornalista trouxe informações sobre o que testemunhou momentos antes, no Stade de France, e também falou sobre o que via naquele instante — o que também era visto, ao mesmo tempo, pelo telespectador: ruas vazias, vias bloqueadas pela polícia, uma Paris deserta.



Ilustração 7 - Carolina Cimenti em transmissão em tempo real, por streaming via celular, durante deslocamento de táxi (à esquerda). Jornalista mostra aos telespectadores a movimentação das ruas ao longo do trajeto (à direita).

Carolina Cimenti: Eu estou tentando chegar no meu hotel, na verdade. Eu saí faz cerca de meia hora do Stade de France, onde eu estava exatamente assistindo ao jogo entre França e Alemanha. A gente cruzou toda a cidade por fora para chegar perto do hotel, mas tem muitas ruas fechadas no centro de Paris. Então eu continuo em um táxi, tentando chegar ao meu hotel. (...) Agora estamos dando uma volta por toda a periferia de Paris. (...) A gente vê um número muito grande de policiais, de viaturas, de militares nas ruas. E bom, estou aqui, vou tentar mostrar para vocês. Aqui é uma das rodovias que faz a volta em toda a cidade de Paris (...).

Assim como Carolina Cimenti, o correspondente Paulo Mariotti e a jornalista Danielle Legras fizeram suas transmissões sobretudo a partir de aparelhos de celular conectados à internet. Principalmente aos três coube, então, um papel diferente daqueles que possuíam a tradicional estrutura de transmissão e cujos relatos constituíam a base informativa da cobertura (Lúcia Müzell, Bianca Rothier e Pedro Vedova). Os repórteres com maior mobilidade trouxeram à cobertura uma **visão mais singular**, possível principalmente por meio da transmissão de pequenos eventos ou de outra perspectiva dos grandes eventos que ocorriam na cidade. A exemplo disto estão as transmissões das homenagens às vítimas que ocorriam em alguns pontos de Paris e que foram transmitidas principalmente via *streaming* de celular, com a possibilidade de o repórter se mover durante a transmissão, mostrando ao telespectador o ambiente, e também,

devido ao imediatismo, revelando **processos de bastidores** da produção jornalística, como no exemplo a seguir.

Às 13h25min do domingo seguinte aos atentados, 15 de novembro, a repórter Carolina Cimenti entra ao vivo da praça em frente à casa de shows Bataclan, local onde houve o maior número de vítimas. Com transmissão a partir de seu celular conectado à internet, a jornalista faz entrevista ao vivo, traduz do inglês para o português, explica que acabou de encontrar o entrevistado e que ele daria entrevista a outro canal internacional, mas que, antes, o homem aceitara uma entrevista rápida para a Globo News. Além disso, a repórter caminha pela área, possibilitando ao telespectador uma ideia melhor do local em que ela está. Essas características ficam claras na descrição da entrada ao vivo:



Ilustração 8 - Carolina Cimenti entrevista parisiense ao vivo, por streaming via celular (à esquerda). Em movimento, repórter transmite informações diretamente da frente do Bataclan (à direita).

Carolina Cimenti: Lá atrás está o Bataclan, o teatro onde pelo menos 89 pessoas foram mortas pelos terroristas. E neste momento, por coincidência, eu acabei de encontrar o Charles. Ele é parisiense e estava lá dentro quando tudo aconteceu. Ele estava inclusive pronto para gravar com outra televisão, de outro país, e eu perguntei se ele poderia conversar com a gente. Então vamos dizer as perguntas para ele em inglês e eu vou traduzir aqui para vocês (...). Ele disse que está feliz por estar aqui de volta, que está confuso, mas que quer mostrar para os terroristas que ele não tem medo, que eles vão lutar de volta (...). Algumas horas atrás a gente conversou, e eu estava... ah, deixa eu descer aqui (repórter desce degraus de uma escada), que estava na frente do estádio, mostrando para vocês o lugar onde o terrorista explodiu a primeira bomba na noite da sexta-feira. Eu mostrei para vocês sangue, eu mostrei para vocês flores. (...) Quando eu estava lá na frente do estádio, olhando tudo, eu e as pessoas de quem estou acompanhada, a gente encontrou isso aqui: um pedaço de um passaporte sírio, destruído, a página inicial de um passaporte sírio. (...) É difícil dizer se era ou não deste terrorista que se explodiu na frente do estádio, mas é bastante impressionante visitar aquele local e encontrar este objeto.

Como é possível perceber a partir das capturas de tela acima, da transmissão em tempo real da repórter Carolina Cimenti em frente à casa de show Bataclan, em vários momentos da cobertura a imagem das entradas ao vivos dos jornalistas pecava em qualidade. Este é um ponto interessante que vale ser destacado nesta análise. Devido à transmissão via internet e também à qualidade dos aparelhos, muitas vezes as imagens não eram exatamente nítidas e, mais de uma vez, chegaram a congelar por alguns instantes diante dos olhos dos telespectadores. A baixa qualidade da imagem e as possíveis falhas na transmissão, no entanto, eram riscos que pareciam valer a pena em prol de se garantir um maior número de jornalistas na cobertura e, assim, uma visão mais ampliada e facetada dos eventos, além de um potencial de instantaneidade expandido com mobilidade garantida pelas ferramentas e pela internet. A informação, portanto, ainda que nem sempre confirmada ou apurada com profundidade, mostrou-se durante diversas entradas de repórteres, ser mais importante do que a imagem dos fatos narrados ou do próprio enunciador.

Cabe ainda ressaltar que o número maior de repórteres presentes na cidade, cada um com suas funções e possibilidades técnicas de transmissão, trouxe à cobertura a capacidade de transmitir simultaneamente eventos que ocorriam em pontos distintos ou, ao menos, diferentes perspectivas sobre um mesmo evento, como ocorreu durante as transmissões ao vivo das operações policiais no bairro Saint-Denis, na manhã de 18 de novembro de 2015 (último dia de análise desta pesquisa). Enquanto Bianca Rothier permanecia no centro da capital francesa, trazendo as últimas informações sobre as operações e notícias paralelas acerca dos atentados (a repórter provavelmente se atualizava a partir da imprensa francesa, sobretudo, das mídias digitais), Roberto Kovalick estava em ponto bem próximo das operações, onde se reuniam jornalistas e de onde acompanhava a movimentação de policiais, e trazia, assim, um relato mais aproximado do grande evento midiático daquela manhã. Por sua vez, Carolina Cimenti circulava com seu celular pelas ruas no entorno da quadra que havia sido isolada pela polícia por causa das operações, trazendo para o telespectador uma outra perspectiva do evento, a das ruas próximas ao local da operação, que tiveram sua rotina alterada naquela manhã — um ponto de vista diferente daquele que era o foco da cobertura sobre as operações, um outro olhar que talvez poucos telespectadores de outras emissoras tenham tido a oportunidade de acompanhar. Por várias vezes, os relatos dos repórteres dividiam a tela com imagens das operações em tempo real (a partir de transmissões de emissora internacionais e da própria Globo News), trazendo a característica da

simultaneidade à transmissão — experiência temporal que permite sincronizar ações ou eventos que se realizam em um mesmo momento, conforme Franciscato (2003).



Ilustração 9 - Carolina Cimenti está nos arredores das operações policiais, no bairro Saint-Denis (à esquerda). Repórter movimenta a câmera do celular e circula pelas ruas do bairro (à direita).

Carolina Cimenti: Estou na frente de um restaurante em uma rua que fica ao lado da rua Gabriel Péri, que é onde está acontecendo essa operação policial. Como vocês podem ver, atrás de mim tem um restaurante, um estabelecimento comercial, e três homens do exército francês em volta dele. Em cada esquina onde eu vou, em cada lado para onde me viro... não posso me mexer muito porque, claro, a conexão aqui é relativamente fraca (repórter tenta mostrar o local)... tem outros homens do exército. Acabei de conversar com um morador aqui de Saint-Denis, que tem filhos, mora há cinco anos aqui no bairro, e disse que hoje ninguém sai de casa, nem os filhos vão para a escola. (...) Hoje é um dia absolutamente atípico para essa região e para os moradores dessa região. Vocês estão vendo atrás de mim essa que seria um rua movimentada, com restaurantes e bares. E na verdade hoje só tem uma uma forte presença militar, de soldados. (...) Eu vou agora tentar me deslocar... possivelmente a conexão vai cair... para o outro lado. Esta atrás de mim é a Rua Gabriel Péri, onde a operação está acontecendo. Ela está bloqueada a partir de uma altura, aqui na frente. Mas a gente pode dar a volta e tentar chegar em um local mais próximo, no lado mais próximo à Catedral, a igreja que tem aqui em Saint-Denis, que é inclusive uma das igrejas mais importantes que tem aqui nos arredores. E perto também do prédio da prefeitura. Lá que está a concentração maior de jornalistas, e a gente fica relativamente mais próximos da operação. Vou tentar me deslocar até lá para mostrar para vocês o caminho até lá, porque a gente vê praticamente somente jornalistas neste caminho. Vou tentar mostrar para vocês aqui, não sei como está a qualidade da conexão, mas os moradores estão com todas as janelas fechadas, as portas fechadas, inclusive os estabelecimentos comerciais e escolas, que não vão abrir hoje. A única coisa que acontece aqui hoje são as operações (...).

Frente ao objetivo de se compreender de que maneiras as possibilidades tecnológicas permitiram uma cobertura jornalística mais instantânea, despreendeu-se os seguintes resultados deste primeiro processo de análise: dispendiosos processos de transmissão puderam ser substituídos, em grande parte, por tecnologias mais simples, que possibilitaram uma divulgação mais imediata da notícia, mesmo quando inesperada (imediatismo); a simplicidade e a

portabilidade dos equipamentos garantiram que um número maior de jornalistas pudesse integrar a cobertura, emitindo seus relatos com maior frequência (fluxo contínuo) e com distâncias temporais mínimas, quando não nulas, em relação aos eventos noticiados (possibilidade de tempo real); eventos simultâneos e diferentes abordagens sobre um mesmo evento (simultaneidade) foram possíveis devido ao maior número de jornalistas envolvidos na cobertura; enunciadores puderam fazer suas entradas ao vivo de pontos diversos da cidade, trazendo elementos visuais e um referencial de localização para as transmissões; o uso de tecnologias e conexões móveis também permitiram uma maior mobilidade física durante a transmissão e a possibilidade de se trazer diferentes perspectivas sobre os eventos narrados, como abordagens mais singulares sobre os fatos e elementos de bastidores da cobertura jornalística. Em relação à temporalidade, de maneira geral, pode-se dizer que o grande impacto dos avanços técnicos nas transmissões está no efeito de atualidade, característica temporal que se deu a partir da instantaneidade e da simultaneidade ainda mais potencializadas, e na capacidade de se estar no local dos fatos narrados ou, ao menos, em lugares próximos a eles, quando não circulando por eles. De forma que é possível dizer que as novas tecnologias foram fundamentais para que a cobertura analisada ampliasse sua possibilidade de transmissões em tempo real e para que, na maior parte das vezes, pudesse aproximar o tempo da narração dos fatos ao dos eventos — ou seja, reduzir a distância temporal nas transmissões em tempo atual. Para além das características temporais, foram observadas pelo menos outros dois pontos importantes nesta etapa de análise, que serão melhor discutidos na fase seguinte: a sobreposição da velocidade da transmissão acarretou um empobrecimento na checagem das informações, que em praticamente todos os relatos ainda vinham como “não oficiais” ou “não confirmadas”; além disso, a qualidade das imagens e do texto apresentado nas transmissões parecem ter perdido valor frente à necessidade de se relatar com imediatismo.

Na próxima camada de análise, no tópico a seguir, estes resultados serão levados à outra perspectiva de compreensão. O que se pretende saber é que efeitos as características relativas à temporalidade descritas nesta fase têm principalmente sobre três perspectivas jornalísticas que se sobrepõem: a da credibilidade do conteúdo, a da legitimidade do jornalista e a da sensação de ubiquidade do telespectador.

3.4.2 Temporalidade, legitimidade e credibilidade no fazer telejornalístico

Neste momento será buscado o referencial teórico apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, que abordou o telejornalismo, os elementos que compõem a sua linguagem e seus processos de enunciação. É a partir disso que os resultados obtidos na etapa qualitativa anterior a esta, a que tratou da instantaneidade da transmissão possibilitada principalmente pelo uso e convergência das novas tecnologias, que agora serão tratados os efeitos das características relativas ao tempo no que diz respeito à credibilidade do jornalista, à legitimidade do conteúdo e a sensação de ubiquidade do telespectador — perspectivas que se conjugam no reconhecimento do trabalho jornalístico junto ao público.

Antes de tudo, é válido dizer que os recursos que garantem confiabilidade ao exercício jornalístico perpassam todas as etapas do ofício: devem estar presentes na apuração dos fatos, no manejo das informações, no tratamento que elas recebem para que resultem em notícias, e também no derradeiro momento deste fazer, que é o da divulgação, quando as notícias, por fim, são transmitidas para o público — o momento-chave para esta pesquisa. O esforço de se compreender de que maneira a instantaneidade e outras características de temporalidade incidem sobre a credibilidade no telejornalismo será delimitado a exatamente esta fase de todo o processo: a da enunciação, quando se desenvolve o discurso jornalístico.

Inicia-se, portanto, a discussão relembando de que se faz tal discurso: da multiplicidade de vozes. Segundo Machado (2000), um telejornal se constrói como um espaço onde se dão atos de enunciação a respeito dos eventos, onde enunciadores se sucedem a partir de uma estrutura de apresentação baseada em depoimentos dos sujeitos implicados no acontecimento — seja diretamente, como é o caso dos protagonistas, aqueles que fazem ou testemunham o evento; seja indiretamente, os enviados da televisão para reportar os fatos. A estes, como afirma Vizeu (2004), cabe não apenas comunicar o conhecimento sobre a realidade, mas também produzi-lo e reproduzi-lo. O que significa dizer que existe, sempre, um processo entre a informação bruta e sua transmissão já como notícia. Este processo é o da mediação, que requer recursos que garantam uma maior legitimidade dos conteúdos (no sentido de não apenas serem verdadeiros,

porque isso é pressuposto do jornalismo, mas de se revelarem aos olhos do público também de tal maneira) e que reforcem a credibilidade da instituição jornalística e do próprio jornalista.

Na enunciação jornalística, são vários os princípios utilizados a fim de se obter o reconhecimento junto ao público — eles foram trazidos anteriormente a partir da perspectiva de Machado (2000) e de Becker (2005). Esta pesquisa, no entanto, concentra-se, sobretudo, em dois deles: o princípio enunciativo da **atualidade** e o da **ubiquidade**. O primeiro refere-se à temporalidade da enunciação; o segundo, à possibilidade que ela tem de fazer com que o telespectador sintam-se “em todo o lugar”, sem que, na verdade, precise sair do sofá da sala ou, de acordo com as possibilidades promovidas pelo avanço das tecnologias, de onde quer que esteja.

Na primeira fase desta análise qualitativa, chegou-se à conclusão de que os avanços e a convergência das tecnologias possibilitaram que repórteres fizessem relatos mais instantâneos sobre os acontecimentos e com maior possibilidade de estarem no local onde os eventos ocorriam (às vezes, inclusive, movimentando-se por ele) ou, ao menos, em lugares próximos ao de onde se desenrolavam os fatos noticiados — vale lembrar que o fator localização, como demonstrado anteriormente, está intimamente relacionado com a temporalidade. Ou, seja, trazendo os resultados para esta etapa de compreensão, pode-se dizer que houve um **reforço nos dois dos princípios enunciativos** destacados, uma vez que a instantaneidade está imbricada na questão da atualidade, e a presença do repórter no local dos fatos reflete-se na sensação de ubiquidade do telespectador, que pode se sentir também no local da notícia, naquele exato momento em que ela ocorre ou é narrada. Cabe, então, compreender de que maneira a potencialização destes operadores enunciativos operam sobre o discurso jornalístico, uma representação da realidade. Afinal, como sugere Becker (2005, p. 53), “é nesta característica da cobertura, de 'estar perto da notícia', e nesse 'ver as notícias', aparentemente natural, que se constrói um discurso próprio, marcado pela irrefutabilidade do fato”. É objetivo também levantar discussões a respeito de possíveis mudanças que a maior velocidade nas transmissões trouxeram à importantes questões do fazer jornalístico, como a apuração, a qualidade técnica da transmissão e o uso de valores-notícia.

Um dos primeiros resultados que se obteve com esta pesquisa foi que a convergência tecnologia permitiu uma alteração na temporalidade das coberturas telejornalísticas, permitindo com que elas se fizessem quase que exclusivamente ao vivo. A inserção de repórteres em tempo atual, sincronizando o tempo de seu relato com o da transmissão do telejornal, provoca o sentido de atualidade, que destina-se a mostrar não haver um desencaixe entre o tempo do mundo e o tempo da produção jornalística. Portanto, desde o início da cobertura dos atentados em Paris, com a entrada ao vivo da repórter Lúcia Müzell, até o momento em que o trabalho jornalístico perdeu seu fôlego inicial, cinco dias mais tarde, estabeleceu-se um tempo de transmissão praticamente contínuo (o tempo do telejornal), que agregou os diferentes tempos em que se davam as notícias (transmitidas em tempo atual ou em tempo real). Produziu-se com isso um discurso que parecia transmitir o evento em sua plenitude, com uma **aparente ausência de edição**, que costuma recortar os fatos de sua linearidade temporal, como sugere Franciscato (2003). Foram poucos os arquivos gravados exibidos (vídeos, reportagens), apenas 11 dos 91 vídeos analisados, que fragmentavam os fatos do evento em termos temporais, marcando um sentido de início-fim. Para o telespectador, a sensação era a de que, ao manter a televisão ligada e sintonizada no canal, ele teria o desenrolar dos atentados em Paris “presentificados” — afinal, o efeito do processo de atualização é a maior proximidade entre o evento relatado e o seu próprio relato, diminuindo a distância entre o fato jornalístico e sua divulgação pelo telejornal. Ao transportar o telespectador para o tempo do evento que ocorre em um espaço fora de alcance da experiência direta e completa dele, o ao vivo dá a ele o sentido de que sua vivência cotidiana está incluída em um mesmo tempo em que acontecem as coisas mundo. O resultado é o reforço do sentido de verdade do discurso jornalístico: a aparência de que o que está sendo transmitido está concretamente “acontecendo”, naquele momento, ainda que nem sempre esta instantaneidade se dê a partir de uma transmissão em tempo real.

Por outro lado, no entanto, verificou-se que, para dar conta deste imediatismo discutido acima, as informações eram divulgadas ainda sem apuração prévia, a partir de dados não confirmados ou não oficiais. Desde o primeiro relato da correspondente Lúcia Müzell, por exemplo, a notícia ainda estava em construção, apenas se sabia que ataques simultâneos haviam ocorrido em Paris, mas ainda não se tinha a confirmação do que seriam, de onde eram todos os pontos onde haviam ocorrido, de quantos eram os números de mortos e feridos. E de tal forma

seguiu a cobertura inteira, principalmente nos relatos em que ocorriam em tempo real ou pouco tempo após o acontecimento de novos eventos, como as operações policiais que prenderam alguns dos mentores dos atentados: a checagem de novas informações parecia ser menos relevante do que a velocidade com que deveriam ser transmitidas ao público.

Voltando à questão da instantaneidade, pode-se dizer que o efeito já garantido a partir das transmissões de repórteres desde Paris em tempo atual, obviamente, era reforçado nas transmissões que ocorriam em tempo real, quando se sincronizava em um mesmo tempo o evento, sua enunciação e o recebimento deste relato pelo público. Ao permitir que o telespectador compartilhasse do mesmo fluxo temporal do evento, a instantaneidade dava a ele se não o **sentimento de participar dos eventos em desdobramento**, pelo menos o lugar de telespectador que se vincula emocionalmente ao evento, propiciando um leque de emoções que o poderiam fazer agir e reagir em sincronismo com o fato reportado, como por exemplo, quando repórteres estavam nos locais das homenagens às vítimas e traziam em tempo real imagens e depoimentos de parisienses que participavam daquele momento. A instantaneidade na potência máxima, o tempo real, tem a capacidade de criar a **aparência de que a mediação do enunciador é eliminada, a sensação de superação da mediação**, que parece passar a se realizar somente operada pela tecnologia. É como se o telespectador passasse, então, a ter contato direto com o evento, tornando-se ele mesmo testemunha do fato noticiado a partir da tensão emotiva proporcionada pelas imagens em tempo real, pela possível dramaticidade da narrativa e, também, pela imprevisibilidade do desfecho dos fatos em desenvolvimento, que poderá ocorrer a qualquer momento diante dos próprios olhos — sentimento reforçado, por exemplo, durante a operação policial que buscava capturar os mentores dos atentados, no bairro Saint-Denis. Os telespectadores tinham então a sensação de "poder ver tudo, de estar em todo lugar", como sugere Becker (2005).

De acordo com Fachine (2008), transmissões em tempo real têm como característica estabelecer uma temporalidade igual a destinadores e destinatários: o tempo do discurso da TV é o mesmo do mundo (dos fatos). Assim, a transmissão em tempo real é capaz de instaurar um tipo de “contato”, de **“acesso direto” entre os sujeitos e a “realidade”**, uma vez que o telespectador pode não apenas tomar parte de um acontecimento a partir de uma transmissão, mas pode

vivenciar a transmissão como um acontecimento do qual faz parte. Afinal, tem-se diante de si imagens que configuram como a própria realidade, que permitem visualizar simultaneamente o que está acontecendo desde aqui ao lado como de pontos distantes, como Paris. **O efeito é o de presença** — de “atualidade e ubiquidade, expectativa e curiosidade, intimidade e autenticidade, testemunho e vigilância” (FECHINE, 2008). Além de se sentir presenciando o desenrolar dos fatos como se estivesse no local, surge ainda a possibilidade de o telespectador vivenciar um espaço simbólico comum ao apresentador, ao repórter enunciador e a todos os outros telespectadores que acompanham aquela cobertura naquele mesmo momento. Pode-se dizer que esta é uma sensação única: diferente do rádio, que carece de imagens do eventos; diferente do jornalismo online, que percorre portais, sites de notícias e redes sociais, onde cada um cria o seu caminho de navegação individualmente. A televisão, como lembra Wolton (1996), é feita e imagens e laço social, e o interesse do público por ela é explicado pelo sociólogo exatamente por esta capacidade de permitir que cada um possa individualmente participar de uma atividade coletiva.

A possibilidade de um grande número de repórteres se espalharem pela cidade onde ocorriam os eventos decorrentes dos atentados, como verificado nos vídeos analisados, e o potencial que tinham de entrar ao vivo a cada nova informação, ainda pôde induzir o telespectador à sensação de que havia câmeras espalhadas por todas as partes, aptas a registrarem tudo e a lhe mostrarem instantaneamente. Surgia, assim, novamente o reforço da legitimidade do conteúdo e a confiança de que a emissora divulgaria todo os fatos relevantes. É por isso que Machado (2000) sugere que a presença da televisão no local e no tempo dos eventos é condição básica no processo de significação que envolve uma transmissão telejornalística, pois ela implica, sobretudo, a **autorização da instituição jornalística como fonte confiável** — ainda que, em vários momentos, surgissem à tela jornalistas que não figuram no quadro de repórteres da emissora; que foram alçados à condição de correspondentes pelo fato de, além da formação, estarem no local em que os eventos ocorriam. Estar no local onde os eventos se sucediam, no caso, Paris, constituía-se como elemento fundamental de confiabilidade ao enunciador. Afinal, “ele está lá, onde estão também as notícias”.

Além disso, a possibilidade de transmissão de informações em fluxo contínuo garantiu à cobertura dos atentados uma afirmação simbólica da preservação da novidade (critério de noticiabilidade essencial no jornalismo) a cada novo relato disponibilizado: as notícias traziam aspectos novos do evento, que ainda não haviam sido noticiados para o telespectador. Ao mesmo tempo, esses fragmentos do evento ganhavam continuidade entre uma inserção e outra dos repórteres, porque se mostravam como desdobramentos de um grande fato, que eram os atentados simultâneos. Durante a análise dos trechos da cobertura apreendidos, foi possível verificar uma atualização constante das informações — por um lado pelo fato de ser possível entrar ao vivo a qualquer momento para trazer novas informações; por outro, porque havia um longo tempo de cobertura a ser preenchido ao vivo, transformando, por vezes, qualquer pequeno detalhe em informação relevante — mais do que nunca, a novidade parece ser o valor-notícia fundamental nas transmissões realizadas ao vivo. Como sugere Franciscato (2003), o **jornalismo em tempo real reforça a ideia de efemeridade das notícias**, das novidades, já que cada pequeno recorte é capaz de desatualizar o anterior e, assim, gerar o que alguns autores denominam de “envelhecimento precoce” das notícias. Por outro lado, o trazer contínuo de informações, com uma distância temporal mínima em relação ao momento em que os fatos ocorrem ou se tornam públicos, também reforça a legitimidade do conteúdo transmitido, uma vez que ele é construído de forma gradativa, com seus detalhes, em um processo acompanhado pelo telespectador.

A simultaneidade dos eventos, trazidos de forma sincronizada, como por exemplo a cobertura das operações policiais no bairro Saint-Denis, quando Bianca Rothier, Roberto Kovalick e Carolina Cimenti, trouxeram, em tempo atual e, por vezes, real, diferentes fatos sobre um mesmo evento, e permitiram ainda que o telespectador sentisse o seu próprio tempo presente expandido. Estando onde estivesse, ele ainda poderia se sentir no local em que cada um destes enunciadores estavam, o que seria, na verdade, fisicamente impossível. Atribui-se assim ao jornalismo uma capacidade única, que o próprio telespectador não teria se ele mesmo estivesse no local do evento. O que se tem, então, é uma “supervisão” do evento, a partir de perspectivas diferentes sobre o que ocorre naquele exato momento. A sincronização dos fatos diante dos olhos do telespectador também tem a capacidade de reforçar a legitimidade de cada um dos conteúdos enunciados, uma vez que eles se complementam a partir de perspectivas distintas.

A instantaneidade que marcava as transmissões, por vezes, revelaram processos que, em outras circunstâncias, como em reportagens gravadas, não saíam dos bastidores. A exemplo está o trecho da cobertura em que a repórter Carolina Cimenti faz uma entrevista em tempo real com uma das testemunhas dos atentados no Bataclan. O apresentador anunciou a entrada da repórter para que falasse sobre um passaporte sírio que ela mesma havia encontrado momentos antes. Quando iniciou seu relato, no entanto, a jornalista afirmou que, antes de falar sobre o passaporte, conversaria primeiramente com a testemunha que ela havia “acabado de encontrar” e que precisava, logo em seguida, entrar também ao vivo em outra emissora. Assim como neste exemplo, vários foram as passagens em que detalhes do processo da produção jornalística eram citados, revelando-se aos olhos do telespectador em função do imediatismo com que se dava a cobertura, e reforçando, assim, de certa maneira, a credibilidade do exercício.

Além disso, percebeu-se que a velocidade imposta às transmissões fez com que o padrão de qualidade, preservado durante boa parte da trajetória da emissora, passasse a ser menos relevante do que a possibilidade de se informar de forma instantânea. O que se viu no objeto estudado foi a permissão para entradas ao vivo em que as imagens não tinham necessariamente qualidade técnica, podendo congelar por alguns instantes devido à problemas de transmissão do sinal (geralmente via internet), além de entradas em que nem mesmo o próprio repórter sabia se conseguiria chegar até o fim, pois o *streaming* “provavelmente” falharia, conforme muitos acenaram em seus relatos, em função das possibilidades técnicas limitadas no local da transmissão.

Como se observou durante todas as etapas de análise desta pesquisa, diante da necessidade/escolha de trazer as notícias no menor período de tempo, motivada principalmente pelas possibilidades trazidas pelo jornalismo online — em que as tecnologias se convergem em formatos distintos e em constante atualização, e em que as pontas do processo comunicativo (repórteres e público) são unidas onde quer que estejam —, a televisão, assim como todas as mídias ditas tradicionais, são forçadas a uma remodelação. Como sugerem Emerim e Cavenaghi (2012), longe de decretar o fim, como já apostaram alguns críticos, no entanto, a internet oferece o suporte para que a televisão se torne cada vez mais qualificada no que é a sua essência: a transmissão ao vivo — afinal, foi com uma programação feita em transmissão direta que a

televisão nasceu e se consolidou no Brasil em seus primeiros anos, na década de 1950. No entanto, com este suporte, surgem novas formas de se fazer jornalismo, que tem entre suas características, a possibilidade de transmissões com qualidade técnica inferior, realizadas por jornalistas de credibilidade conferida em função de estarem no local do evento, e não em virtude de uma trajetória reconhecida, e, o mais discutível, que tem a permissão para noticiar as informações em desenvolvimento, em construção, sem uma aprofundada apuração dos fatos — fazer que sempre se constituiu em um dos exercícios mais fundamentais do jornalismo. A justificativa é a mesma: o valor está sobre o informar, na medida do possível, no local e no tempo dos eventos.

Após passar por um longo período em que o uso do VT priorizou a qualidade estética e a edição da narrativa jornalística, então, profissionais e pesquisadores do meio estão diante de um novo momento, em que o espaço da televisão se coloca novamente em construção. Cabe acompanhá-lo e observá-lo atentamente. É o que se objetivou com esta análise, que não tem a pretensão de esgotar a temática do telejornalismo no século XXI, mas de apontar algumas considerações relevantes a este processo de mudança. Elas serão apresentadas a seguir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução dos dispositivos tecnológicos em paralelo ao avanço e à consolidação da internet, principalmente nas duas últimas décadas, alterou os processos comunicativos em geral: reduziu distâncias, simulou presenças, colocou em contato, em som e imagens, interlocutores que passaram a estar sempre acessíveis. Basta um clique, um toque à tela, e tem-se a conexão instantânea. A comunicação mediada pela computação é a marca dos novos tempos — e poucos passaram imune a ela.

Não é o caso do fazer jornalístico. Tome-se como exemplo a mídia que for, e se observará: todas sofreram impacto em alguma medida e de alguma maneira. Este estudo dedicou-se a analisar como a velocidade imbricada nos processos comunicativos deste novo cenário, desenhado aos moldes dos avanços tecnológicos, implicou alterações na temporalidade do jornalismo na televisão e, assim, também em suas estratégias de legitimidade e credibilidade perpetuadas ao longo de sua trajetória. Fala-se de um momento em que a soberana das mídias no Brasil, a televisiva, perdeu a exclusividade em transmitir imagens e sons em tempo real, com agilidade e qualidade técnica. Em outras palavras: a televisão deixou de ser a única “janela do mundo”.

Neste novo contexto, o imediatismo e a capacidade de interação, intrínsecas às relações mediadas pela internet, viraram valor agregado aos meios de comunicação — que se viram diante de uma revolução para continuar a firmar não apenas presença, mas relevância. Na televisão, e mais especificamente no telejornal — um dos seus formatos mais consolidados — o pontapé das transformações foi, sobretudo, nos modos de organização dos discursos. De forma que, assim, um dos resultados mais perceptíveis desta fase de readaptação é o reforço da transmissão ao vivo, capaz não apenas de produzir o efeito de atualidade na divulgação da informação, mas também de construir um sentido de presença comum entre os envolvidos no processo comunicativo. Parte-se, portanto, de um pressuposto: ao telejornalismo e, principalmente, às coberturas televisivas de eventos midiáticos, o impacto está na temporalidade em que se dá o fazer

jornalístico — que compreende desde a apuração e a produção da notícia até a divulgação e a recepção dela por parte do público.

O tempo do jornalismo na TV é, portanto, outro. E não chega a ser exatamente uma novidade. Influenciada pelo rádio, a televisão brasileira nasce na década de 1950. Nasce ao vivo, e ao vivo desenvolve todo o repertório que veio a torná-la a mídia mais querida do país — levantamentos atualizados periodicamente pelo governo federal seguem confirmando a sua importância: 79% dos brasileiros ligam a televisão com o propósito de se manterem informados, acompanhando a programação televisiva, em média, por mais de quatro horas diárias, segundo dados de 2015. Foi na década seguinte, 1960, com a chegada do videoteipe (VT), que as produções televisivas realizadas essencialmente em transmissão direta deram lugar às gravações, ocorrendo, assim, uma das primeiras guinadas na forma de se pensar e também de se fazer o conteúdo jornalístico na televisão. Se a possibilidade de armanezar as imagens e editá-las para uma exibição posterior permitiu a produção de programas mais interessantes e com maior qualidade técnica e estética, o frequente uso do VT, entretanto, tirou a transmissão ao vivo da rotina telejornalística por quase toda a sua trajetória, desacostumando as redações a operarem com as notícias no momento em que elas ocorrem. A exemplo disto, autores que compõem o referencial teórico deste estudo trazem a cobertura dos atentados ao World Trade Center, em Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001 — evento que teve transmissão instantânea, porém com o uso de imagens de emissoras internacionais e a partir de informações apuradas e divulgadas por veículos norte-americanos. Diante do atentado que abalou as estruturas do poder estadunidense, o que se viu foi a falta de preparo jornalístico da televisão brasileira em noticiar eventos em tempo real, exercício prejudicado ainda pelas incapacidades técnicas da época. Basta lembrar: tomando-se como exemplo a cobertura da Rede Globo, observava-se que os relatos eram confusos, realizados principalmente do estúdio da emissora no Rio de Janeiro; de Nova Iorque, que os jornalistas entrava no ar na maior parte das vezes por ligação telefônica, informando as últimas novidades que ouviam em rádios e acompanhavam pelas emissoras locais; e que as transmissões realizadas diretamente das ruas, onde a população se desesperava e lamentava, foram inexpressivas. Ainda que com uma equipe de renomados repórteres no local onde ocorriam os eventos que marcaram o mundo, não houve uma cobertura dita “própria”, com olhar diferente, voltado ao público brasileiro. A cena do avião se chocando contra a segunda das torres gêmeas

foi veiculada repetidamente durante horas, e as primeiras imagens realizadas pelas equipes brasileiras nos locais dos eventos vieram somente mais tarde, gravadas.

À época, cabe destacar, o uso habitual das transmissões ao vivo na televisão brasileira dava-se principalmente como maneira de marcar a presença da televisão fora dos estúdios, mas não necessariamente no tempo dos eventos. Aliás, resquícios desta fase imperam ainda hoje no telejornalismo, principalmente nas emissoras de TV aberta, quem têm horários predeterminados para o jornalismo, dificilmente coincidindo com os momentos dos fatos. Os casos mais emblemáticos são aqueles em que repórteres de política trazem informações a partir de entradas ao vivo em frente às sedes de órgãos do governo, no local que tem um vínculo com a notícia, mas onde geralmente já não acontece mais nada. São exemplos em que a informação pode até estar bem apurada, mas em que há uma certa banalização do uso da transmissão direta. O efeito pode ser o esvaziamento da legitimidade do conteúdo, uma vez que um simples *stand up* carece de imagens, sonoras¹⁰ e demais elementos que comprovam a veracidade do relato. Não é improvável ainda o prejuízo da credibilidade do enunciador — o que garante que o que ele diz é verdade? Nestas situações, a confiabilidade parece estar sujeita unicamente ao respeito que se tem, ou não, em relação à trajetória do repórter e da emissora em que ele trabalha.

Quinze anos após os atentados do 11 de setembro, tomado como exemplo de cobertura ao vivo desta fase descrita acima, os processos de produção e divulgação das notícias no telejornalismo revelam os impactos das novas possibilidades técnicas e, principalmente, da velocidade imposta pela internet: tornou-se inaceitável que o tempo da televisão se descole do tempo das notícias. Neste contexto, se os telejornais das emissoras de TV aberta continuam restritos dentro de grades de programação, os canais voltados exclusivamente ao telejornalismo se mostram como espaços fortalecidos para a transmissão de eventos que estão em desenvolvimento, para a divulgação dos fatos em tempo real — há espaço e já experiência para tanto. Não se pode desconsiderar, no entanto, que a remodelação do fazer telejornalístico imposta pelo imediatismo refletiu-se também em novas configurações de operação dos conceitos de legitimidade e credibilidade, que permeiam os processos da divulgação da notícia. Pretendeu-se, com esta pesquisa, compreender de que maneira estes dois pilares fundamentais do jornalismo hoje se revelam na recepção da notícia.

¹⁰ Entrevistas gravadas

Para tanto, buscou-se um objeto de análise que exemplificasse a instantaneidade dos novos tempos. Ainda como critério de seleção, considerou-se que os questionamentos desta pesquisa deveriam ser debruçados sobre a cobertura de um grande evento midiático inesperado, realizado por uma emissora com repertório em transmissões ao vivo — um objeto com estas características, supôs-se, revelaria de maneira potencializada as possibilidades técnicas e as novas configurações do fazer telejornalístico. Chegou-se, então, à cobertura dos atentados simultâneos em Paris, em 13 de novembro de 2015, transmitida pela Globo News, canal por assinatura da Globosat dedicado 24 horas ao jornalismo.

Como afirmado anteriormente, partiu-se do pressuposto de que o imediatismo deste novo cenário implicou o reforço das transmissões ao vivo. A hipótese foi confirmada com a análise: no que se refere à questão da temporalidade, o objeto tomado nesta pesquisa mostrou o predomínio da transmissão ao vivo em relação aos conteúdos gravados, que corresponderam a cerca de 10% do material analisado. Mais do que isso: metade do *corpus* deste estudo compreendeu vídeos que traziam a participação de repórteres nos locais em que ocorriam, ou haviam ocorrido, os fatos relatados — sendo a maior parte deles, obviamente, em Paris. Ou seja: tem-se o indicativo de que a cobertura ao vivo da emissora sobre os atentados tenha sido composta, na mesma medida, de participações em estúdios (com entrevistas com especialistas e análises que contextualizavam o assunto), e de relatos de jornalistas que acompanhavam os acontecimentos *in loco*, trazendo informações com o maior imediatismo possível. Esta instantaneidade revelou-se, sobretudo, nas transmissões em tempo real (aquelas em que jornalistas narram os acontecimentos no exato momento em que eles ocorrem), casos que totalizaram 25% das entradas realizadas por profissionais diretamente das ruas. E também se demonstrou nas transmissões em tempo atual (quando os jornalistas enunciavam fatos ao vivo, no entanto, em momento após a ocorrência deles) — uma vez que o tempo de enunciação já não era mais tão distante em relação ao tempo dos eventos enunciados. Houve, portanto, uma maior velocidade na divulgação das notícias. A sistematização do objeto revelou ainda que, para essa característica temporal das transmissões, contribuiu o uso de dispositivos móveis conectados à internet (wi-fi, 3G ou 4G). A possibilidade técnica garantiu não somente a mobilidade, mas a facilidade de se acompanhar o desenvolvimento dos acontecimentos nos locais onde ocorriam, sem que, para isso, fossem necessários a mobilização de uma equipe inteira e dispendiosos gastos com equipamentos de transmissão.

O tempo do jornalismo sempre foi a atualidade. Não seria equivocados dizer que, neste novo cenário, ele passa a ser ainda mais o da instantaneidade. Frente ao imediatismo intrínseco ao jornalismo online e às trocas de informação via redes sociais, o uso das transmissões ao vivo surge como estratégia para firmar a relevância da televisão na cobertura dos fatos do mundo. É um mecanismo que, no entanto, altera todo o percurso que vai desde a chegada da informação, à sua apuração, seu manejo, sua divulgação enquanto notícia e sua recepção por parte do público — sequência de processos que, diante da velocidade almejada, acabam se sobrepondo, quando não ocorrendo em um único momento: o da enunciação.

Em coberturas ao vivo, que agora têm as participações em tempo real ampliadas e as entradas em tempo atual com menor deslocamento temporal em relação aos eventos, a informação vira notícia em um processo que ocorre diante dos olhos do público. Isso só é possível porque a transmissão se dá, então, principalmente no local e no tempo dos eventos. E são exatamente estas duas características que conferem legitimidade aos conteúdos transmitidos e credibilidade aos jornalistas envolvidos nas coberturas telejornalísticas deste novo cenário, em que as informações, por vezes, viram notícia sem que necessariamente passem por uma apuração mais aprofundada. É a velocidade que está em jogo.

Em função da pressa de se reportar, parece não ser mais admissível esperar que informações sejam confirmadas por fontes oficiais, que balanços numéricos sejam contabilizados por autoridades ou que jornalistas deixem para entrar no ar somente quando tiverem o contexto de cada fato já em detalhes. O que se observa, então, é a maior frequência no uso de condicionais nos relatos — no exemplo dos atentados a Paris, as primeiras informações eram de que dois homens “teriam” efetuado disparos em uma região de movimentação noturna e uma explosão “teria” acontecido nas proximidades do Stade de France. Diferentemente das transmissões ao vivo anteriores à revolução promovida pelas novas tecnologias, que traziam relatos de fatos quase sempre já encerrados, as entradas em tempo real neste novo cenário podem ter a informação prejudicada pela falta de checagem, mas revelam fatos que acontecem diante dos olhos do telespectador, que tem a sensação de ser testemunha das notícias.

Assim, a legitimidade do conteúdo passa a ser construída por fatores que envolvem uma aparente ausência de mediação: nas transmissões em tempo real, o telespectador vê com os

próprios olhos o acontecimento relatado pelo jornalista, e sente-se participando deste evento em desdobramento. A mobilidade possível devido às tecnologias sem fio e as conexões móveis permitiu que repórteres pudessem circular pelo local dos eventos, enquadrando um conjunto de cenas capaz de ambientar o telespectador. Na recepção, o impacto deste recurso se dá diretamente na sensação de ubiquidade de quem está acompanhando a cobertura. Esteja no sofá da sala, dentro do metrô, onde estiver — afinal, já se pode assistir às transmissões por meio de dispositivos móveis —, o telespectador sente-se também nos lugares onde as notícias se sucedem. A análise ainda revelou que o uso de equipamentos mais simples e baratos para as transmissões ao vivo possibilitou um número maior de jornalistas envolvidos na cobertura. Esta possibilidade de relatar o desenvolvimento dos fatos a partir de perspectivas diferentes — no que se refere ao espaço (de se manter repórteres em pontos distintos) ou ao conteúdo (responsabilizando cada um deles a um determinado aspecto da notícia) — também confere autenticidade aos relatos uma vez que a notícia é construída em tempo real, a partir de ângulos que se complementam. Além disso, diferentemente das coberturas realizadas não em tempo real (quando reportagens sobre os eventos são gravados, editadas e veiculadas mais tarde), outro ponto sobressalente das transmissões ao vivo diz respeito à emergência dos bastidores, principalmente nas entradas operadas em tempo real. Nestes momentos, revelam-se mecanismos que estão por trás do processo de produção jornalística, o que contribui, por exemplo, para o esvaziamento de possíveis suspeitas de manipulação de informações, que costumam pairar sobre o jornalismo.

Os fatores evidenciados acima garantem legitimidade aos conteúdos transmitidos e, mais do que isso, conferem credibilidade aos enunciadores envolvidos nas coberturas. No jornalismo das reportagens gravadas, a credibilidade do discurso se dá a partir da apuração, da busca dos vários lados da notícia, na edição equilibrada — e também no relato informativo, na passagem feita por um repórter já conhecido, de carreira consolidada. A credibilidade, antes ligada ao trabalho do jornalista ao longo de sua carreira ou à familiaridade de sua feição, agora dá espaço à outra, calcada no fato de o enunciador estar diante dos eventos nos momentos em que eles acontecem. A presença do repórter no local dos fatos narrados garante-lhe uma autorização enquanto fonte confiável. De forma que o quadro de jornalistas da emissora, em grandes eventos midiáticos repentinos, é reforçado por profissionais *freelancers*, que neste momento têm suas estreias nos veículos ou mesmo no próprio meio televisivo. Pela capacidade temporal, no sentido de uma cobertura se desenrolar pelo tempo que for ditado pelos acontecimento, surgem ainda

novas possibilidades de enunciadores, como testemunhas dos fatos que enviam vídeos e fazem até mesmo participações ao vivo, sem que para isso sejam necessariamente jornalistas. São novos sujeitos que aparecem nas coberturas, alçados a correspondentes na medida em que estiveram ou estão no local dos acontecimentos.

Para além da credibilidade e da legitimidade, a velocidade na divulgação também impactou na periodicidade das notícias e nos fatores de noticiabilidade que compõem o processo jornalístico. O fluxo contínuo de transmissão implicou o envelhecimento precoce das notícias e a evidência de principalmente dois valores-notícia: o do localismo, vale informar o que acontece no local em que há um correspondente apto a reportar; e o da atualização contínua. A notícia passa, assim, a ter um tempo de existência efêmero, seja em consequência dos fatos em desenvolvimento, que a desatualiza, seja pelos modos como a organização jornalística aplica a esta volatilidade mecanismos para sua permanência em desdobramentos sucessivos. Além disso, a fixação estética pela imagem, de perfeito enquadramento, luz e qualidade, deixa de ser primordial em tempos em que a importância é conferida, sobretudo, à velocidade. Se as imagens têm intrínsecas a elas a tendência de serem consideradas não apenas uma representação do mundo, mas a realidade em si mesma, pode-se aferir que imagens imbricadas de pressa, com enquadramentos e qualidade não perfeitos, podem se revelar como reflexos representativos de momentos de desordem, de acontecimentos inesperados, de tragédias não imaginadas. Da mesma maneira, passam a não causar mais constrangimento também problemas técnicos, transmissões que são congeladas ou cortadas devido a problemas de sinal (principalmente quando se tratar da conexão à internet). Vale ressaltar que, apesar de toda a capacidade que a tecnologia conferiu ao trabalho jornalístico no local e momento dos fatos, ela ainda é suscetível à falhas. No objeto analisado, tem-se como exemplo o momento em que se evidencia que a repórter Carolina Cimenti está exatamente no local da notícia, no estádio alvo de bombas, e que no entanto teve de fazer uma entrada ao vivo via ligação por celular porque a conexão com a internet não foi possível naquele momento, em que todos tentavam se comunicar com amigos e familiares, sobrecarregando o acesso à rede.

A partir dos elementos destacados nesta pesquisa, pode-se dizer que a gramática do discurso midiático ao vivo utiliza imagens dos fatos em desdobramento e sua veiculação simultânea como recurso para justificar uma competência jornalística de reportar o real. Produzir

jornalismo com velocidade, sobretudo quando em tempo real, implica submeter a lógica das imagens que se sucedem em fluxo contínuo a uma rede de relações mais complexas que, historicamente, deram sentido à instituição telejornalística e que justificariam sua existência na contemporaneidade. Cabe-se questionar, no entanto, se a necessidade de se ajustar ao tempo dos eventos, motivada pela lógica das novas mídias, justifica os efeitos da velocidade no fazer jornalístico na televisão. Outro caminho de discussão, que poderia motivar até mesmo estudos posteriores a este, permeia a indagação de até que ponto se fazem válidos os mecanismos de credibilidade e legitimidade que passam a vigorar nesta nova fase.

Entre as dúvidas, está a certeza de que a internet e o avanço das novas tecnologias não determinaram o fim da televisão. Aliás, pode ser que, pelo contrário, tenham favorecido para que o meio televisivo voltasse a assumir sua capacidade diante de episódios inesperados e de alto valor-notícia: transmissões ao vivo, com potencial de aliar som à imagem e, mais, reunir multidões diante de um evento comum a toda elas, uma experiência compartilhada que o sociólogo Dominique Wolton já definiu como criadora de um laço social.

A importância da TV como meio de comunicação no Brasil, segue sendo afirmada: ela é assistida por 95% da população — sendo que adolescentes e jovens, que nasceram ou cresceram na era da internet, passam mais de quatro horas diárias em frente a um televisor. Comprova-se que a televisão está longe de seu fim. Se o seu caminho ainda parece longo, no entanto, é preciso que seus passos sejam criticamente acompanhados e discutidos. É a única maneira de evitar, ou ao menos minimizar, tropeços futuros. Espera-se que esta pesquisa tenha contribuído com este propósito.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

AMÉRICO, Marcos; GELONEZE, Fernando Ramos. **Proposta de classificação para produtos comunicacionais para dispositivos móveis**. In: 11 Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, 2008, São Paulo.

BARDIN, Laurence. **Análise do discurso**. Lisboa: Edições, 1977.

BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica**. In: LIMA, Luís Costa (org). Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil**. Editora E-papers, 2005.

_____. **Do mito da imagem ao diálogo televisual: repensando o ensino e a pesquisa em telejornalismo**. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). 40 anos de telejornalismo em rede nacional – olhares críticos. Florianópolis: Insular, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CORREIA, João Carlos; VIZEU, Alfredo. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência**. A sociedade do telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008.

CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

EMERIM, CAVENAGHI. Beatriz; Cárlica. **Cobertura ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais**. ANAIS da 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor. Curitiba (PR), 2012.

FECHINE, Yvana. **Televisão e estesia: considerações a partir das transmissões diretas da Copa do Mundo**. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 29, n. 17, p. 11-37, 2002.

_____. **Programação direta da TV: sentido e hábito**. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 31, n. 22, p. 41-57, 2004.

_____. **Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal**. Televisão: entre o mercado e a academia. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. **Televisão e presença**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. 2003. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. **A fabricação do presente**. Aracaju, Editora UFS, 2005.

GREEN, Maury. **Periodismo em TV**. Buenos Aires: Troquel, 1973.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna - Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HERSCOVITZ, Heloiza. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs). **Metodologias de pesquisa em jornalismo**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

KERN, Stephen. Wireless World. In: CROWLEY, David; HEYER, Paul. **Communication in History - Technology, Culture, Society**. 2ª. Ed. New York: Longman Publishers, 1995.

LAGE, Nilson. **A reportagem**. São Paulo: Editora Record, 2001.

LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton. O acontecimento como conteúdo: limites e implicações de uma metodologia. In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (orgs). **Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos**. Florianópolis: Insular, v. 2, 2011.

MACHADO, Arlindo. **A TV levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MARCONDES FILHO, Cirdo (org.). **Diário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009a.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação - Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz a história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MORATÓ, Javier del Rey. **Crítica de La Razon Periodistica**. Madrid: Universidad Complutense, 1988.

MOTA, Célia. **O gesto e a palavra: representações sobre cidadania no telejornal**. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo (orgs). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Porto: Campo das Letras, 1999.

RAMOS, Roberto. **Caso Eloá no Jornal da Record: uma leitura semiológica**. Revista FAMECOS, v. 19, n. 2, 2012.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Razão Social, 1992.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. Porto Alegre: Paulus, 2007.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano**. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), 2008.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em jornalismo e mídia, v. 2, n. 1, 2005.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **As notícias**. In: TRAQUINA, Nelson (org) **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1993

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2008.

_____. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2012.

VIZEU, Alfredo et al. **A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação a enunciação jornalística**. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona, v. 2, n. 1, p. 141-153, 2004.

_____. (org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **Telejornalismo: cotidiano e lugar de segurança**. Estudos em jornalismo e Mídia, v. 3, n. 1, 2008.

_____. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. Revista FAMECOS, v. 1, n. 40, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. Lisboa: Presença, 1985.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

_____. **Elogio do grande público: teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.

ANEXO

ANEXO A - Sistematização a partir das unidades de tempo, tecnologia e localização¹¹.

	<p>Data: 13/11/2015 Duração: 19:24 - 19:26</p> <p>Descrição: correspondente Lúcia Müzell informa que ataques estão acontecendo em Paris, a partir de informações de agências e imprensa francesa. Em seguida, entrada é coberta por imagens da CNN.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via computador Local da transmissão: casa da correspondente</p>
	<p>Data: 13/11/2015 Duração: 19:46 - 19:47</p> <p>Descrição: âncora Leilane Neubarth segue com a cobertura dos atentados a partir de imagens ao vivo da CNN.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 13/11/2015 Duração: 20:05 - 20:10</p> <p>Descrição: repórter Carolina Cimenti descreve a situação no interior do Stade de France naquele momento, após bombardeios próximos ao estádio.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: ligação por celular Local da transmissão: local do evento</p>

¹¹ Em cinza, os vídeos que correspondem a entradas de repórteres ao vivo, de pontos externos à redação.

	<p>Data: 13/11/2015 Duração: 20:14 - 20:16</p> <p>Descrição: cobertura segue com a âncora Leilane Neubarth, a partir de imagens de agências internacionais. Jornalista repete informações e emite novas, que chegam via agências internacionais.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 13/11/2015 Duração: 20:46 - 20:50</p> <p>Descrição: âncora Sérgio Aguiar chama coletiva de imprensa do presidente dos EUA, Barack Obama, a partir de imagens ao vivo da CNN.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: local do evento</p>
	<p>Data: 13/11/2015 Duração: 20:54 - 20:52</p> <p>Descrição: âncora Sérgio Aguiar chama coletiva de imprensa do presidente da França, François Hollande, a partir de imagens ao vivo da CNN.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: local do evento</p>
	<p>Data: 13/11/2015 Duração: 21:44 - 21:50</p> <p>Descrição: dentro de um táxi, em deslocamento pelas ruas de Paris, repórter Carolina Cimenti narra o que vê: ruas bloqueadas e vazias em Paris após os atentados.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: local do evento</p>

 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>MARIA EDLEUSA FONTENELLE REIS cônsul-geral do Brasil em Paris</p> <p>J10 Agência France Presse diz haver 100 mortos e um policial ferido na casa de shows Bataclan</p> <p>22:29</p>	<p>Data: 13/11/2015 Duração: 22:29 - 22:32</p> <p>Descrição: âncora entrevista, por telefone, a cônsul-geral da França no Brasil. Entrevista é coberta com imagens da CNN. Informações repassadas são resumo do que se sabe até então.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
 <p>NEWS</p> <p>J10 Prefeitura de Paris confirma 100 mortos na casa de shows Bataclan</p> <p>22:38</p>	<p>Data: 13/11/2015 Duração: 22:37 - 22:44</p> <p>Descrição: âncora Doni de Nuccio entrevista especialistas em relações internacionais e terrorismo a partir dos estúdios do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entrevista é coberta com imagens da CNN.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
 <p>NEWS</p> <p>GUGA CHACRA São Paulo</p> <p>J10 Ao menos 118 foram mortos na casa de shows Bataclan, diz vice-prefeito de Paris</p> <p>22:45</p>	<p>Data: 13/11/2015 Duração: 22:44 - 22:48</p> <p>Descrição: do estúdio do RJ, âncora Doni de Nuccio chama jornalista Guga Chacra, que está no estúdio de SP, para analisar os atentados de Paris em comparação com outros. Entrevista é coberta com imagens da CNN.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>J10 Paris sofre maior atentado terrorista da história da cidade</p> <p>22:58</p>	<p>Data: 13/11/2015 Duração: 22:58 - 23:00</p> <p>Descrição: do estúdio do RJ, apresentador recapitula informações que se sabem sobre o atentado até aquele momento, com imagens ao vivo da CNN.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>

 <p>NEWS ao vivo</p> <p>mais cedo</p> <p>TERRORISMO EM PARIS Autoridades francesas confirmam 153 mortos</p> <p>00:08</p>	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 00:05 - 00:12</p> <p>Descrição: do estúdio do RJ, âncora recapitula informações que se sabem sobre o atentado até aquele momento, com imagens da CNN. Tela é dividida com imagens gravadas e ao vivo.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
 <p>NEWS ao vivo</p> <p>TERRORISMO EM PARIS Autoridades francesas confirmam 153 mortos</p> <p>00:24</p>	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 00:24 - 00:25</p> <p>Descrição: do estúdio do RJ, apresentador recapitula informações que se sabem sobre o atentado até aquele momento, com imagens da CNN. Tela é dividida com imagens gravadas e ao vivo.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
 <p>NEWS ao vivo</p> <p>TERRORISMO EM PARIS Autoridades francesas confirmam 153 mortos</p> <p>00:57</p>	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 00:57 - 00:58</p> <p>Descrição: do estúdio do RJ, apresentador recapitula informações que se sabem sobre o atentado até aquele momento, com imagens da CNN e vídeos da internet.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
 <p>NEWS ao vivo</p> <p>com.br/ECLAROU ESTADO DE EMERGÊNCIA EM TODO O TERRITÓRIO. P. 02:01</p>	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 02:00 - 02:00</p> <p>Descrição: do estúdio do RJ, apresentadora recapitula informações que se sabem sobre o atentado até aquele momento, com imagens da CNN e vídeos da internet.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>

	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 07:00 - 07:05 <input type="checkbox"/> Descrição: reportagem gravada</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 07:09 - 07:09</p> <p>Descrição: do estúdio do RJ, apresentador recapitula informações que se sabem sobre o atentado até aquele momento. São transmitidas imagens gravadas do pronunciamento da chanceler alemã, Angela Merkel.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 08:09 - 08:10</p> <p>Descrição: do estúdio do RJ, apresentador narra imagens gravadas por jornalista do jornal francês Le Monde.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 08:10 - 08:16</p> <p>Descrição: no estúdio do RJ, apresentador entrevista especialista.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>

	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 08:29 - 08:29</p> <p>Descrição: do estúdio do RJ, apresentador fala sobre conteúdo de mensagem divulgada em vídeo pelo Estado Islâmico pouco tempo antes.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 08:29 - 08:30</p> <p>Descrição: do estúdio do RJ, apresentador comenta imagens de prédios-símbolos de várias cidades que foram iluminados com cores da França.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 09:01 - 09:02</p> <p>Descrição: do estúdio do RJ, apresentador relembra pronunciamento de François Hollande, na noite anterior.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 09:08 - 09:14</p> <p>Descrição: jornalista brasileira Ana Paula Cardoso fala sobre clima de luto em Paris na manhã seguinte aos atentados terroristas..</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via computador Local da transmissão: casa do correspondente</p>

	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 09:08 - 09:14</p> <p>Descrição: repórter Carolina Cimenti, das ruas de Paris, fala sobre como a cidade ficou vazia na manhã seguinte aos atentados e sobre o reforço no policiamento de pontos turísticos</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: local do evento</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 10:18 - 10:26</p> <p>Descrição: no estúdio do RJ, apresentador entrevista especialista.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 10:29 - 10:29</p> <p>Descrição: no estúdio do RJ, apresentador informa que governo espanhol ofereceu condolências aos francesas.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 11:01 - 11:01</p> <p>Descrição: no estúdio do RJ, apresentador informa que homem suspeito de ligação com os atentados foi preso na Alemanha.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>

	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 11:02 - 11:02</p> <p>Descrição: no estúdio do RJ, apresentador informa que Estado Islâmico enviou cartas a jornais franceses.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 11:07 - 11:11</p> <p>Descrição: correspondente Paulo Mariotti fala sobre as mortes em Paris.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via computador Local da transmissão: casa do correspondente</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 11:15 - 11:15</p> <p>Descrição: no estúdio do RJ, apresentador informa que primeiro ministro italiano ofereceu condolências à França.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 11:18 - 11:25</p> <p>Descrição: correspondente Luiza Belchior, da Espanha, fala que líderes europeus convocaram reunião de emergência.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via computador Local da transmissão: casa do correspondente</p>

 <p>NEWS ao vivo Brasília</p> <p>Dilma diz que acompanha a recuperação dos dois brasileiros feridos nos ataques em Paris</p> <p>12:02</p>	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 12:01 - 12:03</p> <p>Descrição: repórter Murilo Salviano, de Brasília, fala sobre pronunciamento da presidente Dilma Rousseff nas redes sociais.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: local do evento</p>
 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>Passaporte sírio é encontrado junto a um dos terroristas mortos</p> <p>12:12</p>	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 12:05 - 12:15</p> <p>Descrição: diretamente de um dos locais onde ocorrem homenagens às vítimas em Paris, correspondente Bianca Rothier fala sobre as investigações. Prefeita de Paris chega ao local no momento da transmissão.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: local do evento</p>
 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>LUCIA MÜZELI Paris</p> <p>Pelo menos 300 pessoas estão hospitalizadas por conta dos ataques que deixara 127 mortos</p> <p>CONFIRMAM QUE EXISTEM 99 PESSOAS GRAVEMENTE FERIDAS</p> <p>13:07</p>	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 13:06 - 13:10</p> <p>Descrição: correspondente Lúcia Müzell atualiza informações número de vítimas e hospitalizados.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via computador Local da transmissão: casa do correspondente</p>
 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>Operações policiais simultâneas contra suspeitos de envolvimento nos atentados</p> <p>15:10</p>	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 15:03 - 15:10</p> <p>Descrição: diretamente das ruas de Paris, correspondente Bianca Rothier fala sobre operações policiais simultâneas e homenagens às vítimas que ocorrem no momento da transmissão.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: local do evento</p>

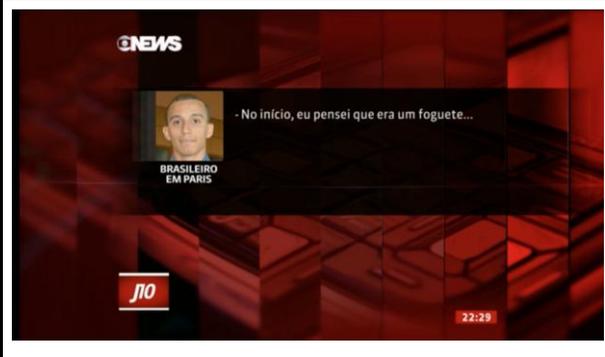
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 15:14 - 15:20</p> <p>Descrição: francês Marc Sangarne, que mora no Brasil, mas está em Paris, conta o que mudou na rotina da cidade com os atentados.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: ponto externo</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 15:22 - 15:38</p> <p>Descrição: no estúdio do RJ, apresentador entrevista dois especialistas. Um está com ele no estúdio do RJ, o outro em SP</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 15:49 - 15:51</p> <p>Descrição: repórter Rosana Cerqueira está no aeroporto de Guarulhos e chama vídeo que gravou, anteriormente, com pais de vítimas que embarcavam para Paris.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: local do evento</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 16:06 - 16:09</p> <p>Descrição: correspondente Lúcia Müzell atualiza informações sobre prisão de suspeitos de terem participado dos atentados.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via computador Local da transmissão: casa do correspondente</p>

	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 17:01 - 17:06</p> <p>Descrição: correspondente Lúcia Müzell atualiza informações sobre os atentados.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via computador Local da transmissão: casa do correspondente</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 18:07 - 18:10</p> <p>Descrição: repórter Daniele Legras está na Praça da República, em Paris, e acompanha as homenagens às vítimas.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: local do evento</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 18:10 - 18:14</p> <p>Descrição: correspondente Lúcia Müzell atualiza informações sobre os atentados.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via computador Local da transmissão: casa do correspondente</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 18:10 - 18:14</p> <p>Descrição: correspondente Sandra Coutinho, do estúdio de Nova York, informa que uma norte-americana estava entre as vítimas dos atentados em Paris.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>

	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 18:54 - 18:56</p> <p>Descrição: é exibido vídeo gravado por mineira que mora em Paris. Ela relata como está o clima nas ruas e o sentimento de insegurança na cidade.</p> <input type="checkbox"/>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 22:01 - 22:09</p> <p><input type="checkbox"/> Descrição: exibição de reportagem gravada pela correspondente Bianca Rothier.</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 22:14 - 22:18</p> <p>Descrição: correspondente Sandra Coutinho, do estúdio de Nova York, informa qas medidas de segurança tomadas pelos EUA após os atentados em Paris.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 22:30 - 22:36</p> <p>Descrição: repórter Rosana Cerqueira está no aeroporto de Guarulhos e chama vídeo que gravou, anteriormente, com braileiros que desembarcavam vindos de Paris.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: local do evento</p>

 <p>NEWS Paris</p> <p>J10 Paris sofre segundo atentado terrorista em menos de um ano 23:48</p>	<p>Data: 14/11/2015 Duração: 23:45 - 23:48</p> <p>Descrição: repórter Carolina Cimenti retoma e atualiza informações sobre os atentados.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: ligação por celular Local da transmissão: ponto externo</p>
	<p>Data: 15/11/2015 Duração: não informado</p> <p>Descrição: repórter Carolina Cimenti conta sobre o momento em que encontrou um pedaço de passaporte sírio em um dos locais das explosões e como informou a polícia sobre o achado.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: ponto externo</p>
 <p>NEWS</p> <p>J10 Equipe da GloboNews encontra parte de passaporte sírio perto de local de atentado 02:41</p>	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 02:37 - 02:39</p> <p>Descrição: repórter Carolina Cimenti conta sobre o momento em que encontrou um pedaço de passaporte sírio em um dos locais das explosões e como informou a polícia sobre o achado.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: ponto externo</p>
 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>NEWS A Torre Eiffel, um dos maiores símbolos de Paris, permanece fechada após ataques com.br S ATACADOS E TEVE QUE PASSAR POR UMA CIRURGIA, MAS P. 08:27</p>	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 08:23 - 08:29</p> <p>Descrição: correspondente Paulo Mariotti está próximo à Torre Eiffel, fechada após os atentados em Paris.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: local do evento</p>

 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>NEWS Clima de normalidade começa a volta às ruas de Paris, dois dias depois de ataques BRAS 10:27 G1.com.br</p>	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 10:24 - 10:29</p> <p>Descrição: diretamente das ruas de Paris, correspondente Bianca Rothier fala sobre homenagens às vítimas e faz entrevista com francesa em tempo real..</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: local do evento</p>
 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>NEWS Identificado um dos terroristas responsáveis pelos ataques: é um cidadão francês RECONHECIMENTO. POR ISSO, SEGUNDO AS AUTORIDADES, AI 13:26 G1.com.br</p>	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 13:25 -13:30</p> <p>Descrição: repórter Carolina Cimenti, das ruas de Paris, acompanha manifestações de franceses em frente a um dos pontos atacados e faz entrevista em tempo real com homem que estava no local no momento das explosões.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: local do evento</p>
 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>NEWS 16:00</p>	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 15:59 -16:02</p> <p>Descrição: repórter Bianca Rothier fala sobre correrria que ocorreu pouco tempo antes na Praça da República, quando se suspeitou de novo ataque na cidade - que não se confirmou.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: local do evento</p>
 <p>NEWS Você está assistindo Jornal das 10</p> <p>J10 Policiais franceses e belgas caçam pessoas ligadas a atentados de Paris G1.com.br INFILTRADOS ENTRE FACÇÕES EM FAVELAS DA REGIÃO CENTRAL D 22:04</p>	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 22:03 -22:10</p> <p><input type="checkbox"/> Descrição: reportagem gravada pela repórter Bianca Rothier sobre busca por pessoas liagas aos ataques.</p>

	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 22:17 -22:21</p> <p><input type="checkbox"/> Descrição: reportagem gravada pela repórter Bianca Rothier sobre alarme falso que gerou correria em ponto de homenagem às vítimas em Paris.</p>
	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 22:26 -22:28</p> <p>Descrição: correspondente Paulo Mariotti está em um dos pontos de homenagens às vítimas.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: local do evento</p>
	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 22:29 - 22:30</p> <p><input type="checkbox"/> Descrição: entrevista por telefone gravada com um dos brasileiros feridos nos atentados em Paris</p>
	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 22:30 - 22:35</p> <p><input type="checkbox"/> Descrição: reportagem gravada sobre vigílias no Rio de Janeiro e em São Paulo que homenagearam vítimas dos atentados.</p>

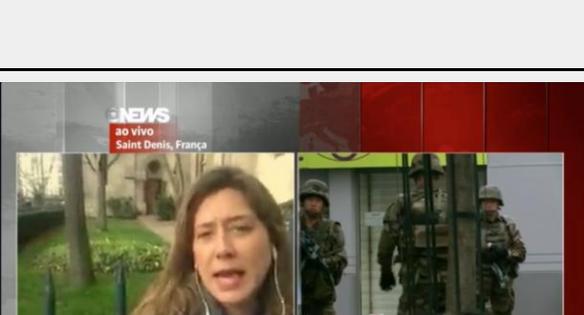
 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>ATAQUES EM PARIS J10 Alarmes falsos geram pânico em pontos da capital francesa G1.com.br 22:41</p>	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 22:38 - 22:42</p> <p>Descrição: correspondente Paulo Mariotti está em um dos pontos de homenagens às vítimas.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: local do evento</p>
 <p>NEWS ao vivo Nova York</p> <p>J10 Estado Islâmico assumiu autoria de atentados no Líbano, Iraque e na França nesta semana G1.com.br EM BRASÍLIA PARA PROTESTAR CONTRA O GOVERNO. ELES PE 22:45</p>	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 22:42 - 22:50</p> <p>Descrição: correspondente Guga Chacra analisa os reflexos dos atentados na ordem internacional.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via computador Local da transmissão: casa do correspondente</p>
 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>ATAQUES EM PARIS J10 Alarmes falsos geram pânico em pontos da capital francesa G1.com.br A*, OS PARTICIPANTES SE DIVERTIRAM MESMO DEBAIXO DE C. 22:55</p>	<p>Data: 15/11/2015 Duração: 22:53 - 22:42</p> <p>Descrição: correspondente Paulo Mariotti está em um dos pontos de homenagens às vítimas.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: local do evento</p>
 <p>NEWS Você está assistindo Jornal GloboNews DOCUMENT 8FM TV</p> <p>Suspeito de envolvimento em ataques em Paris chegou a ser parado pela polícia e foi liberado G1.com.br 07:05</p>	<p>Data: 16/11/2015 Duração: 07:04 - 07:07</p> <p>Descrição: no estúdio do RJ, apresentadora retoma informações sobre os atentados e fala que um dos suspeitos de envolvimento nos ataques chegou a ser preso pela polícia.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>

	<p>Data: 16/11/2015 Duração: 11:26 - 11:30</p> <p>Descrição: correspondente Bianca Rothier fala sobre brasileiros feridos nos atentados, que seguem hospitalizados.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: ponto externo</p>
	<p>Data: 16/11/2015 Duração: 22:26 - 22:28</p> <p><input type="checkbox"/> Descrição: reportagem gravada por Elizabeth Carvalho sobre declarações de François Hollande ao Estado Islâmico.</p>
	<p>Data: 16/11/2015 Duração: 22:28 - 22:33</p> <p>Descrição: correspondente Guga Chacra fala sobre declarações de Obama em relação aos atentados.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 17/11/2015 Duração: 08:11 - 08:12</p> <p>Descrição: correspondente Bianca Rothier fala sobre 128 operações policiais de buscas a suspeitos.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: ponto externo</p>

 <p>NEWS Suspeito estaria preparando outro ataque terrorista 10:02</p>	<p>Data: 17/11/2015 Duração: 10:02 - 10:05</p> <p>Descrição: correspondente Bianca Rothier fala sobre suspeita de que mentores dos atentados estejam planejando novos ataques.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: ponto externo</p>
 <p>NEWS França e Rússia voltam a bombardear o Estado Islâmico com.br A MINERADORA SAMARCO FEZ UM ACORDO COM O MINISTÉRIO 10:27</p>	<p>Data: 17/11/2015 Duração: 10:27 - 10:23</p> <p>Descrição: repórter Carolina Cimenti fala sobre contra-ataques da França e da Rússia contra o Estado Islâmico.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: ponto externo</p>
 <p>NEWS ao vivo Paris ATENTADOS TERRORISTAS EM PARIS Cinco suspeitos de participar dos ataques são presos na Alemanha 13:11</p>	<p>Data: 17/11/2015 Duração: 13:08 - 13:13</p> <p>Descrição: correspondente Bianca Rothier fala prisão de cinco suspeitos na Alemanha</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: ponto externo</p>
 <p>NEWS ao vivo Presidente da França fala sobre segurança do país e ataques ao Estado Islâmico 13:16</p>	<p>Data: 17/11/2015 Duração: 13:14 - 13:22</p> <p>Descrição: transmissão em tempo real de pronunciamento de François Hollande na Unesco.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: ponto externo</p>

	<p>Data: 17/11/2015 Duração: 17:03 - 17:08</p> <p>Descrição: repórter Carolina Cimenti atualiza dados sobre prisão de suspeitos de ataques.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: ponto externo</p>
	<p>Data: 17/11/2015 Duração: 18:02 - 18:06</p> <p>Descrição: correspondente Lúcia Müzell atualiza informações sobre buscas a suspeitos.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via computador Local da transmissão: casa do correspondente</p>
	<p>Data: 17/11/2015 Duração: 18:06 - 18:08</p> <p>Descrição: repórter Bianca Rothier fala sobre reforço na segurança na França.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: ponto externo</p>
	<p>Data: 17/11/2015 Duração: 22:08 - 22:11</p> <p>Descrição: repórter Pedro Vedova fala sobre como parisienses tentam voltar à rotina após atentados.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: ponto externo</p>

	<p>Data: 17/11/2015 Duração: 22:54 - 22:56</p> <p>☐ Descrição: reportagem gravada sobre nova partida de futebol, na Alemanha, cancelada por ameaça de bomba.</p>
	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 06:02 - 06:04</p> <p>Descrição: no estúdio do RJ, apresentador informa que policiais estão em busca de suspeitos no bairro Saint-Denis, em Paris. Imagens ao vivo de agência internacional e gravada dividem a tela.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 06:22 - 06:32</p> <p>Descrição: por telefone, repórter Carolina Cimenti acompanha as operações policiais para prender terroristas na França.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: ligação por celular Local da transmissão: local do evento</p>
	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 06:59 - 07:08</p> <p>Descrição: repórter Carolina Cimenti caminha pelas ruas ao redor do perímetro cercado para a operação policial. Ela fala como está o clima no local e atualiza informações.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: local do evento</p>

 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>Cinco suspeitos foram presos na operação contra terroristas que estariam ligados a ataques na França</p> <p>com.br ADES DA GRANDE SÃO PAULO. OS INVESTIGADORES PRETENDI 08:01</p>	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 08:01 - 08:03</p> <p>Descrição: correspondente Bianca Rothier atualiza informações sobre prisão de suspeitos. Ela não está no local onde ocorre a operação policial.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: ponto externo</p>
 <p>NEWS ao vivo Saint-Denis, França</p> <p>Cinco suspeitos foram presos na operação contra terroristas que estariam ligados a ataques na França</p> <p>com.br PARA QUEM ACERTAR AS SEIS DEZENAS. SEGUNDO A CAIXA E 08:51</p>	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 08:51 - 09:16</p> <p>Descrição: apresentadora, a partir de imagens em tempo real do local, narra momento em que polícia francesa entra em igreja onde terroristas teriam se abrigado.</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: estúdio</p>
 <p>NEWS ao vivo Paris</p> <p>agora há pouco</p> <p>Dois supostos terroristas morreram e sete foram presos durante operação</p> <p>com.br AO PAULO CASSOU ONTEM, POR UNANIMIDADE, O MANDATO 09:39</p>	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 09:38 - 09:42</p> <p>Descrição: correspondente Roberto Kovalick informa, do local da operação, que dois supostos terroristas foram mortos durante a operação policial. Durante a transmissão, tela fica dividida com imagens anteriores, com o indicativo "agora há pouco".</p> <p>Característica temporal: tempo real Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: local do evento</p>
 <p>NEWS ao vivo Saint Denis, França</p> <p>Polícia faz grande operação ao norte de Paris em busca de supostos terroristas</p> <p>10:04</p>	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 10:02 - 10:11</p> <p>Descrição: repórter Carolina Cimenti, no local onde ocorreram buscas a suspeitos em Saint-Denis, traz um balanço com informações atualizadas da operação..</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via celular Local da transmissão: local do evento</p>

	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 10:49 - 10:50</p> <p><input type="checkbox"/> Descrição: entrevista gravada pela emissora portuguesa RTP com moradora do prédio onde estavam suspeitos que foram mortos pela polícia francesa.</p>
	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 10:59 - 11:05</p> <p>Descrição: apresentadores, no estúdio, entrevistam especialista sobre os desafios da França em relação à segurança.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: estúdio</p>
	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 12:13 - 12:17</p> <p><input type="checkbox"/> Descrição: pronunciamento gravado do presidente François Hollande sobre medidas para combater o terrorismo na França.</p>
	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 18:01 - 18:10</p> <p>Descrição: repórter Carolina Cimenti fala sobre como foram as operações policiais no bairro Saint-Denis, em Paris, que terminou com a prisão de sete pessoas.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: ponto externo</p>

 <p>ATAQUES EM PARIS Oito suspeitos dos atentados foram presos no subúrbio de Paris</p> <p>com.br MAIS NOTÍCIAS EM G1.COM.BR/GLOBONEWS. 19:24</p>	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 19:24 - 19:25</p> <p>Descrição: correspondente Lúcia Müzell atualiza número de presos durante operação policial em Saint-Denis, em Paris.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: streaming via computador Local da transmissão: casa do correspondente</p>
 <p>OPERAÇÃO CONTRA O TERRORISMO Prédio invadido pela polícia corre o risco de desabar</p> <p>com.br UMA NOVA OPERAÇÃO CONJUNTA NO GARIMPO DA SERRA DA 22:14</p>	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 22:13 - 22:16</p> <p>Descrição: repórter Pedro Vedova atualiza informações sobre operação para capturar mentores dos ataques, que deixou dois mortos e oito feridos.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: ponto externo</p>
 <p>J10 Obama pede a Putin para se concentrar no grupo Estado Islâmico</p> <p>com.br A GRANDE, NA PARAIBA, A FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ DETEC 22:18</p>	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 22:16 - 22:19</p> <p>Descrição: correspondente Luís Fernando Silva Pinto, de Washington, analisa pedido de Obama para que Putin concentrasse esforços para derrubar o Estado Islâmico.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: estúdio</p>
 <p>J10 Estado Islâmico divulga foto que seria de bomba usada para derrubar avião russo</p> <p>com.br 7 MÁXIMO PARA UM SERVIDOR, OS MINISTROS DEFINIRAM QL 22:20</p>	<p>Data: 18/11/2015 Duração: 22:20 - 22:20</p> <p>Descrição: do estúdio do Rio de Janeiro, apresentador fala sobre foto divulgada pelo Estado Islâmico. A imagem seria de bomba utilizada nos dias dos atentados.</p> <p>Característica temporal: tempo atual Característica tecnológica: via satélite Local da transmissão: estúdio</p>